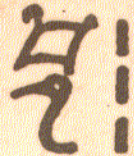
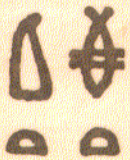
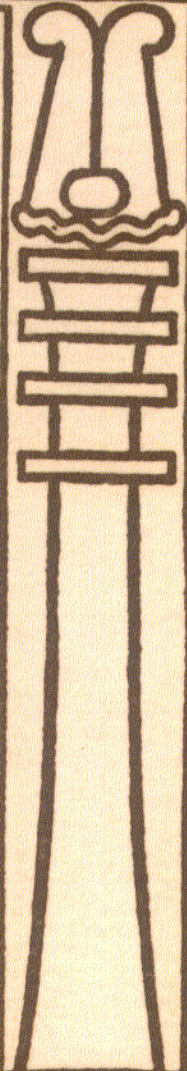
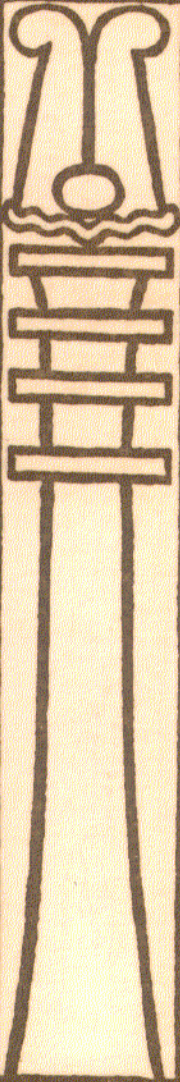




O
EQUI
NÓ
CIO
DOS
DEU
SES



O EQUINÓCIO NO BRASIL

Aleister Crowley, cujo Nome Mágico era TO MEGA THERION (A Grande Besta 666), chamado "o pior homem do mundo", acusado de satanismo, antropofagia ritual, orgias e comércio de drogas, foi uma das mais penetrantes inteligências e o maior ocultista do século vinte. Ele publicou suas revolucionárias descobertas em misticismo, magia, alquimia e teurgia, estabelecendo-as em bases estritamente científicas, numa série de livros sob o nome genérico de O Equinócio, porque os exemplares eram publicados na época dos equinócios, à média de dois ao ano.

Esta série monumental está finalmente sendo publicada no Brasil e procuramos seguir fielmente a intenção original. Em seu conjunto forma talvez a obra mais importante sobre ocultismo jamais publicada no mundo, eliminando superstição, charlatanismo e fanatismo e apresentando a verdadeira Gnose, a Sabedoria Espiritual dos Grandes Iniciados de todos os tempos e todas as raças, de forma clara, concisa, direta e totalmente franca. A época em que "ocultismo" era necessário, devido à perseguição dos ignorantes e dos sectários, já passou.

Cientistas, filósofos, artistas e espiritualistas brasileiros, sejam de que ramo ou método de pensamento, encontrarão nesta série dados preciosos para aprofundar e tornar mais eficientes suas atividades, adaptando-as ao ritmo e ao ponto de vista da Nova Era, a Era de Aquário-Léo.

O EQUINÓCIO DOS DEUSES

O ocultista inglês Aleister Crowley, que se cognominou A GRANDE BESTA 666, foi o mais temido mago e o maior inovador do esoterismo do século vinte. Chamado "o pior homem do mundo" em seu próprio país, vilipendiado pelas ordens iniciáticas e religiões do Aeon de Virgo-Pisces, passou sua existência inteira procurando estabelecer os novos ritmos iniciáticos e religiosos da Era de Aquário-Léo, conforme descritos no Livro da Lei, um misterioso documento obtido por ele em circunstâncias espantosas.

Este presente volume conta detalhadamente a história de como Aleister Crowley obteve a mensagem à qual dedicou o resto de sua vida e até o último centavo de sua grande fortuna pessoal. Crowley morreu em 1947, seus livros desprezados, seu nome caluniado: mas atualmente trinta e quatro de suas obras são *best-sellers* de ocultismo na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa, e seu nome é respeitado por uma geração jovem inteira, desde cantores de *rock* como os Beatles e o conjunto de Led Zeppelin até parapsicologistas e cientistas da era atômica.

A edição brasileira de *O Equinócio dos Deuses* foi tornada possível pelo esforço de muitos ocultistas esclarecidos de ambos os sexos e foi feita sob os auspícios de Marcelo Motta, há mais de vinte anos ligado às ordens iniciáticas de Aleister Crowley. O Sr. Motta, que possui os direitos de publicação para o Brasil de todo o material de autoria da Besta 666, viveu muitos anos nos Estados Unidos, onde estudou com o sucessor direto e mais querido discípulo de Crowley, Frater SATURNUS (Karl Johannes Germer). É formado em inglês por uma universidade americana, autor de livros em inglês, e professor de inglês no Rio de Janeiro. Temos pois um tradutor ligado à corrente original e proficiente na língua original: condições ideais para uma tradução fiel tanto ao espírito quanto à letra das obras de Aleister Crowley.

LIVRO QUATRO

Partes I e II

A próxima publicação nesta série será os dois primeiros volumes de LIVRO QUATRO, respectivamente *Yoga ou Misticismo* e *Elementos de Magia Cerimonial*. LIVRO QUATRO é a obra mais detalhada de Aleister Crowley, e *O Equinócio dos Deuses* representa sua última parte, ou Parte IV. (É publicado antes das outras devido a conter o Livro da Lei, uma reprodução do manuscrito original, e uma reprodução do verso e obverso da Estela de Ankh-f-n-khonsu. O Livro da Lei foi a base de todo o trabalho subsequente de Aleister Crowley.)

Yoga ou Misticismo é o mais simples e mais desprezioso relato da disciplina de Yoga jamais publicado, superando até mesmo os Aforismas de Patanjali em clareza, se considerarmos que os Aforismas foram escritos para a mentalidade oriental. *Elementos de Magia Cerimonial* é o mais simples e mais profundo relato do significado espiritual dos Instrumentos de Magia Ritual que já foi publicado.

Estes dois volumes clarificam a questão tanto de Misticismo quanto de Magia, e definem o elo indispensável entre eles que conduz à verdadeira iluminação espiritual e ao Adeptado. *Livro Quatro* tem sido do máximo valor a ocultistas e espiritualistas no mundo inteiro, de todas as escolas, e até mesmo aos membros mais esclarecidos de todos os cultos religiosos do passado aeon. Sua publicação no Brasil foi protelada durante trinta anos por "ocultistas" que possuíam os originais, mas os conservaram em sigilo para melhor poderem dominar o próximo. Esta conduta indigna de verdadeiros iniciados está finalmente sendo neutralizada. Estamos na Nova Era, e a Lei é para todos.

ERRATA

Pág. 11 — verso omitido: 20. **Beleza e força, riso pulante e langor delicioso, energia e fogo, são de nós.**

Pág. 12 — verso omitido: 32. **Também a razão é uma mentira; pois existe um fator infinito & desconhecido; & todas as suas palavras são meandros.**

ADENDO

Após a publicação deste livro, Grady McMurtry (veja-se *Nota Final*, pág. 153) foi expulso da O.T.O.[®] por traição. Maiores detalhes no ensaio The History of the O.T.O. since Crowley's Death, em *The Oriflamme VI*, números 3—5, cuja tradução para o português (apesar de ainda não publicada) encontra-se disponível aos interessados.

Todos os endereços para contato na *Nota Final* estão ab-rogados. Correspondências tanto para a A.:A.: como para a O.T.O.[®] devem ser enviadas ao seguinte endereço:

Sociedade Ordo Templi Orientis no Brasil[®]

Caixa Postal 1163

14001 Ribeirão Preto SP

O EQUINÓCIO DOS DEUSES

A.: A.:

Publicação em Classes A—E.

Imprimatur :

93	10°=1□	Pro Coll.
666	9°=2□	
216	8°=3□	Summ.
O.M.	7°=4□	Pro Coll.
33	6°=5□	
Φ	5°=6□	Int.
A.	3°=8□	Pro Coll. Ext.



IV

O EQUINÓCIO DOS DEUSES

sendo

L i v r o Q u a t r o

P a r t e I V

(sendo

O EQUINÓCIO NO BRASIL

Vol. I, Nº 1)

An. LXXII Sol in O° O' O'' Aries
21 Março, 1976 e.v., 17h09m

© 1976

por

Marcelo Ramos Motta

ÍNDICE

	Págs.
Introdução	IX
A Lei	1
O Chamado	29
Genesis Libri AL	33
Nota Final	151
Diagrama I da Árvore da Vida	156
Diagrama II da Árvore da Vida	157
Diagrama III da Árvore da Vida	158
Facsímile do Manuscrito Original de Liber AL ..	161
Estela 666 (Obverso)	217
Estela 666 (Reverso)	218
Algumas Indicações Cabalísticas	219

INTRODUÇÃO

Há cinco Classes de Publicações da A. O. A. O. : Classes A, B, C, D e E.

As de Classe A. são escritos de Iniciados do Colégio Sumo, isto é, Acima do Abismo. Tais escritos são reproduzidos exatamente como foram obtidos, e neles não se deve mudar sequer o estilo de uma letra. Somente a reprodução do Manuscrito Original e do texto inglês de AL estão aqui nesta Classe.

Na Classe B. estão as publicações de escritos ou de Iniciados do Colégio Interno da A. O. A. O., ou de Iniciados Acima do Abismo; tais escritos não chegaram até nós na forma original. Somente aqueles de Aleister Crowley (reproduzidos em redondo) e a tradução portuguesa de Liber AL estão aqui nesta Classe.

A Classe C. pertencem as publicações de Iniciados do Colégio Externo, ou obras profanas que são consideradas de interesse a Membros da Ordem. Somente o Comentário em itálico e as notas do tradutor estão aqui nesta Classe.

Na Classe D. temos os Rituais e Instruções Ofi-

ciais da A.: A.:. Todos os Rituais e Instruções
Oficiais aqui reproduzidos estão devidamente anota-
dos como pertencentes a esta Classe.

Na Classe E. se encontram as publicações da A.:
A.: consideradas de interesse não só a Membros da
Ordem como a membros de ordens iniciáticas em
geral, ligadas ou não à A.: A.:. A publicação intei-
ra está nesta Classe.

A L E I

O LIVRO DA LEI

(tecnicamente chamado

L I B E R A L
vel L E G I S

svb figvrâ

CCXX

qual foi ditado por

XCIII=418

a

DCLXVI)

A.: A.:

Publicação em Classe B.

Imprimatur:

93	10°=1□	Pro Coll.
666	9°=2□	
216	8°=3□	Summ.
O.M.	7°=4□	Pro Coll.
33	6°=5□	
Φ	5°=6□	Int.
P.	3°=8□	Pro Coll.
A.	2°=9□	Ext.



O COMENTO

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

O estudo deste Livro é proibido. É sábio destruir esta cópia após a primeira leitura.

Quem não presta atenção a isto incorre em perigo e risco pessoais. Estes são dos mais pavorosos.

Aqueles que discutem o conteúdo deste Livro devem ser evitados por todos, como focos de pestilência.

Todas as questões da Lei devem ser decididas apenas por apelo aos meus escritos, cada qual por si mesmo.

Não existe lei além de Faze o que tu queres.

Amor é a lei, amor sob vontade.

O sacerdote dos príncipes,

ANKH-F-N-KHONSU

I

1. Had! A manifestação de Nuit.
2. A desvelação da companhia do céu.
3. Todo homem e toda mulher é uma estrela.
4. Todo número é infinito; não há diferença.
5. Ajuda-me, ó guerreiro senhor de Tebas, em minha desvelação diante das Crianças dos homens!
6. Sê tu Hadit, meu centro secreto, meu coração & minha língua!
7. Vede! é revelado por Aiwass o ministro de Hoor-paar-kraat.
8. O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs.
9. Identificai-vos pois com o Khabs, e vede minha luz derramada sobre vós!
10. Que meus servidores sejam poucos & secretos: eles regerão os muitos & os conhecidos.
11. Estes são tolos que os homens adoram; seus Deuses & seus homens são tolos.
12. Aparecei, ó crianças, sob as estrelas, & tomai vossa fartura de amor!
13. Eu estou sobre vós e em vós. Meu êxtase está no vosso. Minha alegria é ver vossa alegria.

14. Acima, o enfeitado azul
É de Nuit o esplendor nu
Curvado em prazer taful;
Hadit secreto é beijado.
Céu de estrela e globo alado
São meus, Ó Ankh-af-na-khonsu!

15. Agora sabereis que o escolhido vate & apóstolo do espaço infinito é o sacerdote-príncipe a Besta; e em sua mulher chamada a Mulher Escarlata é todo poder dado. Eles ajuntarão minhas crianças em seu cercado: eles trarão a glória das estrelas para dentro dos corações dos homens.

16. Pois ele é sempre um sol, e ela uma lua. Mas a ele é a alada chama secreta, e a ela a descendente luz estelar.

17. Mas vós não sois assim escolhidos.

18. Queima sobre suas testas, ó serpente esplendorosa!

19. Ó mulher de pálpebras azuis, curva-te sobre eles!

20. A chave dos rituais está na palavra secreta que Eu dei a ele.

21. Com o Deus & o Adorante Eu nada sou; eles não me vêem. Eles são como sobre a terra; Eu sou o Céu, e não há ali outro Deus que me, e meu senhor Hadit.

22. Agora, portanto, Eu vos sou conhecida por meu nome Nuit, e dele por um nome secreto que Eu lhe darei quando ele por fim me conhecer. Desde que Eu sou o Espaço Infinito, e as Infinitas Estrelas de lá, fazei vós assim também. Nada amarreis! Que não haja nenhuma diferença feita entre vós entre qual-

quer uma coisa & qualquer outra coisa; pois daí vem dor.

23. Mas quem quer que valha nisto, seja ele o chefe de tudo!

24. Eu sou Nuit, e minha palavra é seis e cinquenta.

25. Dividi, somai, multiplicaí e compreendei.

26. Então diz o profeta e escravo da bela: Quem sou Eu, e qual há de ser o sinal? Assim ela lhe respondeu, curvando-se, uma lambente chama de azul, tudo-tocando, tudo-penetrando, suas mãos amoráveis sobre a terra negra, & seu corpo flexível arqueado para o amor, e seus pés macios não machucando as pequeninas flores: Tu sabes! E o sinal será meu êxtase, a consciência da continuidade da existência, a onipresença do meu corpo.

27. Então o sacerdote respondeu & disse à Rainha do Espaço, beijando suas amoráveis sobrancelhas, e o orvalho da luz dela banhando o corpo inteiro dele em um doce perfume de suor: Ó Nuit, contínua mulher do Céu, que seja assim sempre; que os homens não falem de Ti como Uma mas como Nenhuma; e que eles não falem de ti de todo, desde que tu és contínua!

28. Nenhuma, respirou a luz, tênue & encantada, das estrelas, e dois.

29. Pois Eu estou dividida por amor ao amor, pela chance de união.

30. Esta é a criação do mundo, que a dor de divisão é como nada, e a alegria da dissolução tudo.

31. Por estes tolos dos homens e suas penas de todo não te cuides! Eles sentem pouco; o que é, é

balançado por fracas alegrias; mas vós sois meus escolhidos.

32. Obedecei meu profeta! cumpri as ordálias do meu conhecimento! buscai-me apenas! Então as alegrias do meu amor vos redimirão de toda pena. Isto é assim; Eu o juro pela cúpula do meu corpo; por meu sagrado coração e língua; por tudo que Eu posso dar, por tudo que Eu desejo de vós todos.

33. Então o sacerdote caiu em um profundo transe ou desmaio, & disse à Rainha do Céu; Escreve para nós as ordálias; escreve para nós os rituais; escreve para nós a lei!

34. Mas ela disse: as ordálias Eu não escrevo: os rituais serão metade conhecidos e metade escondidos: a Lei é para todos.

35. Isto que tu escreves é o tripartido livro de Lei.

36. Meu escriba Ankh-af-na-khonsu, o sacerdote dos príncipes, não mudará este livro em uma só letra; mas para que não haja tolice, ele comentará a respeito pela sabedoria de Ra-Hoor-Khu-it.

37. Também os mantras e encantamentos; o obeah e o wanga; o trabalho da baqueta e o trabalho da espada; estes ele aprenderá e ensinará.

38. Ele deve ensinar; mas ele pode fazer severas as ordálias.

39. A palavra da Lei é *Θελημα*.

40. Quem nos chama Telemitas não fará erro, se ele olhar bem de perto na palavra. Pois há ali Três Graus, o Eremita, e o Amante, e o homem da Terra. Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

41. A palavra de Pecado é Restrição. Ó homem! não recuses tua esposa, se ela quer! Ó amante, se tu

queres, parte! Não existe laço que possa unir os divididos a não ser o amor: tudo mais é maldição. Maldito! Maldito! seja para os eons! Inferno.

42. Deixa estar aquele estado de multiplicidade amarrada e odiando. Assim com teu tudo: tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade.

43. Faze aquilo, e nenhum outro dirá não.

44. Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita.

45. O Perfeito e o Perfeito são um Perfeito e não dois; não, são nenhum!

46. Nada é uma chave secreta desta lei. Sessenta e um os Judeus a chamam; Eu a chamo oito, oitenta, quatrocentos & dezoito.

47. Mas eles têm a metade: une por tua arte para que tudo desapareça.

48. Meu profeta é um tolo com seu um, um, um; não são eles o Boi, e nenhum pelo Livro?

49. Abogados estão todos os rituais, todas as ordálias, todas as palavras e sinais. Ra-Hoor-Khuit tomou seu assento no Oriente ao Equinócio dos Deuses; e que Asar seja com Isa, que também são um. Mas eles não são de me. Que Asar seja o adorante, Isa o sofredor; Hoor em seu secreto nome e esplendor é o Senhor iniciando.

50. Existe uma palavra a dizer a respeito do trabalho Hierofântico. Vede! existem três ordálias em uma, e pode ser dada em três caminhos. O grosseiro deve passar por fogo; que o fino seja provado em intelecto, e os elevados escolhidos, no altíssimo. Assim vós tendes estrela & estrela, sistema & sistema; que nenhum conheça bem o outro!

51. Há quatro portões para um palácio; o chão

daquele palácio é de prata e ouro; lápis-lazúli & jaspe estão ali; e todos perfumes raros; jasmim & rosa, e os emblemas da morte. Que ele entre sucessiva ou simultaneamente pelos quatro portões; que ele fique de pé no chão do palácio. Não afundará ele? Amn. Ho! guerreiro, se teu servo afunda? Mas há meios e meios. Sede bons portanto: vesti-vos finamente; comei comidas ricas e bebei vinhos doces e vinhos que espumem! Também, tomai vossa fartura e vontade de amor como quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes! Mas sempre para me.

52. Se isto não for correto; se confundis as marcas do espaço, dizendo: Elas são uma; ou dizendo, Elas são muitas; se o ritual não for sempre para me: então esperai os terríveis julgamentos de Ra Hoor Khuit!

53. Isto regenerará o mundo, o mundozinho minha irmã, meu coração & minha língua, a quem Eu mando este beijo. Também, ó escriba e profeta, se bem que tu és dos príncipes, isto não te redimirá nem te absolverá. Mas êxtase seja teu e alegria da terra: sempre A me! A me!

54. Não mudes nem mesmo o estilo de uma letra; pois vê! tu, ó profeta, não verás todos estes mistérios escondidos aí.

55. A criança das tuas entranhas, *ele* os verá.

56. Não o esperes do Oriente, nem do Ocidente; pois de nenhuma casa esperada vem aquela criança. Aum! Todas as palavras são sagradas e todos os profetas verdadeiros; salvo apenas que eles compreendem um pouco; resolvem a primeira metade da equação, deixam a segunda inatacada. Mas tu tens tudo na luz clara e algo, mas não tudo, na escuridão.

57. Invocai-me sob minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade. Nem confundam os tolos o amor; pois existem amor e amor. Existe o pombo, e existe a serpente. Escolhei bem! Ele, meu profeta, escolheu, conhecendo a lei da fortaleza, e o grande mistério da Casa de Deus.

Todas essas velhas letras de meu Livro estão corretas; mas ♀ não é a Estrela. Isto também é secreto: meu profeta o revelará aos sábios.

58. Eu dou alegrias inimagináveis sobre a terra; certeza, não fé, enquanto em vida, sobre a morte; paz inominável, descanso, êxtase; nem exijo Eu coisa alguma em sacrifício.

59. Meu incenso é de madeiras resinosas & gomas; e não existe sangue ali: por causa de meu cabelo as árvores da Eternidade.

60. Meu número é 11, como todos os seus números que são de nós. A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, e o círculo é Vermelho. Minha cor é negra para os cegos, mas o azul & ouro são vistos dos videntes. Também Eu tenho uma glória secreta para aqueles que me amam.

61. Mas amar-me é melhor que toda coisa: se sob as estrelas da noite no deserto tu presentemente queimas meu incenso diante de me, invocando-me com um coração puro, e a chama Serpentina ali contida, tu virás deitar-te em meu seio um bocadinho. Por um beijo tu então quererás dar tudo; mas quem quer que dê uma partícula de pó perderá tudo naquela hora. Vós ajuntareis mercadorias e quantidades de mulheres e especiarias; vós usareis ricas jóias; vós excedereis as nações da terra em esplendor & orgulho; mas sempre no amor de me, e assim vireis à

minha alegria. Eu te urjo seriamente a que venhas diante de me em uma vestimenta única, e coberto com um rico diadema. Eu te amo! Eu te desejo! Pálido ou púrpura, velado ou voluptuoso, Eu que sou todo o prazer e púrpura, e embriaguês do senso mais íntimo, te desejo. Põe as asas, e acorda o esplendor enroscado dentro de ti: vem a me!

62. Em todos os meus encontros convosco a sacerdotisa dirá — e seus olhos queimarão com desejo enquanto ela está de pé nua e regozijante em meu templo secreto — A me! A me! evocando a flama dos corações de todos em seu cântico de amor.

63. Cantai a canção de amor feliz para me! Queimai perfumes para me! Usai jóias para me! Bebei a me, pois Eu vos amo! Eu vos amo!

64. Eu sou a filha do Poente, de pálpebras azuis; Eu sou o brilho nu do voluptuoso céu noturno.

65. A me! A me!

66. A Manifestação de Nuit está em um fim.

II

1. Nu! o esconder de Hadit.

2. Vinde! todos vós, e aprendei o segredo que ainda não foi revelado. Eu, Hadit, sou o complemento de Nu, minha noiva. Eu não sou estendido, e Khabs é o nome de minha Casa.

3. Na esfera Eu sou em toda parte o centro, tal qual ela, a circunferência, em parte alguma é encontrada.

4. No entanto ela será conhecida & Eu nunca.

5. Vede! os rituais do velho tempo são negros. Que os ruins sejam jogados fora; que os bons sejam purgados pelo profeta! Então este Conhecimento irá corretamente.

6. Eu sou a flama que queima em todo coração de homem, e no âmago de toda estrela. Eu sou Vida, e o doador de Vida, no entanto por isto conhecer-me é conhecer a morte.

7. Eu sou o Mago e o Exorcista. Eu sou o eixo da roda, e o cubo no círculo. “Vinde a mim” é uma palavra tola; pois sou Eu que vou.

8. Quem adorou Heru-pa-kraath adorou-me; erro, pois Eu sou o adorante.

9. Lembrai-vos todos vós de que existência é pura alegria; de que todos os sofrimentos são apenas como sombras; eles passam & estão acabados; mas existe aquilo que resta.

10. Ó profeta! tu tens má vontade de aprender esta escritura.

11. Eu te vejo odiar a mão & a pena; mas Eu sou mais forte.

12. Por causa de me em Ti que tu não conhecias.

13. por que? Porque tu eras o conhecedor, e me.

14. Agora haja um velar deste sacrário: agora que a luz devore os homens e os engula com cegueira!

15. Pois Eu sou perfeito, Não sendo; e meu número é nove pelos tolos; mas com o justo Eu sou oito, e um em oito: O que é vital, pois Eu nenhum sou de fato. A Imperatriz e o Rei não são de me; pois existe um outro segredo.

16. Eu sou A Imperatriz & o Hierofante. Assim onze, como minha noiva é onze.

17. Ouvi, vós que suspirais!
As dores de pena infinda
Queda aos mortos e mortais,
Quem me não conhece ainda.

18. Estes são mortos, esta gente; eles não sentem. Nós não somos para os pobres e tristes: os senhores da terra são nossos parentes.

19. Há um Deus de viver em um cão? Não! mas os mais elevados são de nós. Eles se regozija-

rão, nossos escolhidos: quem se amargura não é de nós.

21. Nós nada temos com o incapaz e o expulso: deixai-os morrer em sua miséria. Pois eles não sentem. Compaixão é o vício dos reis: calcai aos pés os desgraçados & os fracos: esta é a lei do forte: esta é nossa lei e a alegria do mundo. Não penses, ó rei, naquela mentira: Que Tu Deves Morrer: em verdade, tu não morrerás, mas viverás. Agora seja isto compreendido: Se o corpo do Rei se dissolve, ele permanecerá em puro êxtase para sempre. Nuit! Hadit! Ra-Hoor-Khuit! O Sol, Força & Visão, Luz; estes são para os servidores da Estrela & da Cobra.

22. Eu sou a Cobra que dá Conhecimento & Deleite e brilhante glória, e movo os corações dos homens com embriaguês. Para adorar-me tomaí vinho e estranhas drogas das quais Eu direi ao meu profeta, & embriagai-vos deles! Eles não vos farão mal de forma alguma. É uma mentira, esta tolice contra si mesmo. A exibição de inocência é uma mentira. Sê forte, ó homem! Arde, usufrui todas as coisas de senso e raptura: não temas que qualquer Deus te negará por isto.

23. Eu sou só: não existe Deus onde Eu sou.

24. Vede! estes são graves mistérios; pois há também de meus amigos quem são eremitas. Agora não penseis encontrá-los na floresta ou na montanha; mas em camas de púrpura, acariciados por magníficas bestas de mulheres com longos membros, e fogo e luz em seus olhos, e massas de cabelo flamejante em volta delas; lá vós os encontrareis. Vós os vereis governando, em exércitos vitoriosos, em toda a alegria; e haverá neles uma alegria um milhão de

vezes maior que isto. Cuidado para que algum não force outro, Rei contra Rei! Amai-vos uns aos outros com corações ardentes; nos homens baixos pisai no enérgico ímpeto do vosso orgulho, no dia de vossa cólera.

25. Vós sois contra o povo, Ó meus escolhidos!

26. Eu sou a secreta Serpente enroscada a ponto de pular: em minhas roscas há alegria. Se Eu levanto minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um. Se Eu abaixo minha cabeça, e ejaculo veneno, então há raptura da terra, e Eu e a terra somos um.

27. Existe grande perigo em me; pois quem não compreende estas runas fará uma grande falha. Ele cairá dentro do mundéu chamado Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.

28. Agora uma maldição sobre Porque e seus parentes!

29. Seja Porque amaldiçoado para sempre!

30. Se a Vontade pára e grita Por Que, invocando Porque, então a Vontade pára & nada faz.

31. Se o Poder pergunta por que, então o Poder é fraqueza.

33. Bastante de Porque! Seja ele danado para um cão!

34. Mas vós, ó meu povo, levantai-vos & acordai!

35. Que os rituais sejam retamente executados com alegria & beleza!

36. Há rituais dos elementos e festas das estações.

37. Uma festa para a primeira noite do Profeta e sua Noiva!

38. Uma festa para os três dias da escritura do Livro da Lei.

39. Uma festa para Tahuti e a criança do Profeta—Secreta, Ó Profeta!

40. Uma festa para o Supremo Ritual, e uma festa para o Equinócio dos Deuses.

41. Uma festa para o fogo e uma festa para a água; uma festa para a vida e uma festa maior para a morte!

42. Uma festa diária em vossos corações na alegria de minha raptura!

43. Uma festa toda noite para Nu, e o prazer do mais transcendente deleite!

44. Sim! festejai! regozijai-vos! não existe pavor no além. Existe a dissolução, e eterno êxtase nos beijos de Nu.

45. Há morte para os cães.

46. Falhas? Arrependes-te? Há medo em teu coração?

47. Onde Eu sou estes não são.

48. Não tendes piedade dos caídos! Eu nunca os conheci. Eu não sou para eles. Eu não consolo: Eu odeio o consolado & o consolador.

49. Eu sou único & conquistador. Eu não sou dos escravos que perecem. Sejam eles danados & mortos! Amen. (Isto é dos 4: existe um quinto que é invisível, & ali sou Eu como um bebê em um ovo.)

50. Azul sou Eu e ouro na luz de minha noiva: mas o brilho vermelho está nos meus olhos; & minhas escamas são púrpura & verde.

51. Púrpura além do púrpura: é a luz mais alta que a visão.

52. Existe um véu; aquele véu é negro. É o véu da mulher modesta; e o véu de sofrimento, & o manto de morte: isto nenhum é de me. Rasgai

abaixo aquele mentiroso espectro dos séculos: não ve-
leis vossos vícios em palavras virtuosas: estes vícios
são meu serviço; vós fazeis bem, & Eu vos recom-
pensarei aqui e no além.

53. Não temas, ó profeta, quando estas palavras
forem ditas, tu não te arrependers. Tu és enfatica-
mente meu escolhido; e abençoados são os olhos que
tu contemplares com alegria. Mas Eu te esconderei
em uma máscara de sofrimento: eles que te verem
receiarão que tu és caído: mas Eu te levanto.

54. Nem valerão aqueles que gritam alto sua to-
lice que tu não significas nada; tu o revelarás; tu
vales: eles são os escravos de porque: Eles não são
de me. A pontuação como quizeres; as letras? não
as mudes em estilo ou valor!

55. Tu obterás a ordem & valor do Alfabe-
to Inglês: tu acharás novos símbolos aos quais atri-
bui-las.

56. Ide! vós escarnecedores; apesar de que ri-
des em minha honra vós não rireis longamente: en-
tão quando estiverdes tristes sabei que Eu vos aban-
donei.

57. Ele que é correto será correto ainda; ele
que é imundo será imundo ainda.

58. Sim! não penseis em mudança: vós sereis
como sois, & não outro. Portanto os reis da terra
serão Reis para sempre: os escravos servirão. Ne-
nhum existe que será derrubado ou elevado: tudo é
sempre como foi. No entanto existem uns mascarados
meus servidores: pode ser que aquele mendigo ali
seja um Rei. Um Rei pode escolher sua roupa como
quiser: não existe teste certo: mas um mendigo não
pode esconder sua pobreza.

59. Cuidado portanto! Amai a todos, pois pode
ser que haja um Rei escondido! Dizeis assim? Tolo!
Se ele é um Rei, tu não podes feri-lo.

60. Portanto, golpeia duro e baixo, e para o in-
ferno com eles, mestre!

61. Existe uma luz diante dos teus olhos, ó pro-
feta, uma luz indesejada, muito desejável.

62. Eu estou erguido em teu coração; e os bei-
jos das estrelas chovem forte no teu corpo.

63. Tu estás exausto na fartura voluptuosa da
inspiração; a expiração é mais doce que a morte,
mais rápida e cheia de riso que uma carícia do verme
do Inferno.

64. Ó! tu estás sobrepujado: nós estamos so-
bre ti; nosso deleite está sobre tu todo: salve! sal-
ve: profeta de Nu! profeta de Had! profeta de Ra-
Hoor-Khu! Agora regozija-te! agora vem em nosso
esplendor & raptura! Vem em nossa paz apaixonada,
& escreve doces palavras para os Reis!

65. Eu sou o Mestre: tu és o Santo Escolhido.

66. Escreve, & encontra êxtase na escrita! Tra-
balha, & sê nossa cama trabalhando! Freme com a
alegria de vida & morte! Ah! tua morte será linda:
quem a ver se alegrará. Tua morte será o selo da
promessa do nosso anciente amor. Vem! levanta teu
coração & regozija-te! Nós somos um; nós somos
nenhum.

67. Firma! Firma! Agüenta em tua raptura;
não caias em desmaio dos beijos excelentes!

68. Endurece! Conserva-te a prumo! Levanta
tua cabeça! não respires tão fundo — morre!

69. Ah! Ah! Que sinto Eu? Está a palavra
exausta?

70. Existe auxílio & esperança em outros encantamentos. Sabedoria diz: sê forte! Então tu podes suportar mais alegria. Não sejas animal; refina tua raptura! Se tu bebes, bebe pelas oito e noventa regras de arte: se tu amas, excede em delicadeza; e se tu fazes o que quer que seja de alegre, que haja sutileza ali contida!

71. Mas excede! excede!

72. Esforça-te sempre por mais! e se tu és verdadeiramente meu — e não o duvides, e se tu és sempre alegre! — a morte é a coroa de tudo.

73. Ah! Ah! Morte! Morte! tu ansiarás pela morte. Morte está proibida, ó homem, para ti.

74. A duração da tua ânsia será a força da sua glória. Aquele que vive longamente & deseja muito a morte é sempre o Rei entre os Reis.

75. Sim! escuta os números & as palavras:

76. 4 6 3 8 A B K 2 4 A L G M O R 3 Y X
24 89 R P S T O V A L. Que significa isto, ó profeta? Tu não sabes; nem tu saberás sempre. Vem um para te seguir: ele o exporá. Mas lembra-te, ó escolhido, de ser me; de seguir o amor de Nu no céu iluminado de estrelas; de contemplar os homens, de dizer-lhes esta palavra alegre.

77. Ó sê tu orgulhoso e pujante entre os homens!

78. Levanta-te! pois nenhum existe como tu entre homens ou entre Deuses! Levanta-te, ó meu profeta, tua estatura sobrepassará as estrelas. Elas adorarão teu nome, quadrangular, místico, maravilhoso, o número do homem; e o nome de tua casa 418.

79. O fim do esconder de Hadit; e bênção & veneração ao profeta da amorável Estrela!

III

1. Abrahadabra: a recompensa de Ra Hoor Khut.

2. Existe divisão daqui em direção ao lar; existe uma palavra não conhecida. Soletrar está defunto; tudo não é alguma coisa. Cuidado! Firmar! Levantai o encanto de Ra-Hoor-Khuit!

3. Agora seja primeiramente compreendido que Eu sou um deus de Guerra e de Vingança. Eu lidarei duramente com eles.

4. Escolhei uma ilha!

5. Fortificai-a!

6. Cercai-a de engenharia de guerra!

7. Eu vos darei uma máquina de guerra.

8. Com ela vós golpeareis os povos; e nenhum ficará de pé diante de vós.

9. Espreitei! Retirai-vos! Sobre eles! esta é a Lei da Batalha de Conquista: assim será meu culto em volta de minha casa secreta.

10. Toma a estela de revelação mesma; coloca-a em teu templo secreto — e aquele templo já está corretamente disposto — & ela será vossa Kiblah para sempre. Ela não desbotará, mas cor miraculosa vol-

tará a ela dia após dia. Fechai-a em vidro trancado como uma prova para o mundo.

11. Esta será vossa única prova. Eu proíbo argumento. Conquistai! Isso basta. Eu farei fácil para vós a abstrução da casa mal-ordenada na Cidade Vitoriosa. Tu a transportarás tu mesmo com veneração, ó profeta, se bem que tu não gostas. Tu terás perigo & tribulação. Ra-Hoor-Khu está contigo. Adorai-me com fogo & sangue; adorai-me com espadas & com lanças. Que a mulher seja cingida com uma espada diante de me; que sangue corra em meu nome. Calcai aos pés os Gentios; sede sobre eles, ó guerreiro, Eu vos darei da carne deles para comer!

12. Sacrificai gado, pequeno e grande: depois uma criança.

13. Mas não agora.

14. Vós vereis aquela hora, ó Besta abençoada, e tu a Concubina Escarlata do desejo dele!

15. Vós ficareis tristes por isto.

16. Não penseis demasiado avidamente em apossar-vos das promessas; não temais incorrer nas maldições. Vós, mesmo vós, não conheceis este significado todo.

17. De todo não temais; não temais nem homens nem Fados, nem deuses, nem coisa alguma. Dinheiro não temais, nem risada da tolice do povo, nem qualquer outro poder no céu ou sobre a terra ou de baixo da terra. Nu é vosso refúgio como Hadit vossa luz; e Eu sou a potência, força, vigor, de vossas armas.

18. Misericórdia esteja fora: amaldiçoi os que se apiedam! Matai e torturai; não poupeis; sede sobre eles!

19. Aquela estela eles chamarão de Abominação da Desolação; contai bem seu nome, & será para vós em 718.

20. Por que? Por causa da queda de Porque, que ele não é lá novamente.

21. Coloca minha imagem no Este: tu te comprarás uma imagem que Eu te mostrarei, especial, não dessemelhante àquela que tu conheces. E será subitamente fácil para ti o fazer isto.

22. As outras imagens agrupa em volta minha para suportar-me: sejam todas adoradas, pois elas se reunirão para exaltar-me. Eu sou o objeto visível de adoração; os outros são secretos; para a Besta & sua Noiva são eles: e para os vencedores da Ordália x. O que é isto? Tu saberás.

23. Para perfume misturai farinha & mel & grossa borra de vinho tinto: então óleo de Abramelin e óleo de oliva, e depois amolecei & amaciai com rico sangue fresco.

24. O melhor sangue é da lua, mensal: então o sangue fresco de uma criança, ou pingando da hóstia do céu: então de inimigos: então do sacerdote ou dos adorantes: por último de alguma besta, não importa qual.

25. Isto queimai: disto fazei bolos & comi para me. Isto tem também um outro uso; seja depositado diante de me, e conservado impregnado com perfumes de vossa prece: encher-se-á de escaravelhos como se fosse e coisas rastejantes sagradas a me.

26. Estes matai, nomeando vossos inimigos; & eles cairão diante de vós.

27. Também estes engendrarão ardor & poder de ardor em vós ao serem comidos.

28. Também sereis fortes na guerra.

29. Além disto, sejam eles longamente conservados, é melhor; pois incham com minha força. Tudo diante de me.

30. Meu altar é de latão rendado: queimai sobre ele em prata ou ouro!

31. Vem um homem rico do Oeste que derramará seu ouro sobre ti.

32. De ouro forja aço!

33. Sê pronto a fugir ou a golpear!

34. Mas vosso lugar santo será intocado através dos séculos: se bem que com fogo e espada ele seja queimado & despedaçado, no entanto uma casa invisível está de pé ali, e estará de pé até a queda do Grande Equinócio; quando Hrumachis se erguerá e o da dupla baqueta assumirá meu trono e lugar. Outro profeta se erguerá, e trará febre nova dos céus; outra mulher despertará o ardor & adoração da Cobra; outra alma de Deus e besta misturar-se-á no sacerdote glabado; outro sacrifício manchará a tumba; outro rei reinará; e bênção não seja mais derramada Ao místico Senhor de Cabeça de Falcão!

35. A metade da palavra de Heru-ra-ha, chamado Hoor-pa-kraat e Ra-Hoor-Khut.

36. Então disse o profeta ao Deus:

37. Eu te adoro na canção —

Eu sou o Senhor de Tebas, e eu
O vate inspirado de Mentu.
Para mim desvela o véu do céu,
O sacrificado Ankh-af-na-khonsu
Cujo verbo é lei. Deixa que eu incite
Tua presença aqui, Ó Ra-Hoor-Khut!

Última! Unidade demonstrada!

Adoro Teu poder, Teu sopro forte,
Deus terrível, suprema flor do nada,
Que fazes com que os deuses e que a morte
Tremam diante de Ti:

Eu, Eu adoro a ti!

Aparece no trono de Ra!

Abre os caminhos do Khu!

Ilumina os caminhos do Ka!

Nas rotas do Khabs sê tu,

Para mover-me ou parar-me!

Aum! enche meu carme!

38. De forma que tua luz está em mim; & sua flama rubra é como uma espada em minha mão para empurrar tua ordem. Existe uma porta secreta que Eu farei para estabelecer tua rota em todos os quadrantes (estas são as adorações, como tu escreveste), como é dito:

É minha a luz; faz que eu me vá
Com os seus raios. Sou o autor
De oculta porta ao Lar de Ra
E Tum, de Khephra e de Athoor.
Eu sou teu Tebano, Ó Mentu,
O profeta Ankh-af-na-khonsu!

Por Bes-na-Maut bato no peito;
E por Ta-Nech lanço o feitiço.
Brilha, Nuit, ó céu perfeito!
Alada cobra, luz e viço,
Abre-me tua Casa, Hadit!
Mora comigo, Ra-Hoor-Kuit!

39. Tudo isto e um livro para dizer como tu chegaste aqui e uma reprodução desta tinta e papel para sempre — pois nisto está a palavra secreta & não apenas no Inglês — e teu comento sobre este o Livro da Lei será impresso belamente em tinta vermelha e negra sobre belo papel feito à mão; e a cada homem e mulher que tu encontras, fosse apenas para jantar ou beber a eles, esta é a Lei a dar. Então talvez eles decidam permanecer nesta felicidade ou não; não tem importância. Faze isto rápido!

40. Mas o trabalho do comento? Aquilo é fácil; e Hadit ardendo em teu coração fará célere e segura tua pena.

41. Estabelece em tua Kaaba um escritório; tudo deve ser bem feito e com jeito de negócios.

42. As ordálias tu fiscalizarás tu mesmo, salvo apenas as cegas. Não recuses ninguém, mas tu conhecerás & destruirás os traidores. Eu sou Ra-Hoor-Khuit; e Eu sou poderoso para proteger meu servo. Sucesso é tua prova; não discutas; não convertas; não fales demais! Aqueles que buscam armar-te uma cilada, derrubar-te, esses ataca sem dó nem trégua; & destrói-os por completo. Célere como uma serpente pisada vira-te e dá o bote! Sê tu mais mortífero ainda que ele! Puxa para baixo suas almas a tormento horrível: ri do medo deles: cospe sobre eles!

43. Que a Mulher Escarlata se precate! Se piedade e compaixão e ternura visitarem seu coração; se ela deixar meu trabalho para brincar com velhas doçuras; então minha vingança será conhecida. Eu me matarei sua criança: Eu alienarei seu coração: Eu a expelirei dos homens: como uma encolhida e despre-

zada rameira ela rastejará por ruas molhadas e escuras, e morrerá fria e faminta.

44. Mas que ela se erga em orgulho! Que ela me siga em meu caminho! Que ela obre a obra de maldade! Que ela mate seu coração! Que ela seja gritona e adúltera! Que ela esteja coberta de jóias, e ricas roupas, e que ela seja sem vergonha diante de todos os homens!

45. Então Eu a levantarei a pináculos de poder: então Eu engendrarei dela uma criança mais pujante que todos os reis da terra. Eu a encherei de alegria: com minha força ela verá & dará o golpe à adoração de Nu: ela conseguirá Hadit.

46. Eu sou o guerreiro Senhor dos Quarentas: os Oitentas se acovardam diante de me, & são afundados. Eu vos trarei a vitória & alegria: Eu estarei nas vossas armas em batalha & vós deleitareis em matar. Sucesso é vossa prova; coragem é vossa armadura; avante, avante em minha força; & vós não retrocedereis de qualquer!

47. Este livro será traduzido em todas as línguas: mas sempre com o original pela mão da Besta; pois na forma ao acaso das letras e sua posição umas com as outras: nestas há mistérios que nenhuma Besta adivinhará. Que ele não procure tentar: mas um vem após ele, de onde Eu não digo, que descobrirá a Chave disso tudo. Então esta linha traçada é uma chave; então este círculo esquadrado em seu fracasso é uma chave também. E Abrahadabra. Será sua criança & isso estranhamente. Que ele não busque após isto; pois dessa forma apenas pode ele cair.

48. Agora este mistério das letras está acabado, e Eu quero prosseguir para o lugar mais santo.

49. Eu estou em uma secreta palavra quádrupla, a blasfêmia contra todos os deuses dos homens.

50. Maldição sobre eles! Maldição sobre eles! Maldição sobre eles!

51. Com minha cabeça de Falcão Eu bico os olhos de Jesus enquanto ele se dependura da cruz.

52. Eu ruflo minhas asas na face de Mohammed & cego-o.

53. Com minhas garras Eu dilacero e puxo fora a carne do Hindu e do Budista, Mongol e Din.

54. Bahlasti! Ompehda! Eu cuspo nos vossos credos crapulosos.

55. Que Maria inviolada seja despedaçada sobre rodas: por causa dela que todas as mulheres castas sejam completamente desprezadas entre vós!

56. Também por causa da beleza e do amor!

57. Desprezai também todos os covardes; soldados profissionais que não ousam lutar, mas brincam; todos os tolos desprezai!

58. Mas os afiados e os altivos, os régios e os elevados; vós sois irmãos!

59. Lutai como irmãos!

60. Não existe lei além de Faze o que tu queres.

61. Há um fim da palavra do Deus entronado no assento de Ra, tornando leves as vigas da alma.

62. A Me reverenciai! a me vinde através de tribulação de ordália, que é deleite.

63. O tolo lê este Livro da Lei, e seu comento; & ele não o compreende.

64. Que ele passe pela primeira ordália, & será para ele como prata.

65. Pela segunda, ouro.

66. Pela terceira, pedras de água preciosa.

67. Pela quarta, ultimais fagulhas do fogo íntimo.

68. No entanto a todos ele parecerá belo. Seus inimigos que não dizem assim, são meros mentirosos.

69. Existe sucesso.

70. Eu sou o Senhor de Cabeça de Falcão do Silêncio & da Força; minha nêmes cobre o céu azul-noturno.

71. Salve! vós gêmeos guerreiros em volta dos pilares do mundo! pois vossa hora está próxima.

72. Eu sou o Senhor da Dupla Baqueta de Poder; a baqueta da Força de Coph Nia — mas minha mão esquerda está vazia, pois Eu esmaguei um Universo; & nada resta.

73. Empastai as folhas da direita para a esquerda e do topo ao pé: então contemplai!

74. Existe um esplendor em meu nome oculto e glorioso, como o sol da meia-noite é sempre o filho.

75. O fim das palavras é a Palavra Abrahadabra.

O Livro da Lei está Escrito
e Escondido.
Aum. Ha.

O CHAMADO

O CHAMADO

Nos dias 8, 9 e 10 de abril de 1904 e.v. este livro ⁽¹⁾ foi ditado a 666 (Aleister Crowley) por Aiwass, um Ente cuja natureza ele não compreende por completo, mas que Se descreveu a Si Mesmo como 'o ministro de Hoor-paar-kraat' (O Senhor do Silêncio).

O conteúdo do livro prova, de maneira estritamente científica, e demonstrável como tal, que Aiwass possui conhecimento e poder além de tudo que foi até agora associado com as faculdades humanas.

As circunstâncias do ditame foram descritas no *Equinox*, Vol. I, N.º 7; mas um relato mais completo, com um resumo da prova do caráter do livro, é aqui dado a público.

O livro anuncia uma Nova Lei para a humanidade.

Substitui as sanções morais e religiosas do passado que em toda parte se deterioraram, por um princípio válido para cada homem e mulher no mundo inteiro, e evidente por si mesmo.

A Revolução espiritual anunciada pelo livro já

(1) Nota do Tradutor: O Livro da Lei.

ocorreu; não há nenhuma nação onde ela não se manifeste abertamente.

A ignorância do verdadeiro significado desta nova Lei conduziu a grosseira anarquia. Sua adoção consciente, em seu correto senso, é a única cura para o desassossêgo político, social e racial que causou a Grande Guerra, a catástrofe da Europa e da América, e a ameaçadora atitude da China, da Índia e do Islã.

A solução, no livro, dos problemas fundamentais da matemática e da filosofia, estabelecerá uma nova época na história.

Mas não se deve supor que um instrumento tão potente de energia possa ser usado sem perigo.

Portanto convoco, pelo poder e autoridade que me foram confiados, todo grande espírito e mente agora encarnado sobre este planeta, para que assuma controle efetivo desta força transcendente, e a aplique para o progresso e o bem-estar da raça humana.

Pois como a experiência destes trinta e dois anos terrivelmente mostrou, o livro não pode ser ignorado. Ele fermentou a Humanidade sem que esta percebesse: e o Homem deve dele amassar o Pão da Vida. Seu lêvedo começou a agir na uva do pensamento: o Homem deve espremer desta o Vinho do Êxtase.

Vinde então, todos vós, em Nome do Senhor do Aeon, a Criança Coroada e Conquistadora, Heru-ra-ha: eu vos chamo a partilhar deste sacramento.

Sabei — querei — ousai — e calai-vos!

O Sacerdote dos Príncipes,
ANKH-AF-NA-KHONSU

GENESIS LIBRI AL

Publicação em Classes B-C.

Imprimatur:

93	10°=1□	Pro Coll.
666	9°=2□	
216	8°=3□	Summ.

O.M.	7°=4□	Pro Coll.
33	6°=5□	
φ	5°=6□	Int.

A.	2°=9□	Pro Coll. Ext.
----	-------	-------------------



GENESIS LIBRI AL

CAPÍTULO I⁽¹⁾

A Infância de Aleister Crowley

Em Clarendon Square, N.º 36, na cidade de Leamington, condado de Warwickshire, na Inglaterra, às 22h 50m do décimo segundo dia de outubro do ano de mil oitocentos e setenta e cinco da era vulgar, nasceu a pessoa cuja história vai ser contada.

Seu pai chamava-se Edward Crowley; sua mãe, Emily Bertha, nascida Bishop. Edward Crowley era um Irmão Exclusivo da Irmandade Plymouth ⁽²⁾, o mais respeitado chefe daquela seita. Este ramo da

1. No Livro da Lei encontramos, no Terceiro Capítulo, versos 39-41, instruções para se publicar um livro dizendo como esta Revelação foi obtida, e dando certos detalhes quanto ao estilo em que a publicação deve ser feita.

Até este momento foi impossível obedecer a essa injunção, se bem que foi feita uma tentativa em "O Templo de Salomão o Rei". Mas agora assim faremos; o assunto se divide em Oito Capítulos.

(2) N.T.: A Irmandade Plymouth foi uma das mais puritânicas seitas protestantes inglesas.

família Crowley se estabelecera na Inglaterra desde a época dos Tudors, mas sua origem é celta, pois Crowley é um clã de Kerry e de outros condados do sudoeste da Irlanda, do mesmo sangue que os 'de Queroauille' ou 'de Kerval' bretões, que deram uma Duquesa de Portsmouth à Inglaterra. Supõe-se que o ramo inglês — os ancestrais diretos de Edward Alexander Crowley — veio para a Inglaterra com o Duque de Richmond, e se estabeleceu em Bosworth.

Em 1882 Edward Crowley foi viver em "The Grange", na cidade de Redhill, condado de Surrey. Em 1884, o menino, que até então fora educado por governantas e tutores, foi mandado para uma escola em St. Leonard, mantida por certos evangelistas (3) extremistas chamados Hebershon. Um ano mais tarde foi transferido para outra escola, esta em Cambridge e sob a responsabilidade de um Irmão de Plymouth chamado Champney. (As datas neste parágrafo possivelmente não são exatas. Não temos evidência documental a nosso dispor no momento presente. — Ed.)

Em 5 de março de 1887 e.v., Edward Crowley morreu. Dois anos mais tarde o menino foi retirado da escola. Esses dois anos foram de incrível tortura, cujos detalhes foram mencionados no prefácio ao seu poema "A Tragédia do Mundo". Esta tortura minou-lhe seriamente a saúde. Durante dois anos ele viajou com seus tutores, na mór parte por Gales e pela Escócia. Em 1890, tendo sua mãe se mudado para Streatham, a fim de estar mais próxima do irmão, Tom Bond Bishop, um Evangelista de mente

(3) N.T.: Outra das mais fanáticas seitas protestantes inglesas.

extremamente estreita, foi o menino mandado, por pouco tempo, para uma escola situada neste lugar, mantida por um homem chamado Yarrow. Isto preparou o adolescente para Malvern, onde ingressou no verão de 1891. Ali permaneceu durante um termo apenas, pois sua saúde ainda era muito delicada. No outono foi matriculado no Colégio de Tonbridge, mas adoeceu seriamente, e teve que ser removido. O ano de 1893 ele passou com tutores, principalmente em Gales, no norte da Escócia, e em Eastbourne. Em 1895 completou seus estudos de química em King's College, London, e em outubro daquele ano entrou para Trinity College, Cambridge.

Com isto finda o primeiro período de sua vida. É apenas necessário declararmos que seu cérebro se desenvolveu cedo. Aos quatro anos de idade era capaz de ler a Bíblia em voz alta, demonstrando uma grande predileção pelas listas de longos nomes, a única parte da Bíblia não deturpada por teólogos. (4) Também era ele um enxadrista suficientemente forte para derrotar o amador médio, e, se bem que jogasse continuamente, nunca perdeu um jogo até 1895 e.v. (5) O xadrez foi-lhe ensinado por um alfaiate que havia sido chamado a sua casa a fim de medir roupas para seu pai, e que foi tratado como um hóspede porque era

(4) Este traço curioso pode ser interpretado como evidência do senso poético dele, da sua paixão pelo bizarro e pelo misterioso, ou mesmo de sua aptidão para a Cabala Hebraica. Também pode ser interpretado como uma indicação da sua ancestralidade mágica.

(5) O primeiro homem a derrotá-lo foi H. E. Atkins, campeão amador de xadrez da Inglaterra durante muitos anos.

também um 'Irmão de Plymouth'. Derrotou seu professor invariavelmente após o primeiro jogo: deveria ter uns seis ou sete anos de idade nessa época.

Começou a escrever poesia em 1886, se não mais cedo. Veja-se "Oráculos".

Após a morte de seu pai, que era um homem de grande bom senso, e nunca permitiu que sua religião interferisse com sua afeição natural, o menino caiu nas mãos de gente de uma disposição totalmente diversa. Sua atitude mental logo se concentrou em ódio à religião que ensinavam, e sua vontade, em revolta contra as opressões dessa religião. Seu principal alívio era o alpinismo, que o deixava a sós com a natureza, longe dos tiranos.

Os anos compreendidos entre março de 1887 até sua entrada em Trinity College, Cambridge, em outubro de 1895, representaram uma luta contínua pela liberdade. Em Cambridge ele se sentiu seu próprio mestre, recusou-se a ir à Capela, aulas ou conferências, e seu tutor, o falecido Dr. A. W. Verrall, foi sábio o bastante para deixar que seu tutelado trabalhasse à sua maneira.

Devemos mencionar que possuía habilidade intelectual em grau extraordinário. Sua faculdade de memória, principalmente de memória verbal, tinha uma espantosa perfeição.

Quando menino, podia encontrar quase qualquer versículo da Bíblia em poucos minutos de busca. Em 1900 foi testado em seus conhecimentos das obras de Shakespeare, Shelley, Swinburne (1.ª Série de Poemas e Baladas), Browning, e da *A Pedra da Lua*, de Wilkie Collins. Foi capaz de identificar a posição exata de qualquer frase em qualquer desses livros, e de recitar

quase sempre o resto da passagem da qual a frase fazia parte.

Demonstrou notável facilidade para absorver os elementos de latim, grego antigo, francês, matemática e ciência. Aprendeu "little Roscoe", (6) quase que de cor, por iniciativa própria. Quando em Malvern, tirou o sexto lugar da escola no exame anual sobre Shakespeare, se bem que houvesse levado apenas dois dias a se preparar para a prova (7). Em certa ocasião, quando o professor de matemática quis dedicar uma aula a uma sabatina dos alunos mais avançados, e deu à classe uma série de equações do segundo grau para resolver, o rapaz se levantou ao fim de quarenta minutos para perguntar o que deveria fazer a seguir, entregando a série de 63 equações, todas com as soluções corretas.

Ele passou com honras em todos os exames, tanto nas escolas quanto na universidade, se bem que consistentemente se recusasse a se preparar para esses exames (8).

Por outro lado, não era possível persuadi-lo ou constrangê-lo a se aplicar a qualquer assunto que não lhe agradasse. Demonstrava intensa repugnância pela história, pela geografia e pela botânica, entre outras matérias, e nunca pode aprender a escrever versos latinos ou gregos, possivelmente porque as regras de

(6) N.T.: Um compêndio popular nos colégios ingleses da época.

(7) N.T.: Ele não menciona que esperava tirar primeiro lugar; se soubesse que tiraria sexto, teria se preparado durante uma semana...

(8) N.T.: O aluno que tem que "se preparar" para um exame final não estudou durante o ano.

metrificação nesses idiomas lhe pareciam arbitrárias e formais.

Também, era-lhe impossível interessar-se por qualquer coisa desde o momento em que já tivesse absorvido os princípios de “como a coisa era ou podia ser feita”. Este traço o impedia de pôr os retoques finais em tudo que encetava.

Por exemplo, recusou-se ele a se apresentar para a segunda parte do exame final do diploma de Bacharel em Artes, simplesmente porque sabia que tinha domínio absoluto da matéria! ⁽⁹⁾

Esta característica se estendia aos seus prazeres físicos. Ele era de uma abjeta incompetência na prática fácil de escalar rochedos, porque sabia que podia fazê-lo. Parecia incrível aos alpinistas que excursionavam com ele que tal completo preguiçoso pudesse ser o mais ousado e o mais destro montanhista da sua geração, como demonstrava ser quando quer que o precipício fosse um que ninguém mais tivesse conseguido escalar antes ⁽¹⁰⁾. Da mesma forma, uma vez que tivesse elaborado teoricamente um método de escalar uma montanha, estava perfeitamente disposto a confiar a outros o segredo, e a deixar que eles se apropriassem da glória da descoberta para si mesmos. (A primeira ascensão do Dent de Géant, partindo de Montanvers, é um exemplo.) Pouco lhe importava que

(9) Similarmente, Swinburne recusou ser examinado nos clássicos em Oxford, declarando que sabia mais que os examinadores.

(10) Também em xadrez tem derrotado muitos mestres internacionais, e no Continente é considerado um Mestre Menor. Mas não se pode ter certeza de que vencerá um jogador de segunda classe num torneio interno de clube.

fosse ele a pessoa a fazer alguma coisa; o que lhe importava é que a coisa fosse feita.

Este altruísmo quase inumano não era incompatível com uma ambição pessoal consumidora e insaciável. A chave do enigma provavelmente era esta: ele queria ser alguma coisa que ninguém jamais tivesse ou pudesse ter sido antes dele. Perdeu interesse pelo xadrez tão logo se provou, para sua própria satisfação (aos 22 anos de idade), mestre do jogo, tendo vencido os mais fortes amadores da Inglaterra e mesmo um ou dois “mestres” profissionais ⁽¹¹⁾. Trocou a poesia pela pintura, quase por completo, tão logo tornou evidente ser o maior poeta do seu tempo. Mesmo em Magia, tendo se tornado a Palavra do Aeon, e assim assumido seu lugar com os outros Sete Magi conhecidos pela história, inteiramente além da possibilidade de qualquer competição ⁽¹²⁾, começou a negligenciar o assunto. Só é capaz de se dedicar à Magia como faz por haver eliminado toda idéia pessoal de sua Obra; ela se tornou tão automática quanto a respiração.

Devemos também registrar aqui seus extraordinários poderes em certas esferas pouco usuais. Ele pode rememorar o mínimo detalhe de uma escalada, após anos de ausência. Pode retrair seu percurso em qualquer caminho que tenha algum dia atravessado, por pior que seja o tempo ou por mais escura que seja a

(11) N.T.: Seu último contato sério com o jogo foi quando se apresentou para competir num campeonato. A atmosfera de ansia de resultado era tão patética entre os jogadores que ele se retirou e nunca mais se candidatou em tais competições.

(12) N.T.: É impossível “destronar” um Mago. O máximo que se pode fazer é sucedê-Lo — quando é tempo!

noite. Pode adivinhar a única passagem possível através da geleira mais complexa e mais perigosa. (Exemplos, o Vuíbez séraes em 1897 e.v.; o Mer de Glace, centro-direita, em 1899 e.v.)

Possui um senso de direção independente de qualquer método físico para identificarmos nossa posição em algum lugar; e este senso funciona tanto em cidades que lhe são estranhas quanto em montanhas ou desertos. Ele pode farejar a presença de água, de neve, e de outras substâncias supostamente inodoras. Sua resistência física é excepcional. Já escreveu durante 67 horas consecutivas: seu "Tannhäuser" foi redigido desta forma em 1900 e.v. Já percorreu mais de 160 quilômetros em dois dias e meio, no deserto, como ocorreu no inverno de 1910 e.v. Já fez estágios freqüentes de mais de 36 horas em montanhas, sob as condições mais adversas. Retém o récorde mundial do maior número de dias passados sobre uma geleira — 65 dias no Baltoro em 1902 e.v.; também, o recorde para a mais rápida subida íngreme acima de 5000 metros de altitude: 1300 metros em 1h 23m, no Iztaccihuatl em 1900 e.v.; o recorde do mais alto pico (primeira ascensão por um só alpinista) — o Nevado de Toluca em 1901 e.v.; e numerosos outros (13).

No entanto, sente-se completamente exausto à mera idéia de uma caminhada de algumas centenas de metros, se não lhe interessa, ou se não lhe excita a imaginação; e é só com o máximo esforço que ele pode escrever algumas linhas se, em vez de desejar escrevê-las, ele apenas sabe que elas devem ser escritas!

(13) Isto foi escrito em 1920 e.v.; estes recordes podem não mais ser válidos.

Este relato foi considerado necessário para explicar como é que um homem cujas excepcionais qualidades chegaram a torná-lo mundialmente famoso em tantas e tão diversas esferas de ação pode ser tão grotescamente incapaz de utilizar suas faculdades, ou mesmo suas conseqüências, em qualquer dos campos usuais da atividade humana; incapaz de consolidar sua proeminência pessoal, ou mesmo de assegurar sua posição do ponto de vista social e econômico.

CAPÍTULO II

Adolescência: Começo da Magia.

O Nascimento de

FRATER PERDURABO

O°=O□ a 4°=7□

Tendo obtido sua liberdade, ele foi bastante sensato para não perder tempo em gozá-la. Durante os anos de sua infância e adolescência fora privado de toda a literatura inglesa, com exceção da Bíblia; e assim empregou seus três anos em Cambridge na reparação deste defeito. Estava também se preparando para o Serviço Diplomático, pois o falecido Lord Salisbury e o falecido Lord Ritchie haviam se interessado pela carreira dele, e lhe prometido nomeações. Em outubro de 1897 sua percepção dos males da assim-chamada "religião" vigente foi-lhe bruscamente relembrada, e ele experimentou um trance em que percebeu a completa tolice de toda ambição humana. A fama de um embaixador raramente dura mais de um século. A

de um poeta é quase tão efêmera. A terra mesma deve algum dia perecer. Ele tinha portanto que construir usando algum material mais permanente. Esta percepção o impeliu ao estudo da Alquimia e da Magia. Escreveu ao autor de "O Livro da Magia Negra e dos Pactos", um americano pomposo chamado Arthur Waite, notório pelas afetações e obscuridades do seu estilo, e pelo sentimentalismo confuso do seu misticismo. (Este gosmento *impresario*, apresentando uma Isis asmática na Ópera "Bull-Frogs", insinuara em seu prefácio que conhecia certos santuários ocultos onde a Verdade e a Sabedoria eram ciosamente guardadas por um corpo de Iniciados, para serem concedidas apenas ao postulante que se provasse digno de partilhar dos privilégios destes.) Mr. Waite recomendou ao seu correspondente que lesse um livro chamado "A Nuvem sobre o Santuário".

Seu gosto pelo alpinismo se tornara uma poderosa paixão, e ele estava escalando na Cumberlândia quando conheceu Oscar Eckenstein, talvez o maior alpinista do seu tempo, com o qual ele estava destinado a praticar escaladas até 1902 e.v.

No verão, um grupo foi formado para acampar na Geleira Schömbuhl, ao pé do Dent Blanche, como treino para uma planejada futura expedição aos Himalaias. Durante as semanas na geleira, onde o mau tempo era contínuo, estudou assiduamente a tradução, por S. L. Mathers, de três livros que formam parte da "Kabbalah Denudata" de von Rosenroth. Em uma de suas descidas a Zermatt, encontrou um farmacêutico ilustre, Julian L. Baker, que estudara Alquimia. Perseguiu esta pista através do vale, e fez Baker prometer que se encontraria com ele em Londres no fim da estação, e o apresentaria a outras pessoas interessadas

em ocultismo. Isto ocorreu em setembro; através de Baker, entrou em contato com outro farmacêutico, chamado George Cecil Jones, que o apresentou à Ordem Hermética da Aurora Dourada. Progrediu rapidamente nesta Ordem, e na primavera de 1900 e.v. era o seu chefe na Inglaterra (1). Os detalhes deste período devem ser estudados em "O Templo de Salomão o Rei", onde se encontra uma descrição circunstanciada da Ordem. Nesta Ordem conheceu um certo Allan Bennett, Frater Iehi Aour. Jones e Bennett eram ambos verdadeiros Adeptos de alto grau (2). Bennett veio viver com ele em seu apartamento, e juntos executaram muitas operações de magia cerimonial. Allan Bennett sofria de asma, e transferiu-se para o clima mais clemente do Cellão no fim de 1899 e.v. Foi ao ingressar nesta Ordem que nosso biografado assumiu o moto de "Perdurabo" — 'perdurarei até o fim'.

Em julho de 1900 e.v. foi para o México, e lá dedicou seu tempo inteiramente a uma prática contínua da Magia, no que obteve extraordinário sucesso. (Veja-se *Equinox I*, N.º 3, para um relato resumido desse período. Podemos mencionar de passagem que ele invocou certos Deuses, Deusas e Espíritos a aparição visível, aprendeu como curar doenças físicas e morais, como se tornar invisível, como obter comunicações de fontes espirituais, como controlar outras mentes, etc. etc.) E então...

(1) N.T.: Nomeado pelo então chefe internacional, S. L. Mathers; mas violentamente oposto pelos outros membros, invejosos de sua promoção rápida, e rebelados contra Mathers. Veja-se *Liber LXI*, "A Lição de História", vv. 7-32.

(2) N.T.: O Moto de Jones como Adepto Exempto foi D.D.S.

CAPÍTULO III

Começos de Misticismo

O Nascimento de

FRATER OU MH,

7º = 4 □

Oscar Eckenstein, ao chegar ao México, onde ia praticar escaladas com o biografado, encontrou-o num estado de grande desalento. O rapaz alcançara os resultados mais satisfatórios. Era capaz de se comunicar com as forças divinas, e operações como a invisibilidade e a evocação haviam sido dominadas. No entanto, com tudo isto sentia um certo dissabor. O sucesso não lhe dera tudo que ele esperara. Expôs a situação a seu companheiro, mais para aclarar sua própria mente do que esperando qualquer auxílio, pois supunha ser Eckenstein totalmente ignorante destes assuntos, aos quais habitualmente tratava com desa-

grado e desprezo (1). Imagine-se sua surpresa, então, ao descobrir nesta pessoa pouco promissora um mensageiro da Grande Fraternidade Branca! Seu companheiro lhe disse que abandonasse todo trabalho mágico.

“A Tarefa”, disse Eckenstein, “necessita do controle da mente. Tua mente divaga demais”.

Isto foi indignantemente negado.

“Experimenta”, disse o Mestre.

Um curto experimento foi conclusivo. Era impossível ao rapaz manter sua mente fixa em qualquer objeto único, mesmo durante alguns segundos. A mente, se bem que perfeitamente estável em movimento, era incapaz de descansar; tal como um giroscópio cai quando pára de girar. Um curso inteiramente novo de exercícios foi portanto encetado. Meia hora de manhã e pela noite foram dedicadas a tentativas de controlar a mente pelo simples processo de imaginar um objeto bem familiar, e tentar permanecer concentrado sobre este (2).

Logo se tornou suficientemente perito nesta prática inicial para passar à concentração em objetos em movimento regular, como um pêndulo, e finalmente à concentração em objetos vivos. Outra série de experi-

(1) N.T.: Eckenstein, que já faleceu, fora encarregado de equilibrar o treino de Crowley por atividade física, evitando nestas ocasiões que o jovem iniciado se preocupasse com assuntos de ocultismo. Eckenstein só se revelou a Crowley quando este chegou ao estágio em que uma intervenção direta era necessária.

(2) Veja-se Parte I deste Livro Quatro para uma descrição desta prática, e uma explicação da dificuldade da tarefa, mesmo no caso de uma pessoa cujos poderes de atenção concentrada, no senso ordinário da frase, estão muito desenvolvidos.

mentos lidou com os outros sentidos. Ele tentou imaginar e reter o gosto de chocolate ou de quinino, o cheiro de diversos perfumes que lhe eram familiares, o som de sinos, de quedas d'água, etc., e o toque de substâncias como o veludo, a seda, peles, areia e aço.

Na primavera de 1901 e.v. ele partiu do México para San Francisco, daí para Honolulu, Japão, China e Ceilão, sempre continuando seus novos exercícios. Seu Mestre não lhe dissera aonde estas práticas o levariam por fim. No Ceilão ele encontrou Frater I.A. (Allan Bennett), com quem foi para Kandy, onde alugou um bangalô chamado Marlborough, com vista para o lago.

I.A. estivera se desenvolvendo em linhas similares sob a orientação de P. Ramanathan, o Solicitador-Geral do Ceilão, conhecido dos ocultistas sob o nome de Shri Parananda (3). I.A. disse ao jovem que, a fim de se concentrar, ele primeiro deveria assegurar que nenhuma interrupção lhe atingisse a mente vinda do corpo, e aconselhou a adoção de Asana, uma posição única do corpo, em que todo movimento externo deve ser suprimido. Além disto, ele deveria praticar Pranayama, ou controle do alento, que tem um efeito análogo, reduzindo ao mínimo possível os movimentos internos do corpo (4).

Durante os meses de estadia em Kandy ele prati-

(3) Ele é o autor de comentários sobre os Evangelhos de Mateus e João, que explica como contendo muitos dos aforismos de Yoga.

(4) Veja-se Parte I deste Livro Quatro. *Equinox Vol. I, N.º 4* contém alguns dos relatórios de Frater PERDURABO quanto a estas práticas.

seu progresso que ele parou de trabalhar (7). Ele então visitou Anuradhapura e outras das cidades soterradas do Ceilão. Em novembro ele viajou para a Índia, e em janeiro visitou I.A. em Akyab, Burma, onde o Adepto estava vivendo em um mosteiro, com a intenção de se preparar para assumir o Robe Amarelo do Sangha Budista. O verão de 1902 e.v. inteiro foi dedicado à planejada expedição a Chogo-Ri (K-2) nos Himalaias. Durante esta expedição ele não executou quase nenhum trabalho oculto (8).

Novembro de 1902 e.v. encontrou-o em Paris, onde ele permaneceu quase constantemente até a primavera de 1903 e.v., quando regressou a sua casa na Escócia (9).

Devemos agora retroceder no passado, para tomarmos um fio que correrá através de todo o seu trabalho; um fio tão importante que exige um capítulo à parte: —

(7) N.T.: Este é o grande perigo dos trances iniciais, quer de Magia ou de Misticismo. A alegria do estudante é tanta que ele perde controle da energia acumulada, a qual se descarrega numa espécie de "curto-circuito", após o que a consciência dele retorna ao normal, em vez de fortificar sua posição no plano mais elevado cuja "abertura", por assim dizer, foi o Dhyana. Veja-se AL, II, 69-72 para os remédios contra isso.

(8) Um relato da expedição é dado em "*Six mois dans l'Himalaya*", pelo Dr. Jacot-Guillarmod. A versão do nosso biografado pode ser encontrada em "O Espírito da Solidão" (As Confissões de Aleister Crowley), Vol. II.

(9) N.T.: Os leitores observarão que nosso jovem se movimentava com a facilidade de um homem de posses. Ele herdara uma razoável fortuna de seu pai, a qual mais tarde ele despendeu totalmente em publicações da Lei de Télema.

CAPÍTULO IV

A Magia Sagrada de Abramelin o Mago

O Nascimento de

FRATER (1) 5º=6º A.: A.:

No outono de 1898 e.v. George Cecil Jones chama-

1. O Nome Místico de um Adepto deste grau não é divulgado sem motivo especial para isto.

(N.T.: O Nome indica de que correntes especiais o Adepto assumiu gestão ao atingir o Grau, e se for revelado os "Irmãos Negros" causarão interferência. Outro motivo, que deixou de ter significado neste Aeon, é que o Nome podia causar confusão dogmática. Na tradição "cristã" era SATAN-JEHESHUA; na egípcia, OSIRIS-SET; na budista, BUDHA-MARA; na islâmica, ALLAH-SHAITAN; na judaica, OZ-AL. Veja-se Liber XC: "Meus adeptos estão retamente erguidos, suas cabeças acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos."

O Nome Místico de Aleister Crowley no Grau de 5º=6º A.: A.: pode agora ser revelado. É Aum.Ha, o que quer dizer que Ele assumiu, como Adepto, gestão espiritual de todas as correntes religiosas sobre a face da terra. Aum.Ha=111×6=666.

Devemos observar que A.C. não percebeu isto a não ser muitos anos mais tarde. Ele pensara que seu Nome no Grau era SATAN-JEHESHUA, e que ele assumira gestão exclusivamente da corrente cristã-satânica. Somente muito mais tar-

ra a atenção de Frater PERDURABO para um livro intitulado "O Livro da Magia Sagrada de Abramelin o Mago". A essência deste livro resume-se no que se segue:

O aspirante deve possuir uma casa livre de espionagem ou interferência. Nesta deve haver um oratório, com uma janela para o Oriente e uma porta ao Norte abrindo para um terraço, do outro lado do qual deve haver um quiosque ou cabana. O aspirante deve possuir um Robe, uma Coroa, uma Baqueta, um Altar, Incenso, Óleo de Unção, e uma Lâmina de Prata. O terraço e o quiosque ou cabana devem ter o pavimento coberto de areia fina. O aspirante gradualmente se retira do contato humano, para se dedicar mais e mais à oração durante o espaço de quatro meses. Deve então passar os dois meses seguintes em oração quase contínua, falando o mínimo possível com quem quer que seja. Ao fim deste período, invoca um ente descrito como o Sagrado Anjo Guardiã, que lhe aparece (ou a uma criança que ele emprega), e que escreve em orvalho sobre a Lâmina, que é colocada sobre o Altar.

de velo a compreender o alcance de Sua Iniciação. A Lei é para todos.

Isto não quer dizer que um Adepto não possa mais, por exemplo, assumir o nome de Allah-Shaitan ao alcançar o Grau de Adepto Menor. Mas este Adepto estará submetido à Bêta 666, e terá que canalizar as tendências dos ritos de que é a inspiração para que adotem a Lei de Télema, tal como é expressada em Liber OZ.

Que é precisamente isto que está ocorrendo no momento presente, com todas as correntes religiosas do mundo, tornar-se-á evidente a qualquer pessoa que leia jornais ou escute o rádio).

O Oratório se enche de um Divino Perfume sem intervenção por parte do aspirante. (2)

Após um período de comunhão com o Anjo, o aspirante evoca os Quatro Grandes Príncipes do Mundo Demoníaco, e os força a jurarem obediência.

No dia seguinte ele chama e subjuga os Oito Sub-Príncipes; e no dia após, os muitos Espíritos que servem a estes Sub-Príncipes. Estes Daemons inferiores, dos quais quatro agem como espíritos familiares, então operam uma coleção de talismãs para diversos propósitos. Tal é um breve relato da Operação descrita no livro.

Esta Operação atraiu fortemente o nosso estudante. Imediatamente começou a procurar uma casa apropriada, e a arranjar todo o necessário para a operação. Tudo estava preparado para começar no princípio da Páscoa de 1900 e.v. (deve ser mencionado que só o trabalho preliminar é tão vasto que uma longa história poderia ser escrita quanto aos acontecimentos desses 18 meses de preparação). A Operação mesma nunca foi encetada. Duas semanas, mais ou menos, antes da data estabelecida para seu início, ele recebeu um urgente apelo do seu Mestre para que o salvasse, e à Ordem, de destruição. (3) Nosso biografado abando-

(2) N.T.: Compare-se com *Zanoni*. Eliphas Levi conhecia este Livro de Abramelin (há uma cópia manuscrita na Biblioteca do Arsenal, em Paris, com anotações em sua caligrafia), e confiou-o a Bulwer-Lytton, seu discípulo predileto.

(3) Veja-se *Equinox*, "O Templo de Salomão o Rei", para um relato razoavelmente circunstanciado destes vários assuntos. O "Mestre" era o falecido S. L. Mathers.

nou seus prospectos de avanço pessoal sem hesitação, e foi às pressas para Paris.

Que o Mestre provou não ser Mestre, e a Ordem nenhuma Ordem, mas a encarnação da Desordem, não influenciou o bom Karma gerado por esta renúncia a um projeto ao qual ele aspirara por tanto tempo.

No México, permaneceu em vigília durante várias noites no Templo da Ordem da Lâmpada da Luz Invisível, uma Ordem cujo Alto Sacerdote está jurado a manter uma Lâmpada Secreta e Eterna sempre acesa. Neste sacrário recebeu um prenúncio da Visão do Sagrado Anjo Guardião, e daquela dos Quatro Grandes Príncipes; ali, também, ele renovou o Juramento da Operação.

(A sua carreira mágica inteira é melhor interpretada como a execução desta Operação. (4) Não devemos supor que a Iniciação seja formal, seguindo as "unidades" do drama grego, como a iniciação maçônica, por exemplo. A vida inteira do Iniciando está envolvida no processo, que impregna a personalidade inteira; o título oficial da consecução é apenas um sinal daquilo que ocorreu.)

Ao retornar à Escócia em 1903 e.v. ele encontrou em sua casa ampla evidência da presença das forças da Operação; mas agora, tendo concebido a Obra de uma maneira mais sutil, e decidido a executá-la no Templo de seu próprio corpo, tendo encarado a Magia, em suma, mais ou menos como ela é encarada nas Partes II e III deste Livro Quatro, ele estava habilitado a descartar as condições materiais externas desta Operação.

(4) N.T.: A recepção do Livro da Lei foi a escritura na Lâmina de Prata.

Nós devemos agora passar por alto alguns anos, e tratar do acabamento da Operação, se bem que isto é, num senso, irrelevante ao propósito deste Livro. (5)

Durante o inverno de 1905-6 ele estava viajando através da China. Chegara à fase da conquista da mente, e a sua própria se desmoronara. Viu que a mente humana é por natureza evanescente, porque sua natureza não é unidade, e sim dualidade. A verdade é relativa. Todas as coisas terminam em mistério. Em tais frases os filósofos do passado formularam esta proposição, anunciando a bancarrota intelectual que ele, com maior franqueza, descreve como insanidade.

Passando por isto, tornou-se ele como uma criança, e alcançando a Unidade além da mente descobriu o propósito de sua vida formulado nestas palavras: **A Obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.**

Percebeu-se então, tendo destruído todo outro Karma, perfeitamente livre para encetar este trabalho único. Realizou pois os seis meses de Invocação prescritos no Livro da Magia Sagrada, e foi recompensado em outubro de 1906 e.v. por um completo sucesso. (6)

Ele passou a seguir à evocação e conquista dos Quatro Grandes Príncipes e dos Inferiores destes, um

(5) N.T.: Cujas finalidades é narrar as circunstâncias do Ditame do Livro da Lei. O completar da Operação ocorreu após a recepção do Livro, a qual, como declaramos acima, equivaleu à escritura na Lâmina de Prata.

(6) Um relato parcial destes assuntos pode ser encontrado no *Equinox*, Vol. I, N.º 7, e no seu próprio poema "Aha!" (N.T.: No seu próprio poema porque os relatos no *Equinox*, a não ser quando são cópias diretas dos relatórios dele, foram em sua maior parte redigidos pelo então Capitão J. F. C. Fuller.)

trabalho cujos resultados devem ser estudados à luz de sua carreira subsequente. (7)

Terminamos agora de dizer todo o necessário sobre ele, pois o relato de algumas de suas Consequências seguintes é dado por completo em Liber CDXVIII, "A Visão e a Voz". Também no *Equinox*, Vol. I, N.º 10, "O Templo de Salomão o Rei", onde os resultados inesperados da Comunhão do Sagrado Anjo Guardião estão descritos por uma simbologia que mal poderá ser compreendida sem referência aos acontecimentos do ano de 1904 e.v., que são agora completamente pertinentes a este Ensaio.

(7) N.T.: Veja-se os Comentários aos versos 51-53 do Terceiro Capítulo do Livro da Lei, e a passagem de Liber 418 ali citada.

CAPÍTULO V

Os Resultados da Recessão

O mais sábio dos papas, ao lhe serem mostrados alguns milagres, recusou-se a se impressionar, dizendo não crer neles, por haver visto demasiados. O resultado das práticas de Meditação e seus efeitos, e, a seguir, daqueles da Magia, deu a nosso estudante uma concepção puramente mental do Universo. Tudo era um fenômeno na mente. Ele não percebera ainda que esta concepção é auto-destrutiva; mas ela o tornou cético, e indiferente a qualquer acontecimento. Você não pode se impressionar de verdade com qualquer coisa que saiba não ser mais que seus próprios pensamentos. Qualquer ocorrência pode ser interpretada como um pensamento, ou como uma relação entre dois pensamentos. Na prática, isto leva a uma profunda indiferença, pois os milagres já se tornaram rotina. Mas qual não seria o espanto do padre que, colocando a hóstia sobre a língua, sentisse sua boca cheia de carne sangrenta! Neste momento em que escrevemos, é-nos evidente o propósito para o qual nosso estudante fora conduzido a este estado de alma. Não era ao Ma-

gista, nem ao Místico: era a um Membro Militante da Associação da Imprensa Racionalista que a grande revelação seria feita. Era necessário provar-lhe que há na realidade um Santuário, que existe realmente um Corpo de Adeptos. Não importa se estes Adeptos estão encarnados ou desencarnados, se são humanos ou divinos. Importa é que haja Seres conscientes, possuidores dos mais profundos segredos da Natureza, dedicados a elevar a humanidade; cheios de Verdade, Sabedoria e Compreensão. É inútil provar a existência de indivíduos cujo conhecimento e poder, se bem que incompletos (pois a natureza de Conhecimento e Poder é tal que eles nunca podem ser completos — mesmo a idéia de Conhecimento e Poder, em si, inclui imperfeições), são no entanto enormemente mais desenvolvidos do que tudo que o resto da humanidade conhece.

Era a respeito de um tal corpo de Adeptos que nosso estudante lera em “A Nuvem Sobre o Santuário”; a admissão a esse corpo fora a esperança que lhe guiara a vida. Sua consecução prévia enfraquecera, em vez de fortalecer, sua crença na existência de uma tal organização. Não havia ainda ponderado os eventos de sua vida, não adivinhara ainda a serena direção e o firme propósito velados sob o curso aparentemente errático daqueles eventos. Poderia ter sido por acaso que, quando quer que alguma dificuldade se lhe confrontara, a pessoa exata instantaneamente aparecera para resolver o problema, quer nos vales da Suíça, nas montanhas do México, ou nas jangais do Oriente.

Neste período de sua vida, teria rejeitado a idéia como fantástica. Tinha ainda que aprender que a

história de Balaão e seu asno profético pode ser literalmente verdadeira. Pois a grande Mensagem que lhe veio, veio não através da boca de alguma pessoa com quaisquer pretensões a conhecimento, quer oculto, quer de qualquer outro tipo: mas através da cabeça ôca de uma fútil mulher da sociedade. Os fatos chãos desta revelação devem ser sucintamente descritos em um novo capítulo.

CAPÍTULO VI

A Grande Revelação

A Aparição de

A BESTA 666

9º = 2□

Foi julgado melhor reimprimir, intato, o relato destes assuntos originalmente compilado para "O Templo de Salomão o Rei", *Equinox*, Vol. I, N.º 7, pp. 357-386. (1)

O SACERDOTE

Ao abrirmos esta seção, da máxima importância na carreira de Frater P., pessoas imponderadas podem

(1) As notas para esse relato foram elaboradas em colaboração com o Capitão (agora Major-General) J. F. C. Fuller. Todos os possíveis meios de verificação foram empregados.

oferecer a crítica que, desde que os acontecimentos a serem narrados tratam mais das relações dele com outros que do seu avanço iniciático pessoal, estes acontecimentos não deveriam ser incluídos neste volume. (2)

Uma tal crítica é em verdade superficial. Certo, os incidentes que vamos relatar ocorreram no plano material, ou em planos contíguos a este; certo, a luz pela qual os examinamos é tão obscura que muito é deixado em dúvida; certo, a suprema consecução mística ainda está por ser registrada; mas por outro lado, é nossa opinião que o Selo apostado à Consecução pode ser bem descrito pela história daquela Consecução, e nenhuma fase do progresso é mais importante que aquela em que é dito ao aspirante: "Agora que você é capaz de caminhar sozinho, empregue sua força para auxiliar outros a se tornarem capazes de fazer o mesmo!" E assim, este grande evento que estamos a ponto de descrever, um evento que levará (como o tempo demonstrará) ao estabelecimento de um Novo Céu e de uma Nova Terra para todos os homens, veio no disfarce mais humilde e mais simples. Com frequência os deuses vêm assim, vestidos de camponeses ou crianças; mais, eu já os escutei em pedras e árvores.

No entanto, não devemos esquecer que há pessoas tão impressionáveis e tão crédulas que qualquer coisa as convence. Suponho que existem quase tantas camas no mundo quanto existe gente; no entanto, para um membro da TFP, toda cama esconde um comunis-

(2) "O Templo de Salomão o Rei" fora concebido por Fuller apenas como um registro da consecução pessoal de Aleister Crowley.

ta. Vemos "Vitor Hugo" escrevendo sem estilo e "Humberto de Campos" rabiscando sem humor revelações do "além" que chocariam a inteligência até de um marxista ou de um prelado romano; e vemos tais "revelações" e tais "obras de homens ilustres falecidos" protegidas e defendidas com perícia e até coragem. (3)

Portanto, já que vamos anunciar a revelação divina que foi feita a Frater P., é da máxima importância que estudemos sua mente tal qual era na época da Desvelação. Se verificarmos que era a mente de um neurótico, de um místico, de uma pessoa predisposta, daremos pouca importância à revelação; se era a mente de um sensato homem do mundo, dar-lhe-emos mais atenção.

Se algum alquimista considerado meio doido sai do seu laboratório e grita da janela que descobriu ouro, seus vizinhos duvidam; mas a conversão ao espiritismo do Professor Lombroso causou grande impressão àqueles que não compreenderam que a criminologia do professor era apenas a ilusão acumulada de um cérebro doentio. (4)

Assim, veremos que a A. A. preparou Frater P. sutilmente, por mais de dois anos de treino em racio-

(3) N.T.: Modernizamos essa passagem irônica, e a transferimos às condições locais brasileiras, de outra forma faria pouco sentido para o leitor médio. Em matéria de "revelação divina", este editor não pode esquecer uma obra espiritista que viu certa vez numa livraria do Rio, intitulada "A vida de Jesus ditada por ele mesmo"...

(4) N.T.: O leitor arguto notará que o paralelo que o parágrafo acima pretende estabelecer é desfeito pela crítica final a Lombroso. A explicação é que Fuller tencionara elogiar o professor; mas A.C., revisando o texto de Fuller para introdução no *Equinox*, mudou o sentido da frase, desta for-

nalismo e indiferentismo, para receber a mensagem d'Eles. E veremos que Eles executaram tão bem Seu trabalho que ele recusou a mensagem por cinco anos mais, a despeito de muitas estranhas provas da verdade dela. Veremos até que Fra. P. teve que ser despedido de si mesmo antes de poder transmitir a mensagem com eficiência.

A batalha foi entre toda aquela poderosa vontade desenvolvida por ele e a Voz de um Irmão que falou uma vez, e Se calou; e não foi Fra. P. quem saiu vencendo.

Deixamos Fra. P. (5) no outono de 1901, tendo alcançado considerável progresso em Yoga. Notamos que em 1902 pouco ou nada praticou de Magia ou Misticismo. Ocupou-se exclusivamente em interpretar os fenômenos ocultos que observara, e sua mente foi mais e mais atraída ao materialismo.

“Que são fenômenos?” ele se perguntara. “De noumena não sei e não posso saber coisa alguma. Tudo que sei é, tanto quanto eu saiba, uma mera modificação da minha mente, uma fase da minha consciência. E o pensamento é uma secreção do cérebro. A consciência é uma função do cérebro.”

Se esse pensamento foi contradito pelo óbvio, “E o que é o cérebro? Um fenômeno na mente!”, isto

ma repreendendo, ao mesmo tempo, o discípulo. Naquela época, Lombroso, com sua teoria do “tipo criminal congênito”, estava tendo grande repercussão; mas hoje em dia a maior parte dos criminologistas considera a tese do professor como simples preconceito disfarçado de ciência. A.C. antecipou-se a esse juízo meio século.

(5) N.T.: No número anterior do *Equinox*, publicado seis meses antes.

pesou menos para ele. Parecia à sua mente, ainda desequilibrada (pois todos os homens são desequilibrados até que tenham cruzado o Abismo), que era mais importante dar ênfase à matéria que à mente. O idealismo tinha sido a causa de tanta miséria no mundo! Fora o pai de toda ilusão, sem nunca levar ninguém à pesquisa científica. E no entanto, que importância tem isto? Todo ato ou pensamento é determinado por uma infinidade de causas; é a resultante de uma infinidade de forças. Analisou Deus: percebeu que todo homem fizera Deus à sua própria imagem. Viu os judeus selvagens e canibais adorando a um Deus selvagem e canibal, que comandava o estupro de virgens e o assassinato de criancinhas. Viu os tímidos habitantes da Índia, raças constantemente vítimas de toda tribo ladra, inventando um efeminado Vishnu; no entanto, sob este mesmo nome, seus conquistadores adoravam um guerreiro, o conquistador de cisnes demoníacos. Contemplou a fina flor da raça humana em qualquer época, os graciosos gregos: que deuses graciosos inventaram! Viu Roma, em sua força dedicada a Marte, Júpiter e Hércules, em sua decadência adorando Atis castrado, Adonis trucidado, Osiris assassinado, Jesus crucificado. Até em sua própria vida pode perceber toda aspiração, toda devoção, como um reflexo de suas próprias necessidades físicas e intelectuais. Viu também a tolice de todo esse supernaturalismo. Ouviu os Boers e os ingleses rezarem ao mesmo Deus protestante pedindo vitória na guerra, e ocorreu-lhe que o sucesso inicial dos Boers foi devido antes a superior coragem do que a rezas superiores, e que sua eventual derrota deveu-se a só poderem levan-

tar sessenta mil homens, na luta contra duzentos e cinquenta mil ingleses. Viu, também, a face da humanidade: uma lameira de sangue pingando das sanguessugas da religião grudadas às suas têmporas.

Em tudo isto percebeu ser o homem a única coisa de real valor, a única coisa que valia a pena “salvar”; mas também, a única coisa que poderia efetuar a salvação.

Tudo o que conseguira, portanto, abandonou. As intuições da Cabala pôs para trás, sorrindo da tolice de sua juventude; a magia, se verdadeira, não conduzia a parte alguma; Yoga virou psicologia. Para a solução de seus problemas originais quanto ao universo, voltou-se para a metafísica: dedicou seu intelecto ao culto da razão absoluta. Aplicou-se uma vez mais ao estudo de Kant, Hume, Spencer, Huxley, Mansel, Fichte, Schelling, Hegel, e muitos outros; quanto à sua vida, não era ele um homem? Tinha uma esposa; conhecia seu dever para com a raça, e para com seu próprio ilustre ramo desta. Era um viajor e um desportista; pois bem, então, o negócio era viver sua vida! Assim, vemos que de novembro de 1901 até o equinócio de primavera de 1904 não se dedicou a quaisquer práticas, com a exceção de uma semana casual no verão de 1903, e de uma exibição de brinquedo de magia na Câmara do Rei da Grande Pirâmide em novembro de 1903, quando por suas invocações encheu aquela câmara de uma claridade como a da lua cheia. (Isto não foi ilusão subjetiva. A luz era suficiente para que

ele lesse o ritual sob ela.) E foi apenas para dizer, no fim: “Viu? E que adianta tudo isto?” (6)

Vemo-lo escalando montanhas, patinando, pescando, indo atrás de caça grossa, cumprindo os deveres de um esposo; vemo-lo ter aquela antipatia por todas as formas de pensamento e de atividade espiritual que o desapontamento provoca.

Se a gente escala a montanha errada por engano (como pode acontecer), as belezas daquela montanha, por maiores que sejam, não compensam o desapontamento quando o erro é descoberto. Léa pode ter sido muito boa moça, mas Jacó nunca mais quis saber dela após aquele terrível amanhecer quando ele acordou e viu-lhe a face no travesseiro onde, após sete anos de labuta, ele esperara a prometida Raquel. (7)

Assim, Fra. P., após passar cinco anos subindo na árvore errada, perdera o interesse por árvores, ao menos no que concerne o trepar nelas. Poderia se dar à vaidade inocente de dizer: “Vê, Fulano, aquele foi o ramo onde eu marquei minhas iniciais quando era garoto!”; mas ainda que tivesse visto na floresta a Árvore da Vida mesma, com o fruto dourado da Eternidade pendendo de seus ramos, não teria feito mais que le-

(6) N.T.: A Câmara do Rei estava então, como agora, aberta ao turismo; supomos que dinheiro passou de mão apenas para a visita noturna, que deve ser relativamente rara. Adicionamos esta nota para evitar que leitores de mentalidade romântica considerem que foi um “grande feito”, ou o produto de “palavras de passe com as antigas fraternidades”, efetuar uma tal cerimônia no “Egito Secreto” de jornalistas charlatões!

(7) N.T.: Note-se, no entanto, que só quando o sol raiou foi que ele percebeu que Léa não era Raquel. Grande amante!...

vantar sua espingarda de caça e atirar no pombo esvoaçando pela folhagem.

A prova deste “retiro da visão” não é apenas deduzida da falta de quaisquer documentos ocultos em seu fichário da época, ou da completa ocupação da sua vida diária com prazeres e deveres externos e mundanos: a prova é tornada irretorquível e enfática pela evidência positiva de suas composições literárias do período. Destas temos diversos exemplos. Duas são dramatizações da mitologia grega, um assunto que oferece amplas oportunidades ao ocultista; nenhuma das duas apresenta qualquer alusão oculta. Vemos também um poema, “Rosa Mundi”, em que as alegrias do puro amor humano são pintadas sem a mínima nuance de emoção mística. Mais, temos uma peça, “O Come-Deus”, em que a origem das religiões, tal como concebida por Spencer ou Frazer, é exposta em forma dramática; e por fim temos uma sátira, “Por que Jesus chorou”; dura, cínica e brutal em sua avaliação da sociedade, mas descuidosa de qualquer remédio para as mazelas desta.

É como se o passado inteiro do homem, com toda a sua aspiração e consecução, tivesse sido apagado. Ele viu a vida (pela primeira vez, quiçá) com olhos humanos comuns. O cinismo ele podia compreender, o romance podia compreender; fora disto, só a escuridão. A felicidade dormia na mesma cama com o desprezo.

Vemos que, no fim de 1903, ele se dispunha a visitar a China numa expedição desportiva quando uma comunicação muito corriqueira de sua esposa o fez pospor a idéia. “Vamos caçar alguma coisa por um mês ou dois”, ele disse a ela, “e se você estiver certa, então voltaremos para babás e médicos”.

Assim, nós os encontramos em Hambantota (a província do sudeste do Ceilão), ocupados somente com búfalos, elefantes, leopardos, sambhures, e cem outros objetos da caça.

Aqui inserimos extratos do diário, indicando uma parca produção se comparado com o que citamos de seu recorde prévio no Ceilão. (8)

Semanas inteiras se passam sem uma palavra: o grande homem jogava bridge, pôquer, ou golfe!

A nota de 19 de fevereiro de 1904 parece indicar que a coisa vai se tornar interessante; mas é seguida pela de 20 de fevereiro. É no entanto certo que por volta de 14 de março ele alugou um apartamento no Cairo em plena estação de turismo!

Pode haver coisa mais batética?

De forma que a anotação de 16 de março está datada do Cairo. Nossas notas (*de Fuller*) são dadas entre parênteses.

O Diário de Frater P.

(Este diário é extremamente incompleto e fragmentário. Muitas anotações, também, são evidentemente irrelevantes ou disfarces. Omitimos muito dos dois últimos tipos.)

“Este ano cheio de acontecimentos, 1903, encontra-me num campo sem nome na jângal de uma província do sul do Ceilão; meus pensamentos, outrossim divididos entre Yoga e a caça, são desviados pelo fato de uma esposa...”

(8) N.T.: Fuller se refere aos relatórios de Yoga de Fra. P. durante seu treino no Ceilão, publicados no *Equinox*, Vol. I, N.º 4. A presente narrativa foi publicada no N.º 7.

(Esta referência a Yoga é a Vontade Mágica subconsciente do iniciado Votado. Ele não estava fazendo coisa alguma mas, ao se examinar, como era seu hábito em certas estações, sentiu-se obrigado a afirmar sua Aspiração.)

Jan. 1: ... (muitos borrões) ... não acertei nem no corço nem na lebre. Fiquei danado. Porém, o augúrio é que o ano é bom para as obras de Amor e União; mau para as de Ódio. Sejam as minhas de Amor! (Note-se que ele não acrescenta "e União".) (9)

28 de Jan.: Embarcamos para Suez.

7 de Fev.: Suez.

8 de Fev.: Chegamos a Port Said.

9 de Fev.: Para o Cairo.

11 de Fev.: Vi b.f.g.

b.f.g. (Esta anotação é completamente ininteligível para nós.)

19 de Fev.: Para Helwan como Déspota Oriental. (Aparentemente, P. assumira algum disfarce, provavelmente com a intenção de estudar o Islã de dentro, como fizera com o Hinduísmo.) 10

20 de Fev.: Começo golfe.

16 de Março: Começo INV. (invocação) IAO. (11)

17 de Março: ΘωοτΘ apareceu (12).

18 de Março: Devo INV. (invocar) Ἦωωπτ (13) como

⊙ (11) por novo método.

(9) Para um praticante de Yoga, "União" serviria.

(10) N.T.: Este era um hábito em que ele imitava Sir Richard Burton, por quem tinha grande admiração.

(11) Dada em Liber Samekh.

(12) Thoth, o Deus egípcio de Sabedoria e Magia.

(13) Horus.

(14) Sol.

19 de Março: Isto foi feito (mal), meio-dia e trinta.

20 de Março: As 10 da noite melhor — Equinócio dos Deuses — Nov — (novo?) C.R.C. (Christian Rosencreutz, conjecturamos). Hoori agora Hft. (evidentemente "Hierofante")

21 de Março: in. I.A.M. (uma hora da manhã?)

22 de Março: X.P.B. (Poderá isto, e a anotação de 24 de março, referir-se ao irmão da A. . . A. . . que se encontrou com ele?)

E.P.D. em 84 m. (Sem significado para nós; provavelmente um disfarce).

23 de Março: Y.K. feito. (Seu trabalho sobre o Yi King?) (15)

24 de Março: Encontro com Gwrl novamente.

25 de Março: 823 Assim

461 " " = p f l y 2 b z

218

(Borrão) wch dificuldade com ds.

(Borrão) P.B. (Tudo ininteligível; possivelmente um disfarce).

6 de Abril: Vou novamente a H, levando p. de A. (Isto é provavelmente um disfarce.)

Antes de prosseguirmos com a história deste período, devemos estabelecer a seguinte premissa:

Fra. P. nunca fez um relatório completo deste período. Ele parece ter oscilado entre um absoluto ceticismo (no mau senso da palavra: desgosto pela revelação) de um lado, e um real entusiasmo de outro. E a primeira atitude o induziu a fazer coisas para estragar o efeito da segunda. Daí os "disfarces", e

(15) Provavelmente um disfarce.

cifras estúpidas e sem significado que desfiguram o diário.

E, como se os Deuses mesmos desejassem obscurecer o Portal, vemos mais tarde que, quando a orgulhosa vontade de P. foi quebrada, e ele desejou tornar mais fácil o trabalho do historiador, sua memória (uma das melhores do mundo) foi completamente incapaz de aclarar as coisas.

Porém, nada de que ele não esteja bem certo será incluído aqui.

Temos um documento completamente sem “disfarces” e digno de estudo: “O Livro de Resultados”, escrito em um dos cadernos japoneses de pergaminho que ele costumava levar consigo. Infelizmente, parece ter sido abandonado após cinco dias. O que aconteceu entre 23 de março e 8 de abril?

O LIVRO DE RESULTADOS

Quarta-feira 16 de março: Invoco IAO. (Fra. P. nos diz que isto foi feito pelo ritual do “inascido”, idêntico à “Invocação Preliminar” (16) da “Goetia”, meramente para divertir sua esposa mostrando-lhe os silfos. Ela se recusou a ver quaisquer silfos, ou foi incapaz de fazê-lo; mas ficou “inspirada” e repetia: “Eles estão esperando por você!”)

(Nota do Editor: O nome de solteira da mulher dele era Rose Edith Kelly. Ele a chamava de Ouarda, a palavra árabe para “Rosa”. Ela é daqui em diante designada por “Ouarda a Vidente”, ou “W.”, para encurtar).

(16) Veja-se Liber Samekh.

W. diz que “eles” estão “me esperando”.

Quinta-feira 17 de março: É tudo “sobre a criança”. Também, tudo “sobre Osiris”. (Note-se o tom cínico e céptico desta anotação. Quão diferente parece à luz de Liber 418!) Thoth, invocado com grande sucesso, está em nós. (Sim, mas o que aconteceu? Fra. P. não tem a mínima idéia.)

Sexta-feira 18 de março: Revelou que quem espera por mim é Horus, que eu ofendi e devo invocar. O ritual dado em esquema. Promessa de sucesso sábado ou domingo, de Samadhi. (Será “quem espera por mim” outra ironia? Não temos certeza. A revelação do ritual (por W. a vidente) consistiu principalmente numa proibição de todas as fórmulas até então usadas, como se verá do texto impresso mais adiante.)

Foi provavelmente nesse dia que P. examinou W. sobre Horus. Só a notável identificação que ela fez do Deus, seguramente, o teria feito dar-se ao trabalho de obedecer às instruções dela. Ele se lembra de que apenas concordou em obedecer a fim de mostrar-lhe quão tola ela era; e ele a desafiou, dizendo que “nada acontece se a gente quebra todas as regras”.

Aqui, pois, inserimos uma curta nota por Fra. P., descrevendo como W. identificou R.H.K. (Ra-Hoor-Khuit):

1. Força e Fogo. (Eu lhe pedi que descrevesse as qualidades morais dele.)

2. Luz azul-profundo. (Eu lhe pedi que descrevesse as condições causadas por ele. Esta luz é inconfundível, e nenhuma outra se lhe assemelha; mas é claro que as palavras dela, se bem que uma descrição

razoável desta luz, poderiam se aplicar a alguma outra cor.)

3. Horus. (Eu lhe pedi que apontasse o nome dele numa lista de dez que escrevi ao acaso.)

4. Reconheceu sua imagem quando a viu. (Isto se refere à notável cena no Museu de Boulak, que narraremos em detalhe.)

5. Conhecia minhas relações passadas com o Deus. (Isto quer dizer, eu creio, que ela sabia que eu assumira a função dele em trabalho ritual no templo, (17) etc., e que nunca o invocara.)

6. Conhecia seu inimigo. (Eu perguntei, “Quem é o inimigo dele?” Resposta, “Forças das águas — do Nilo”. W. não sabia patavina de Egiptologia — ou de qualquer outro assunto.)

7. Conhecia sua figura lineal, e a cor desta. (Uma chance em 84.)

8. Conhecia a posição dele no templo. (Uma chance em 4, pelo menos.)

9. Apontou a arma dele. (em uma lista de 6)

10. Apontou a sua natureza planetária. (em uma lista de 7 planetas)

11. Apontou seu número. (em uma lista de 10 unidades)

12. Selecionou-o de entre a) Cinco e b) três símbolos indiferentes, isto é, arbitrários. (Isto quer dizer que eu decidi que entre A,B,C,D e E, D o representaria, e ela então disse D.)

(17) Veja-se *Equinox Vol. I, N.º 2*, o Ritual do Neófito da A.D.

Não podemos insistir demasiado quanto ao caráter extraordinário desta identificação. (18)

W. nunca pretendia ser clarividente; nem P. tentara jamais treiná-la para tal.

P. tinha grande experiência com clarividentes, e sempre fora um ponto de honra para ele desmascará-los. E aqui estava uma noviça, uma mulher que nunca deveria ter saído de um salão de baile, falando com a autoridade de Deus, e provando-se com toda correção, sem hesitação alguma.

Um só fracasso, e P. tê-la-ia mandado às favas. E o fracasso não ocorreu. Calcule-se as probabilidades contra! Não conseguimos encontrar uma expressão matemática para os testes 1, 2, 3, 4, 5, ou 6, mas os outros 7 testes nos dão:

$$1/10 \times 1/84 \times 1/4 \times 1/6 \times 1/7 \times 1/10 \times 1/15 = 1/21168000.$$

Vinte e um milhões contra *uma* probabilidade dela passar na metade da prova!

Mesmo se supormos, o que é absurdo, que ela conhecia as correspondências da Cabala tão bem quanto Fra. P., e conhecia as relações secretas dele com o Invisível, precisaríamos esticar a telepatia para explicar o teste 12 (19).

(18) N.T.: Aspirantes à A.: A.: farão bem em estudar este teste, e em aplicar o mesmo rigor à verificação de quaisquer “mensagens do invisível” que venham a receber. É notório que em círculos “ocultistas” ou “espiritualistas” qualquer menção de interrogar o “Mestre”, ou “Vitor Hugo”, ou “Humberto de Campos”, ou “Ramatis”, ou “Jesus Cristo”, ou “Ishmael”, ou até mesmo “o guia” por estes métodos provoca queixas de “falta de fé” ou de “desrespeito” por parte do “blasfemador” que ousa sugerir tal coisa!

(19) N.T.: A telepatia explicaria todos os testes menos a ocorrência no Museu de Boulak, que é inexplicável por simples telepatia, ou até por clarividência. Mas telepatia em um tal grau de perfeição é desconhecida mesmo em labora-

(Nota: Podemos acrescentar que Fra. P. crê, mas não tem certeza, que além disto ele a testou pelo alfabeto hebraico e pelos trunfos do Taro, em cujo caso as chances contra ela devem ser multiplicadas ainda por 484, elevando-as acima de um bilhão!)

Mas sabemos que ela ignorava por completo as correspondências sutis, que naquela época existiam apenas no cérebro do próprio P.

E mesmo se ela as conhecesse, como poderíamos explicar o que aconteceu a seguir — a descoberta da Estela de Revelação?

Para aplicar o teste 4, Fra. P. levou-a ao museu em Boulak, que ainda não haviam visitado. Ela passou (P. notou com silente riso) por várias imagens de Horus sem indicá-las. Eles subiram as escadas para o segundo andar. Uma caixa de vidro estava demasiado distante para que seu conteúdo fosse reconhecível. Mas W. o reconheceu. “Lá”, gritou ela, “lá está ele!”

Fra. P. caminhou até à caixa. Havia ali a imagem de Horus na forma de Ra-Hoor-Khuit, pintada sobre uma estela de madeira da 26.^a dinastia — e a caixa tinha o número 666! (20)

tórios de parapsicologia. Além do mais, por que haveria W. de ser clarividente e telepata *somente* nesta ocasião, nunca antes, e nunca depois? O leitor deve levar tudo isto em consideração, e aplicá-lo a sua própria experiência de fenômenos “ocultos”.

(20) Fra. P. adotara 666 como o número de Seu próprio Nome (A Besta) muitos anos antes, em sua infância. (N.T.: A criança manifestara sua vivacidade em alguma arte, e a mãe fanática arrepelara os cabelos e lhe gritara: “Você é a Besta do Apocalipse!” Em sinal de protesto, ele adotara o nome.) Não pode ter havido conexão causal física aqui; e a coincidência, suficiente para explicar este fato isolado, perde o sentido diante do resto da evidência.

(E após isto ainda se passaram cinco anos antes de Fra. P. ser compelido a obedecer!)

Este incidente deve ter ocorrido antes de 23 de março, desde que a anotação daquela data se refere a Ankh-f-n-khonsu.

Eis aqui a descrição que P. fez da estela:

“No museu no Cairo, o N.º 666 é a estela do sacerdote Ankh-f-n-khonsu.

Horus tem um Disco vermelho e um Ureu verde.

Sua face é verde, sua pele índigo.

Seu colar, tornozeleiras e braceletes são de ouro.

Sua nêmes é azul quase negro.

Sua túnica é a pele de leopardo, e seu avental é verde e ouro.

Verde é a baqueta de duplo Poder; sua m. d. está vazia (21).

Em seu trono é índigo o gnômon, vermelho o esquadro.

A luz é *gambodge* (22).

Acima dele estão o Globo Alado e a figura curvada da Isis celeste, suas mãos e pés tocando a terra.”

Incluimos aqui a mais recente tradução da Estela, pelos Srs. Alan Gardiner, Lit. D., e Battiscombe Gunn. Difere ligeiramente daquela usada por Fra. P., a qual foi devida ao curador-assistente do Museu de Boulak.

(21) N.T.: Este detalhe está errado; em sua mão direita, Ra-Hoor-Khuit na estela empunha o látigo. Este está caído e é difícil de perceber; talvez por isto tenha escapado à atenção de P. durante essa descrição preliminar.

(22) N.T.: Uma mistura harmoniosa de amarelo, alaranjado e ouro.

ESTELA DE ANKH-F-NA-KHONSU

(Obverso)

Registro do topo (sob Disco Alado) :

Behdet (?Hadit?), o Grande Deus, o Senhor do Céu.

Registro médio: (duas linhas verticais para a esquerda)

Ra-Harakhti, Mestre dos Deuses ⁽²³⁾.

(Cinco linhas verticais para a direita):

Osiris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, Porteiro de Nut em Karnak, Ankh-f-n-Khonsu, o Justificado.

Gado, Gansos, Vinho (?), Pão.

Atrás do deus está o hieróglifo de Amenti.

Registro baixo:

(1) Diz Osiris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, o abridor das Portas de Nu em Karnak, Ankh-f-n-Khonsu, (2) o Justificado: "Salve, Tu cujo elogio é grande (o grandemente elogiado), tu de vontade grande. Ó Alma (ba) mui terrível (literalmente, poderosa,

(23) N.T.: Transliterações de hieróglifos egípcios são, por muito favor, tentativas. Os hieróglifos eram hierogramas, não fonogramas. Daí a grande variedade de versões, cada egiptologista preferindo a sua. Mas desde que o Livro da Lei foi *ditado*, podemos sem receio adotar a fonética sugerida pelo MS quanto às palavras egípcias que aparecem no texto. Ra-Hoor-Khuit (Ra-Harakhti e Ra-Herakhti são formas comuns entre egiptologistas) significa "Sol dos Dois Horizontes", ou "Sol que nunca morre". É, conseqüentemente, um conceito completamente diverso do de Osiris, que é identificado com o Oeste, isto é, com o Reino dos Mortos, com a "Morte do Sol". Isto sugere (desde que Ra-Hoor-Khuit era a divindade adorada pelos reis e príncipes, e seus ritos pertenciam aos Mistérios Maiores) que os Iniciados Egípcios sabiam que a terra gira em volta do Sol, e que conseqüentemente mesmo à meia noite, isto é, na hora de máxima escuridão, o *Sol está fulgindo*.

de terror) que dá o terror dele (3) entre os Deuses, brilhando em glória sobre seu grande trono, abrindo caminhos para a Alma (ba) para o Espírito (yekh) e para a Sombra (khabt): Eu estou preparado e eu brilho como quem está preparado. (4) Eu abri caminho ao lugar onde estão Ra, Tom, Khepri e Hathor. Osiris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas (5) Ankh-f-na-Khonsu, o Justificado; filho de MNBSNMT ⁽²⁴⁾; nascido da portadora-do-Sistro de Amon, a Senhora Atne-sheer.

(Reverso)

Onze linhas de escritura.

(1) Diz Osiris, o Sacerdote de Montu, Senhor de Tebas, Ankh-f-(2)na-Khonsu, o Justificado: "Meu coração de minha mãe, meu coração (diferente palavra, aparentemente sinônima, mas provavelmente não é) de minha existência (3) sobre a terra, não fiques diante de mim contra mim como uma testemunha, não me repilas (4) entre os Juizes Soberanos (uma tradução muito convencional e arbitrária da palavra original), nem inclines contra mim na presença do Grande Deus, o Senhor do Oeste (Osiris, claro), (5) agora que eu estou unido à Terra no Grande Oeste, e não duro mais sobre a Terra".

(6) Diz Osiris, ⁽²⁵⁾ ele que está em Tebas, Ankh-

(24) O nome do pai. O método de soletrar indica que ele era um estrangeiro. Não há pista quanto à vocalização.

(25) N.T.: Isto é, o morto. A alma do morto, fôsse homem ou mulher, era sempre chamada de Osiris. Veja-se *O Livro dos Mortos*. O significado místico era, claro, o de ressurreição da alma, identificada com o Deus. O paralelo com o cristianismo é perfeito. A teologia cristã foi uma tentativa deturpada de adaptar os Mistérios Menores do Egito à men-

f-na-Khonsu, o Justificado: “Ó Único, que brilhas como (ou na) Lua; Osiris Ankh-f-(8)na-Khonsu veio ao alto de entre estas tuas multidões. (9) Ele que ajunta esses que estão na Luz, o Mundo Inferior (duat) é (também) (10) aberto para ele: vê, Osiris Ankh-f-na-Khonsu vem (11) de dia para fazer tudo que ele deseja sobre a terra entre os viventes”.

Existe um outro objeto para completar o segredo de Sabedoria (P. anota “talvez um Thoth”) ou está nos hieróglifos. (Este último parágrafo foi, nós supomos, ditado por W.).

Nós agora retornamos ao “Livro de Resultados”.

19 de Março: O ritual foi escrito e a invocação feita — pouco sucesso.

20 de março: Revelou (Não podemos estar certos se esta revelação provém de W. ou é um resultado do ritual. Mas quase certamente vem de W., desde que precede a anotação “Grande Sucesso”) que o Equinócio dos Deuses chegou, com Horus assumindo o Trono do Oriente, e todos os rituais, etc. sendo abrogados.

(Para explicar isto, apendemos a este capítulo o Ritual do Equinócio da A.D., que era celebrado na primavera e no outono, dentro de 48 horas após a entrada do Sol em Aries ou Libra (26).)

talidade européia. Dizemos deturpada porque foi misturada com política pelos iniciados essênios, numa tentativa de fazer dos judeus os regentes religiosos do Ocidente. Deve ser observado que esta tentativa foi bem-sucedida: o cristianismo se tornou um ramo, ou derivação, do judaísmo.

(26) A analogia é entre a “nova fórmula” dada pela “Palavra” semestral na Ordem, e aquela dada cada dois mil anos (mais ou menos) pela Palavra de um Magus à Humanidade inteira, ou a parte desta.

20 de março: (cont) Grande sucesso na invocação da meia-noite. (O outro diz 10 da noite. “Meia-Noite” pode ser uma expressão descuidada, ou talvez marque o momento do climax do ritual.)

Devo formular um novo elo de uma Ordem com a Força Solar.

(Não fica claro o que aconteceu nesta invocação; mas é evidente, de outra anotação que certamente foi feita mais tarde, que o “grande sucesso” não significa “Samadhi”. Pois P. escreve: “Eu estabeleço como absoluta condição que eu devo atingir Samadhi, no próprio interesse do deus”. A memória dele concorda quanto a isto. Foi o Samadhi obtido em outubro de 1906 que o colocou novamente no caminho de obediência a esta revelação.

Mas está claro que “grande sucesso” significa algo muito importante. O céptico zombeteiro de 17 de março deve ter tido um choque antes de escrever estas palavras.)

Segunda-feira 21 de março: O Sol entra em Aries.

Terça-feira 22 de março: O dia de descanso, em que nada de magia deve ser feito. A quarta-feira deve ser o grande dia de invocação.

(Esta nota é devida à insistência de W., ou à própria imaginação dele racionalizando.)

23 de março: O Segredo de Sabedoria.

(Omitimos o registro de uma longa e fútil adivinhação pelo Taro.)

Neste ponto podemos inserir o Ritual que teve tanto sucesso no dia 20 de março.

INVOCAÇÃO DE HORUS
DE ACORDO COM A DIVINA VISÃO DE W.,
A VIDENTE

Para ser executado diante de uma janela aberta para o E. ou N., sem incenso. O quarto deve estar repleto de jóias, mas apenas diamantes serão usados sobre o corpo. Uma espada, não consagrada, um fio de 44 pérolas para contar. De pé. Clara luz do sol ao meio-dia-e-meio. Tranque portas. Robes brancos. Pés nus. Grite muito. Sábado. Use o Sinal de Apófis e Tifão.

(O acima é a resposta de W. a várias perguntas feitas por P.).

Preliminar. Banir. Ritual Menor do Pentagrama Banindo. Ritual Menor do Hexagrama Banindo. Espada flamejante. Abrahadabra, Invoque. Como antes.

(Estas são as idéias de P. para o ritual. W. replicou: "Omita tudo isso".)

O MS deste Ritual exhibe muitos indícios textuais de que foi escrito extremamente de improviso, e de que não foi revisado, salvo talvez por uma única leitura. Há erros de gramática e de grafia que são exceções em todos os MMSS de Fra. P.; o uso de maiúsculas é irregular, e a pontuação praticamente inexistente).

CONFISSÃO

Sem estar preparado e sem Te invocar, eu OU MH, Fra. R.R. et A.C., aqui estou em Tua Presença — pois Tu estás em Toda Parte, Ó Senhor Horus! — para confessar humildemente diante de Ti minha negligência e meu desprezo por Ti.

Como me humilharei suficientemente diante de Ti? Tu és o poderoso e inconquistado Senhor do Universo: eu sou uma fagulha da Tua Radiância indizível.

Como me aproximarei de Ti? mas Tu estás em Toda Parte.

Mas Tu graciosamente Te dignaste chamar-me a Ti, a este Exorcismo de Arte, para que eu possa ser Teu Servo, Teu Adepto, Ó Brilhante, Ó Sol de Glória! Tu me chamaste — então não correrei eu à Tua Presença?

De mãos sujas portanto eu venho a Ti, e lamento porque me afastei de Ti — mas tu sabes!

Sim, eu fiz mal!

Se um (sem dúvida uma referência a S.R.M.D., ⁽²⁷⁾ que era muito obcecado por Marte. P. viu Horus primeiro como Geburah; mais tarde, como um aspecto de Tiphereth, incluindo Chesed e Geburah — o Triângulo Vermelho invertido — uma idéia oposta a Osiris ⁽²⁸⁾.) Te blasfemou, por que deveria eu Te abandonar? Mas Tu és o Vingador; tudo é Contigo.

Eu inclino meu pescoço ante Ti; e tal como uma vez Tua espada pousou sobre ele (veja-se a Cerimônia do Neófito da A.D., a Obrigação), assim estou eu em

(27) N.T.: Um dos motos de S. L. Mathers.

(28) N.T.: Leitores que desejam assimilar o Método Telemico devem procurar se abster de interpretar a expressão "idéia oposta" como "idéia hostil". Os pares de opostos se equilibram mutuamente. Deles depende a harmonia do universo. Nenhuma idéia pode existir acima do "Abismo" que separa o Manas de Buddhi-Manas (Neschamah) a não ser que ela contenha sua contradição em si mesma. Os Comentaristas de AL explicam isto circunstanciadamente, mas é bom procurar absorver o conceito logo de entrada.

Tuas mãos. Golpeia se Tu queres; poupa se Tu queres; mas aceita-me como sou.

Minha confiança está em Ti; estarei enganado? Este Ritual de Arte; esta Invocação Quarenta e Quatro Vezes; este Sacrifício de Sangue — (meramente, supomos, que 44=DM, sangue. Possivelmente uma tigela de sangue foi usada. P. crê que foi, em algum dos rituais daquela época, mas não está certo de que o tenha sido neste) — estes eu não compreendo.

É bastante que eu obedeça ao Teu decreto; se Tu fiat proclamar minha miséria eterna, não seria minha alegria executar Tua Sentença sobre mim mesmo?

Por que? Porque Tudo está em Ti e de Ti; é bastante se eu queimar na glória intolerável de Tua presença.

Chega! Eu me volto para Tua Promessa.

Duvidosas são as Palavras: Escuros são os Caminhos: mas em Tuas Palavras e Caminhos há Luz. Portanto, agora como sempre, eu entro na Trilha da Escuridão, se talvez assim eu puder alcançar a Luz.

Salve!

a I X

Soa, toca o mestre acorde!

Puxa, mostra a Espada em Flama!

Criança Rei, Vingador Lorde,

Horus, ouve quem Te chama!

1. Ó Tu da Cabeça de Falcão! Tu, Tu eu invoco!
(A cada "Tu eu invoco", no ritual todo, dê o Sinal de Apófis.)

A. Tu, filho único de Osiris Teu Pai, e de Isis Tua

Mãe. Ele que foi morto; Ela que Te carregou em Seu útero fugindo do Terror da Água. Tu, Tu eu invoco!

2. Ó Tu cujo Avental é de branco lampejante, mais níveo que a Testa da Manhã! Tu, Tu eu invoco!

B. Ó Tu que formulaste Teu Pai e fertilizaste Tua Mãe! Tu, Tu eu invoco!

3. Ó Tu cuja veste é de glória dourada com as barras azul celeste! Tu, Tu eu invoco!

C. Tu, que vingaste o Horror da Morte; Tu, o matador de Tifão! Tu que levantaste Teus braços e os Dragões da Morte se foram como pó; Tu que levantaste Tua Cabeça, e o Crocodilo do Nilo se abateu diante de Ti! Tu, Tu eu invoco!

4. Ó Tu cuja Nêmes cobre o Universo com noite, o Azul Impermeável! Tu, Tu eu invoco!

D. Tu que viajas no Barco de Ra, governando o Leme do Barco Aftet e do barco Sektet! Tu, Tu eu invoco!

E. Tu em volta de cuja presença é derramada a escuridão de Luz Azul, a glória insondável do mais externo Éter, a inimaginável imensidade do Espaço. Tu que concentras todos os Trinta Éteres em uma escura esfera de Fogo! Tu, Tu eu invoco!

6. Ó Tu que levas a Rosa e Cruz de Vida e Luz! Tu, Tu eu invoco!

A Voz dos Cinco.

A Voz dos Seis.

Onze são as Vozes.

Abrahamadabra!

Toca, toca o mestre acorde!
 Puxa, mostra a Espada em Flama!
 Criança Rei, Vingador Lorde,
 Horus, ouve quem Te chama!

1. Pelo teu nome de Ra, eu Te invoco, Falcão do Sol, Tu glorioso!
2. Pelo teu nome Harmachis, mancebo da Manhã Brilhante, eu Te invoco!
3. Pelo teu nome Mau, eu Te invoco, Leão do Sol do Meio-Dia!
4. Pelo teu nome Tum, Falcão da Tarde, esplendor carmezim do Poente, eu Te invoco!
5. Por teu nome Khep-Ra eu Te invoco, Ó Escarvalho da Mestria oculta da Meia-Noite !
 - A. Pelo teu nome Heru-pa-Kraat, Senhor do Silêncio, Linda Criança que estás de pé sobre os Dragões da Profundeza, eu Te invoco!
 - B. Por teu nome Apolo eu Te invoco, ó homem de Força e esplendor, ó poeta, ó pai !
 - C. Pelo teu nome de Febo, que diriges tua carruagem pelo Céu de Zeus, eu Te invoco!
 - D. Pelo teu nome de Odin eu Te invoco, Ó guerreiro do Norte, Ó Renome das Sagas!
 - E. Pelo teu nome de Jeheshua, Ó rebento da Estrela Flamígera, eu Te invoco!
 - F. Pelo Teu próprio, Teu nome secreto Hoori, Tu eu invoco!

Os Nomes são Cinco.

Os Nomes são Seis.

Vê! eu estou de pé no meio. Meu é o símbolo de Osiris; a Ti meus olhos se dirigem sempre. Ao esplendor de Geburah, à magnificência de Chesed, ao mistério de Daäth, para lá eu levanto meus olhos. Isto busquei, e busquei a Unidade: ouve-me Tu!

Soa, toca o mestre acorde!
 Puxa, mostra a Espada em Flama!
 Criança Rei, Vingador Lorde,
 Horus, Teu criado chama!

1. Minha é a Cabeça do Homem, e minha visão é penetrante como a do Falcão. Pela minha cabeça eu Te invoco!
 - A. Eu sou o filho único de meu Pai e de minha Mãe. Por meu corpo eu Te invoco!
 2. Em volta minha brilham os Diamantes de Radiância branca e pura. Pelo brilho deles eu Te invoco!
 - B. Meu é o Triângulo Vermelho Invertido, o Signo dado de nenhum, salvo de Ti, Ó Senhor! (Este sinal fora previamente comunicado por W. Era inteiramente novo para P.) Pelo Lamen eu Te invoco !
 3. Minha é a vestimenta branca bordada a ouro, o abbaí lampejante que eu envergo. Pelo meu robe eu Te invoco!
 - C. Meu é o sinal de Apófis e Tifão! Pelo sinal eu Te invoco!
 4. Meu é o turbante de branco e ouro, e meu é o

vigor azul do ar íntimo! Pela minha coroa Te invoco!

D. Meus dedos viajam nas Contas de Pérola; assim eu corro atrás de Ti em teu carro de glória. Por meus dedos eu Te invoco! (No sábado a feira de pérolas rompeu-se; de forma que mudei a invocação para "Meus sigilos místicos viajam no Barco do Akasa, etc. Pelos encantamentos Te invoco!" — P.)

5. Levo a Baqueta de Duplo Poder na Voz do Mestre — Abrahadabra! Pela palavra Te invoco!

E. Minhas são as ondas azul escuro de música na canção que fiz há tempo Te invocando —

Soa, toca o mestre acorde!
Puxa, mostra a Espada em Flama!
Criança Rei, Vingador Lorde,
Horus, ouve quem Te chama!

§ IV ¶

(Esta seção meramente repete a Seção I na primeira pessoa. Assim, começa: 1. "Minha é a Cabeça do Falcão! Abrahadabra!" e termina: 6. "Eu levo a Rosa e Cruz de Vida e Luz! Abrahadabra!" dando o Sinal a cada Abrahadabra. Permanecendo no Sinal, a invocação finda):

Portanto, digo a ti: Vem Tu e habita em mim, para que todo Espírito meu, quer do Firmamento, ou do Éter, ou da Terra ou sob a Terra; em terra firme ou na Água, de Ar Regirante ou de Fogo Corrente; e todo encanto e flagelo de Deus o Vasto possa ser TU. Abrahadabra!

A Adoração — *impromptu*.

Feche por banição. (Creio que isto foi omitido por ordem de W. — P.).

O que quer que tenha ocorrido, durante o período de 23 de março a 8 de abril, é pelo menos certo que o trabalho foi continuado até certo ponto, que as inscrições da estela foram traduzidas para Fra. P., e que ele as parafraseou em verso. Pois nós o vemos usando ou preparado para usar as mesmas no texto de Liber Legis.

Talvez nessa época, talvez mais tarde, ele tenha escrito as "coincidências de nomes da Qabalah", às quais agora devemos dirigir a atenção do leitor. (O MS é um mero esboço fragmentário.)

Ch = 8 = ChIth = 418 = Abrahadraba = RA - HVVR (Ra-Hoor).

Também, 8 é o grande símbolo que adoro.

(Isto pode ser por causa de sua semelhança com ∞, ou por causa de suas (velhas, A.D.) atribuições a Daäth, P. sendo então um racionalista; ou por alguma outra razão.)

Assim também é O. (Zero)

O=A no Livro de Thoth (O Taro).

A=111 com todos os seus grandes significados, O=6.

Agora, 666=Meu nome, o número da estela, o número d'A Besta (veja-se Apocalipse), o número do Homem.

A Besta AChIHA=666 somando-se as letras em cheio (29). (A grafia usual é ChIVA).

(A=111, Ch=418, I=20, H=6, A=111).

HRV-RA-HA. 211+201+6=418.

(Este nome ocorre apenas em Liber Legis, e é um

(29) N.T.: Em cheio, isto é, cada letra sendo igualada à soma das letras que escrevem o nome em hebraico daquela letra. Por exemplo, $\aleph = 1$; mas também, ALP (Aleph por extenso em hebraico) = 111.

teste daquele Livro antes que da estela.)

ANKH-P-N-KHONShU-T=666.

(Confiamos em que a adição da terminação T será considerada justificada.)

$$\left\{ \begin{array}{l} \text{Bes-n-maut, BISHNA-MAVT} \\ \text{Ta-Nich} \quad \quad \quad \text{ThA-NICH} \end{array} \right\} = 888$$
$$\left\{ \begin{array}{l} \\ \\ \end{array} \right\} = \text{Ch} \times \text{A}$$

Nuteru NVThIRV=666.

Montu MVNTV=111.

Aiwass AIVAS=78, a influência ou mensageiro, ou o Livro de Thoth. (P.S. Note-se este erro!—Ed.)

Ta-Nich TA-NICH=78. Alternativamente, Sh em vez de Ch dá 370, Osh, Criação.

Este tanto extraímos de volumes cheios de cálculos minuciosos, a maioria dos quais não é mais inteligível nem mesmo para Fra. P.

A memória dele, no entanto, nos assegura que as coincidências foram muito mais numerosas e notáveis que aquelas que podemos reproduzir aqui; mas compreendemos que, afinal de contas, sua atitude é a de que “está tudo em Liber Legis”. “Sucesso é tua prova; não discutas; não convertas; não fales demais!”

E, de fato, no Comentário àquele Livro será encontrado o suficiente para o mais desconfiado examinador.

Agora, pode ser perguntado, quem era Aiwass? Este é o nome que W. deu a P. como do seu informante. Também, é o nome dado como aquele do revelador de Liber Legis. Mas quer Aiwass seja um ente espi-

ritual, ou um homem conhecido de Fra. P., é assunto de mera conjectura. Seu número é 78, ⁽³⁰⁾ o número de Mezla, o Canal através do qual Macroprosopus Se revela ou derrama Sua influência sobre Microprosopus. ⁽³¹⁾

Assim, nós vemos que Fra. P. fala de Aiwass em certas ocasiões como de outro homem, porém mais avançado; em outras ocasiões como se fosse o nome do seu próprio superior na Hierarquia Espiritual. E para todas as nossas perguntas Fra. P. tem uma resposta, quer apontando “a sutil distinção metafísica entre a curiosidade e o trabalho honesto”, ou dizendo que entre os Irmãos “nomes são apenas mentiras”, ou de alguma outra forma derrotando o propósito chão e simples do historiador.

O mesmo se aplica a todas as perguntas quanto a V.V.V.V.V., ⁽³²⁾ com esta diferença, que neste caso ele condescende em argumentar e instruir. Em certa ocasião ele disse ao presente escritor: ⁽³³⁾

“Se eu te disser que V.V.V.V.V. é um Sr. Smith que vive em Clapham, tu imediatamente sairás por aí anunciando a todo mundo que V.V.V.V.V. é um Sr. Smith de Clapham, o que não é verdade. V.V.V.V.V. é a Luz do Mundo mesma, o único Mediador entre Deus e o Homem; e no teu presente estado mental

(30) Mas veja-se os miraculosos acontecimentos relacionados com “A Renascença da Magia”, descritos no Apêndice, em que ele é mostrado como 93.

(31) Isto é, é o mensageiro de Deus ao Homem.

(32) O moto de Fra. P. como Magister Templi 8º=3□. Ele o usou em Sua função de dar os “Livros Oficiais da A. A.” ao mundo no *Equinox*.

(33) J. F. C. Fuller.

(aquele de um boçal) tu não podes perceber que as duas asserções podem ser idênticas para os Irmãos da A. A.! Não foi teu tataravô quem disse que nada de bom poderia sair de Nazaré? “Não é este o filho do carpinteiro? Não é a mãe dele chamada Maria? E seus irmãos, Jaime e José e Simão e Judas? E as irmãs dele, não estão todas elas conosco? De onde então tem este homem tudo isto? E eles se ofenderam com ele.”

Similarmente, com respeito à redação de Liber Legis, Fra. P. diz apenas que não foi de forma alguma uma “escritura automática”; que ele ouviu clara e distintamente os acentos humanos, articulados, de um homem falando. Uma vez, na página 6, foi-lhe dito que editasse uma sentença; e uma vez, na página 19, W. apõe uma sentença que ele não tinha conseguido ouvir.

A essa redação agora nos voltamos.

Deve ter sido no dia primeiro de abril que W. ordenou a P. (agora um tanto escabreado) que entrasse no “templo” exatamente às 12 horas do meio-dia em três dias sucessivos, e que escrevesse o que ouvisse, levantando-se da cadeira exatamente às treze horas.

Isto ele fez. No momento em que se sentou a Voz começou o seu Ditame, parando exatamente no fim da hora.

Estes são os três capítulos de Liber Legis, e nós não temos mais nada a acrescentar.

O título completo do livro é, como P. primeiro se decidiu a chamá-lo,

LIBER L vel LEGIS

sub figura CCXX

qual dado por LXXVIII a DCLXVI

e esta é a Primeira e Maior dessas publicações em

Classe A da A. A. das quais “não se deve alterar sequer o estilo de uma letra”.

(Este foi o título original devisado por 666 para aparecer na publicação de 1909. A “Chave de tudo”, e a verdadeira grafia de Aiwass, ainda não haviam sido descobertas.)

FESTIVAL DO EQUINÓCIO

(Templo arranjado como para O°=O□).

Hierofante. (bate) Fratres e Sorores de todos os graus da Aurora Dourada na Externa, celebremos o Festival do Equinócio (Vernal) Outonal!

Todos se levantam.

Ht. Frater Kerux, proclame o fato, e anuncie a abrogação da Palavra de Passe presente.

Kerux (indo para a direita do Ht., saudando, e voltando-se para o Oeste) Em Nome do Senhor do Universo, e por ordem do M.G.Ht., eu proclamo o Equinócio (Vernal) Outonal, e declaro que a Palavra de Passe está abrogada.

Ht. De acordo com o antigo costume, consagremos o retorno do Equinócio (Vernal) Outonal.

Luz.

Hs. Escuridão.

Ht. Leste.

Hs. Oeste.

Ht. Ar.

Hs. Água.

Hg. (bate) Eu sou o Reconciliador entre eles.

(Todos dão os sinais.)

D. Calor.

S. Frio.

D. Sul.

- S. Norte.
- D. Fogo.
- S. Terra.
- Hg. (bate) Eu sou o Reconciliador entre eles.
(Todos dão os sinais.)

Cada oficial que se retira, começando pelo Ht., deixa por sua vez sua posição pelo lado esquerdo, e caminha para o pé do Trono. Ele ali se despe, colocando o robe e o lâmen ao pé do Trono ou Plataforma. Então segue o curso do Sol até o Altar, e ali depõe sua insignia especial, a saber: Ht., o Cetro; Hs., a Espada; Hg., o Cetro; K., Lâmpada e Baquêta; S., Taça; D., Incensário; repetindo, enquanto assim faz, a Palavra de Passe que está sendo abrograda.

- Ht. Tomando a Rosa de sobre o Altar, retorna com o Sol à sua posição.
 - Hs. Toma a Taça de Vinho.
 - Hg. Espera pelo Kerux e toma a Lâmpada Vermelha deste.
 - K. Não toma coisa alguma.
 - S. Toma a bandeja com sal.
 - D. Toma o emblema do Fogo Elemental.
- Cada um deles retorna ao seu lugar.

Os membros restantes formam uma coluna ao Norte, e liderados pelo K. procedem para o Leste; quando todos estão em coluna ao longo do Lado Leste do Templo, cada qual se vira para a esquerda e encara o Hierofante.

Ht. Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Senhor do Ar, que criaste o Firmamento. (Fazendo com a Rosa o sinal da Cruz no Ar em direção ao Leste.)

Todos fazem sinais. A procissão se move para Oeste, pára, e encara o Oeste.

Hs. (encarando o Oeste) Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Senhor das Aguas, onde Teu Espirito Se moveu no começo. (Fazendo com a Taça o sinal da Cruz no Ar diante dele.)

Todos fazem sinais. A procissão passa ao Norte. Todos param e encaram o Norte.

S. (encarando o Norte) Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Senhor da Terra, da qual fizeste o Teu escabelo. (Fazendo com a bandeja de Sal o sinal da Cruz em direção ao Norte.)

Todos dão sinais. Todos reassumem seus lugares e encaram a direção usual.

Hg. Adoremos o Senhor do Universo.

Santo és Tu, Quem estás em todas as coisas, em Quem todas as coisas estão.

Se subo ao Céu, Tu lá estás.

Se desço ao Inferno, Tu lá estás também.

Se tomo as Asas da Manhã, e permaneço nas mais longínquas partes do Mar, mesmo lá Tua mão me guiará e Tua mão direita me sustentará.

Se digo, "Talvez a Escuridão me envolva", mesmo a Noite será Luz para Ti.

Teu é o Ar com seu Movimento.

Teu é o Fogo com sua Flama que lampeja.

Tua é a Agua com seu Fluxo e Refluxo.

Tua é a Terra com sua Eterna Estabilidade.

(Faz o sinal da Cruz com a Lâmpada Vermelha.)

Todos fazem sinais. Ht. vai para o Altar e deposita a Rosa. Enquanto isto, Imperator assume o Trono.

Ht. retorna a um assento à esquerda imediata como Ex-Hierofante. Cada Oficial antigo agora vai por sua vez ao Altar e coloca sobre este a insígnia que retirara dali. Eles voltam de mãos nuas às posições dos seus graus, não aos seus Tronos; sentam-se como membros comuns, deixando todas as posições oficiais vagas.

Imperator. Pelo Poder e Autoridade em mim investidos, eu confiro sobre vós a nova Palavra de Passe. É

Os Oficiais do Templo para o semestre que começa são: — (Lê lista dos Novos Oficiais.)

Os Novos Oficiais vêm, um de cada vez, e são vestidos pelo Imperator. Cada novo Oficial por sua vez vai ao Altar e apanha sua insígnia, repetindo em voz alta:

Pela Palavra de Passe eu reclamo minha (meu)

S., após apanhar sua Taça, purifica a Sala e os Membros com Água, sem que Ht. diga nada a não ser que S. se esqueça deste dever.

D., após tomar seu Incensário, consagra a Sala e os Membros com Fogo, sem fala desnecessária por parte do Ht.

A CIRCUNAMBULAÇÃO MÍSTICA

Isto deveria ocorrer em Silêncio, mas se os Membros não tiverem Rituais o Ht. pode organizar a coisa como segue: Todos entram em forma ao Norte, K., Hg., Membros, Hs., S., D.

Cada Membro ao passar pelo Trono repete a Palavra de Passe em voz alta.

Ht. Invoquemos o Senhor do Universo.

Senhor do Universo, Abençoado seja Teu Nome Eternamente. Olha com favor esta Ordem, e concede que seus membros possam por fim alcançar o verdadeiro Summum Bonum, a Pedra dos Sábios, a Sabedoria Perfeita e a Luz Eterna. Para Glória do Teu Nome Inefável. AMEN.

Todos saudam.

Ht. Frater Kerux, em Nome do Senhor do Universo, eu te ordeno que declares que o Equinócio (Vernal) Outonal retornou e que é a Palavra de Passe para os próximos seis meses.

K. Em Nome do Senhor do Universo e por ordem do M.G. Ht., eu declaro que o Sol entrou em (Aries) Libra e que a Palavra de Passe para o meio ano que começa será

Ht. Khabs.	Pax.	Em.
Hs. Am.	Konx.	Extensão.
Hg. Pekht.	Om.	Luz.

CAPÍTULO VIII

Observações sobre a maneira como Liber Legis foi recebido, sobre as condições existentes durante o ditame, e sobre certas dificuldades ligadas à forma e ao estilo do Livro (1).

I

Certas perguntas muito sérias têm se erguido com respeito ao método pelo qual este Livro foi obtido. Não me refiro às dúvidas — reais ou fingidas — que a hostilidade engendra, pois todas estas são dissipadas por estudo do texto; nenhum falsário poderia ter preparado uma rede de enigmas numéricos e literais tão difícil a ponto dele se ver (a) dedicado à solução anos e anos após; (b) despistado por uma simplicidade que, quando desvelada, deixa a gente boquiaberta ante a sua profundidade; (c) esclarecido apenas por progressiva iniciação, ou por eventos “acidentais” aparentemen-

(1) Este ensaio foi escrito independentemente de qualquer idéia de sua presente inclusão neste Livro, por A Bêsta 666 Ele mesmo, na Abadia de Télema em Cefalu, Sicília. Nenhuma desculpa mais é oferecida por quaisquer repetições de coisas já ditas em capítulos prévios.

te sem conexão com o Livro, que ocorreram muito após sua publicação; (d) hostil, confuso, e desgostoso mesmo em face de testemunho independente quanto ao poder e clareza do Livro, e do fato de que, por Sua luz, outros homens têm atingido os mais elevados cumes da iniciação em uma mínima fração do tempo que o passado e a tradição nos levariam a esperar; e (e) enraivecidamente indisposto a executar aquela parte da Obra que lhe foi designada (detalhada no Capítulo III), mesmo quando o curso de eventos no planeta — guerra, revoluções, e o colapso dos sistemas sociais e religiosos — lhe provava claramente que, quer ele gostasse ou não, Ra-Hoor-Khuit era de fato Senhor do Aeon, a Criança Coroada e Conquistadora cuja inocência significava apenas inumana crueldade e insensata destrutividade quando ele vingou Isis, nossa mãe a Terra e o Céu, do assassinato e mutilação de Osiris, o Homem, seu filho. A Guerra de 1914-1918 e as seguintes provaram, até aos mais obtusos estadistas, além da possibilidade de disfarce mesmo por parte dos teólogos mais astuciosamente sofisticados, que a morte não é um benefício sem inconvenientes, quer para o indivíduo, quer para a comunidade; que força inteligente e virilidade sadia são mais úteis a uma nação que uma respeitabilidade covarde e um servilismo emasculado; que o gênio marcha ombro a ombro com a coragem, enquanto o senso de vergonha e de pecado rasteja com o derrotismo.

Por estes motivos e muitos mais estou certo, eu a Besta, cujo número é Seiscentos e Sessenta e Seis, de que este Terceiro Capítulo do Livro da Lei é nada menos que a autêntica Palavra, a Palavra do Aeon, a Verdade sobre a Natureza nesta época e sobre este pla-

neta. Eu o escrevi, odiando-o e escarnecendo dele, secretamente alegre de que eu poderia utilizá-lo para me revoltar contra esta Tarefa terribilíssima que os Deuses atiraram sem remorso sobre os meus ombros: a Cruz deles de aço em brasa, que devo carregar até o meu Calvário, o lugar do crânio, para lá ser desembarçado de seu peso, apenas para que possa ser crucificado sobre ela. Mas, sendo erguido, eu atrairei o mundo inteiro a mim, e os homens me adorarão, A Besta, Seiscentos e Sessenta e Seis, celebrando a Mim sua Missa da Meia Noite toda vez que eles fizerem aquilo que eles querem, e matando para Mim sobre Meu altar aquela vítima que mais me agrada, Eles Mesmos; quando o Amor planejar, e a Vontade executar o Rito pelo qual (saibam eles ou não) seu Deus-no-homem me é oferecido, a mim A Besta, Deus deles; o Rito cuja virtude (fazendo o Deus deles da sua Besta entronada) nada deixa, por bestial que seja, por divinizar.

Em tais linhas, minha própria “conversão” a minha própria “religião” ainda pode vir a ocorrer, se bem que enquanto escrevo estas palavras faltem apenas doze semanas para completar dezesseis anos da escritura do Livro (2).

II

Esta longa digressão é apenas para explicar que eu, mesmo eu, que publico *Liber Legis*, não sou um partidário fanático. Obedecerei a certas de minhas ordens (III, 42) “Não discutas, não convertas”; ainda que evitando algumas outras. Não me dignarei responder

(2) Escrito em 1920 e.v.

a perguntas céticas quanto à origem do Livro. “Sucesso é tua prova”. Eu, entre todos os homens sobre a Terra reputado como o mais poderoso em Magia, por meus inimigos mais que por meus amigos, tentei perder este Livro, esquecê-lo, desafiá-lo, criticá-lo, escapar dele, durante quase dezesseis anos; e o Livro me mantém no curso que o Livro estabelece, assim como a Montanha de Pedra Imã atrai os navios, ou como Helius por laços invisíveis controla seus planetas; sim, ou como BABALON aperta entre suas coxas a Grande Besta Selvagem em que ela cavalga!

Tanto para os céticos; ponde vossas cabeças na boca do Leão: assim podereis certificar-vos se estou estufado com palha!

Mas, no texto do Livro mesmo, há espinhos para a carne do cortejador mais ardente quando ele mergulha sua face nas rosas; uma parte da vima que sobe no Tirso deste Diôniso é venenosa. A pergunta se levanta, especialmente quando o manuscrito original, em minha caligrafia, é examinado: “Quem escreveu estas palavras?”

Está claro que eu as escrevi, tinta no papel, no senso material; mas elas não são Minhas palavras, a não ser que Aiwass seja considerado não mais que o meu subconsciente, ou parte deste; em cujo caso, com o meu consciente ignorando a Verdade do Livro, e sendo hostil à maior parte de sua ética e filosofia, Aiwass torna-se uma parte severamente suprimida de mim (3).

(3) Uma tal teoria, além do mais, implicaria que eu, sem saber, possuo tudo quanto é conhecimento e poder preternaturais. A lei de Parcimônia de Pensamento (Sir W. Hamilton) refuta isto. Aiwass Se chama a Si Mesmo de “ministro de Hoor-paar-kraat”, o gêmeo de Heru-ra-ha. Esta é a forma dual de Horus, filho de Isis e Osiris. (N.T.: Hoor-paar-

Se assim for, o teorista deverá sugerir um motivo para esse desabafo explosivo, no entanto cerimoniosamente controlado, e fornecer uma explicação de como Eventos em anos subseqüentes se conformaram com a palavra d'Ele, seja escrita ou publicada. Em qualquer caso, o que quer que "Aiwass" seja, "Aiwass" é uma Inteligência possuidora de poder e conhecimento absolutamente além da experiência humana; e portanto Aiwass é um Ente merecedor, tanto quanto o uso corrente da palavra permite, do título de um Deus; sim, em verdade e amén, de um Deus. A humanidade não tem registro de um fato como este, estabelecido por provas asseguradas além de quaisquer sofismas críticos; não tem outro Livro como este para testemunhar a existência de uma Inteligência preter-humana e articulada, propositalmente intervindo na filosofia, religião, ética, economia e política do Planeta.

A prova da Natureza preter-humana de Aiwass — chamem-n'O de Diabo, ou Deus, ou mesmo de Elemental, se quiserem — é em parte externa, dependendo de eventos e pessoas fora da esfera da Sua influência; e em parte interna, dependendo da cifra de (a) certas Verdades, algumas previamente conhecidas, outras não, mas a maior parte além do alcance de minha mente na época do ditame; (b) de uma harmonia de letras e números sutil, delicada e exata; e (c) de Chaves de todos os mistérios da vida — tanto pertinentes à ciência oculta quanto a outras coisas — e de todas as Fechaduras do Pensamento; estas três galáxias de glória, repito, encerradas numa cifra simples e luminosa, no

kraat é o gêmeo de Ra-Hoor-Khuit; Heru-ra-ha inclui ambas as formas. Esta confusão é outra prova da hostilidade subconsciente que ainda subsistia na mente de A.C. na época em que ele escreveu isto.)

entanto ilegível durante mais de quatorze anos, e mesmo então traduzida não por mim, mas por minha misteriosa Criança, de acordo com a Presciência escrita no próprio Livro em termos tão complexos que o cumprimento exato das condições do nascimento da Criança, que ocorreram com incrível precisão, parecia impossível; um cifra envolvendo matemática avançada e um conhecimento das cabalas hebraica, grega e arábica, assim como da Verdadeira Palavra Perdida dos Pedreiros-Livres; uma cifra que no entanto está encerrada no tecido casual de palavras inglesas comuns, e mais — até na circunstância, aparentemente acidental, das letras traçadas pelo rabisco apressado da Minha pena.

Muitos destes casos de duplo sentido, paranomásia em um idioma ou em outro, e mesmo (numa ocasião) de uma iluminadora ligação de letras em linhas diversas por um rabisco brusco, serão expostos na seção cabalística do Comentário (4).

III

Como um exemplo do primeiro método mencionado acima, temos, no Cap. III: "O tolo lê este Livro da Lei, e seu comento; & ele não o compreende". Isto tem um senso-inverso secreto, significando: O tolo (Parzival = Fra. O.I.V.V.I.O.) o compreende (sendo um Magister Templi, o Grau atribuído à Compreensão) não (isto é, como sendo 'não').

Este Parzival, cuja soma é 418, é (na lenda do Graal) o filho de Kamuret, cuja soma é 666, sendo o filho de Mim A Besta pela Mulher Escarlata Hilarion.

(4) Em preparação.

Este foi um nome que ela escolheu enquanto meio ébria, como um plágio da lenda teosófica, mas contendo muitas das nossas letras-números-chaves dos Mistérios; também, o número de pétalas do mais sagrado lótus. Sua soma é 1001, que é também Sete vezes Onze vezes Treze, uma série de fatores que pode ser lida como: o Amor da Mulher Escarlata pela Magia produz Unidade, em hebraico Achad. Pois 7 é o número de Venus, e o Nome secreto de sete letras de minha concubina BABALON é escrito com Sete Setes, assim:

$$77 + \frac{7 + 7}{7} + 77 = 156, \text{ o número de BABALON.}$$

418 é o número da Palavra da Fórmula Mágica deste Aeon. (666 sou Eu, A Besta.)

Parzival usou também o nome Achad como Neófito da A. A., e foi Achad quem Hilarion Me deu como filho. E Achad significa Unidade, e a letra da Unidade é Aleph, a letra d'O Tolo no Taro. Agora, este Tolo invocou a Fórmula Mágica do Aeon ao assumir como seu Nome Mágico, ou Verdadeiro, um cuja soma também é 418.

Ele tomou este Nome ao Entrar para a Gnose onde está a Compreensão; e ele compreendeu este Livro como não. Isto é, ele compreendeu que este Livro era, por assim dizer, uma vestimenta ou véu sobre a idéia de "não". Em hebraico não é LA, 31, e AL é Deus, 31, enquanto há um terceiro 31 escondido ainda mais profundamente na letra dupla ST, que é um glifo gráfico

do sol e da lua conjugados para aparentarem um Falo em ereção, encurtado por perspectiva, assim — (5) (⊙) — quando escrito em maiúsculas. O S ou Sigma é como um falo, assim, σ quando escrito minúsculo; e como uma serpente ou espermatozóide quando escrito final, assim, ς O T ou Theta é o ponto no círculo, ou falo no cteis, e também o Sol, tal como C é a Lua, macho e fêmea.

Mas Sigma em hebraico é Shin, 300, a letra do Fogo e do "Espírito dos Deuses", que paira sobre o Abismo Amorfo no Começo, sendo por forma uma tripla lingua de fogo, e por significado um dente, que é a única parte da secreta e sólida fundação do Homem (o esqueleto) que é normalmente visível. Dentes servem ao Homem para lutar, para esmagar, para rasgar, para morder e segurar sua presa; eles testemunham que ele é um animal feroz, perigoso e carnívoro. Mas eles são também as melhores testemunhas da mestria do Espírito sobre a Matéria, a extrema dureza da substância deles sendo esculpida e polida e coberta com uma camada lustrosa pela Vida, com tanta facilidade e beleza quanto ela exhibe com tipos de substância naturalmente mais plásticos.

Os dentes são desvelados quando nosso Ente Secreto — nosso Eu Subconsciente, cuja Imagem Mágica é nossa individualidade expressada em forma mental e corporal — nosso Santo Anjo Gardião — se manifesta e declara nossa Verdadeira Vontade a nossos semelhantes.

(5) N.T.: A forma arcaica das duas maiúsculas gregas S e T era respectivamente (⊙) e (⊙). Nas inscrições mais antigas elas são encontradas assim. A combinação das duas letras é portanto um hieróglifo do Falo em ereção, isto é, do "Diabo", ou do "Cristo".

tes, quer num arreganho ou repuxo dos lábios, quer num sorriso ou numa gargalhada.

Dentes nos servem para pronunciarmos as letras dentais, as quais em sua mais profunda natureza expressam decisão, fortaleza, resistência, tal como as guturais sugerem o alento da Vida mesmo, fluindo livremente, e as labiais as vibrações duplas de ação e reação. Pronuncie T, D, S ou N, e você as perceberá todas contínuas exalações bruscas, cuja diferença é determinada somente pela posição da língua, os dentes estando à mostra como quando uma besta acuada se vira e enfrenta os caçadores. O som sibilante de S ou Sh é a nossa palavra inglesa, e também hebraica, **Hush**, um S fortemente aspirado, e sugere o silvo de uma cobra. Agora, este sibilo é o sinal comum de reconhecimento entre os homens quando um deseja chamar a atenção de outro ⁽⁶⁾ sem perturbar o silêncio mais do que o necessário. (Temos também **Hist**, nossa Dupla Letra.) Este sibilo significa: "Atenção! Um homem!" Pois em todas as línguas semíticas, e em algumas arianas, **ISh** ou uma palavra muito similar significa "um homem". Pronuncie-a: você deve mostrar seus dentes cerrados como em desafio, e expirar fortemente como quando está excitado.

Hiss! Sh! significa: "Fique quieto! Há perigo se você for ouvido. Atenção! Há um homem alhures, mortífero como uma cobra. Respire com força; vem briga aí".

Este Sh é então o forte, sutil, criador Espírito de Vida, fogoso e triplo, contínuo, Silêncio de puro Alento modificado em som por trinta e dois obstáculos, tal

como o Zero do Espaço Vazio, se bem que contenha toda Vida, apenas toma forma de acordo (como dizem os Cabalistas) com os trinta e dois "Caminhos" de Número e Letra que o obstruem.

Agora, a outra letra, Theta ou Teth, tem o valor de Nove, que é o valor de AVB, a Magia Secreta de Obeah, e da Sefhira Yesod, que é o assento no homem da função sexual, pela Magia da qual ele vence mesmo a Morte, e isto em mais do que uma maneira; maneiras tais que são conhecidas apenas dos mais elevados e mais dignos Iniciados, batizados pelo Batismo da Sabedoria, e comungantes naquela Eucaristia em que o Fragmento da Hóstia no cálice se torna inteiro ⁽⁷⁾.

Este T é a letra de Léó, o Leão, a casa do céu sagrada ao Sol. (Assim, nós o encontramos também no número 6, de onde 666 ⁽⁸⁾.) E Teth significa a Serpente, o símbolo da Vida Mágica da Alma, senhor da "baqueta dupla" de vida e morte. A serpente é régia, encapuçada, sábia, silenciosa salvo por um sibilo quando é necessário que desvele sua Vontade; devora sua cauda — o glifo da Eternidade, do Nada e do Espaço; ela se move ondulando, uma essência imaterial viajando através de crista e côncavo, como a alma de um homem através de vidas e mortes. Ela se endireita: é a Vara que golpeia, a Radiância-Luz do Sol ou a Radiância-Vida do Falo.

O som de T é tênue e bruscamente final; sugere

(7) O Cálice não é apresentado a leigos. Esses que compreendem o motivo deste e de outros detalhes da Missa se maravilharão com a perfeição com que a Comunhão Romana preservou a forma, e perdeu a substância do Supremo Ritual Mágico da Verdadeira Gnose.

(8) N.T.: 6 de cabeça para baixo é 9, e 666 é um múltiplo de 9.

(6) N.T.: Compare-se o português "Pslu" ou "Psst!".

um ato espontâneo súbito e irrevogável, como a mordida de uma cobra, a bocada do leão, a insolação, e o golpe do Lingam.

Agora, no Taro o Trunfo ilustrando esta letra Sh é uma velha forma da Estela de Revelação, Nuit com Shu e Seb, o pantáculo ou pintura mágica do velho Aeon, tal como Nuit com Hadit e Ra-Hoor-Khuit é a forma do novo. O número deste Trunfo é XX. É chamado o Anjo, o mensageiro vindo do Céu com a nova Palavra. O Trunfo dando a pintura de T é chamado a Força. Mostra a Mulher Escarlata, BABALON, cavalgando (ou conjugada com) a mim A Besta; e esta carta é minha carta especial, pois eu sou Baphomet, "o Leão e a Serpente", e 666, o "número inteiro" do Sol (9).

Assim pois, tal como Sh, XX, mostra os Deuses do Livro da Lei e T, XI, mostra os seres humanos naquele Livro (eu e minha concubina), as duas cartas juntas ilustram o Livro inteiro em forma pictórica.

Agora, XX+XI=XXXI, 31, o terceiro 31, que necessitamos colocar com LA, 31, e AL, 31, para que possamos ter $31 \times 3 = 93$, a Palavra da Lei, *Θελημα*, Vontade, e *αγαπη*, Amor, que sob Vontade é a Lei. É também o número de Aiwass, o Autor do Livro, é o número da Palavra Perdida cuja fórmula em sóbria verdade "levanta Hiram", e ainda de muitas outras Palavras de Verdade estreitamente ligadas.

Portanto, esta letra Dois-em-Um (O é a terceira Chave desta Lei; é com a descoberta deste fato, após anos de busca incessante, que súbitos esplendores de

(9) Os "números mágicos" do Sol são, de acordo com a tradição, 6, (6×6) 36, $(666 \div 6)$ 111, e $\Sigma (1-36)$ 666.

Verdade, tão sagrados quanto secretos, esbrasearam na meia-noite da minha mente! Observe-se: "este círculo quadrado em seu fracasso é uma chave também". Ora, eu sabia que no valor das letras de ALHIM, "os Deuses", os judeus haviam velado um valor incorreto de π , a razão da circunferência de um círculo para com seu diâmetro, com uma aproximação de 4 decimais: 3,1415. Mais aproximado seria 3,1416. Se eu prefixo nossa Chave, 31, colocando $\text{C} \odot$, Set ou Satã, antes dos velhos Deuses (10), eu obtenho 3,141593, que é π correto até Seis decimais, Seis sendo o meu próprio número e aquele de Horus o Sol. E o número inteiro deste novo Nome é 395 (11), que analisado dá uma espantosa quantidade de "mistérios" numéricos.

IV

Agora, um exemplo de 'paranomásia' ou trocadilho. Capítulo III, 17: "Vós, mesmo vós, não conheceis este significado todo." (Note-se como a gramática peculiar sugere um significado oculto.) Ora, YE (12) é em hebraico Yod Hé, o homem e a mulher; A Besta e BABALON, a quem o Deus se estava dirigindo neste verso. Know sugere no (13), que dá LA, 31; not (14) é LA, 31, novamente, por significado mesmo; all (15) se refere a AL, 31, novamente. Também, ALL é 61, AIN, "nada" (16).

(10) N.T.: Set ou Satã deve ser colocado antes dos velhos Deuses porque Ele é o mais velho dos Deuses: é Lucifer, o Primogênito do Pai, o Porta-Luz, o Verbo.

(11) Shin 300, Teth 9, Aleph 1, Lamed 30, He 5, Yod 10, Mem 40. Note-se que 395 deve ser invertido, 593 sendo a correção requerida! Note-se também o 31 e o 93 neste valor de π .

(12) N.T.: O original inglês é "Ye, even ye, know not

Também temos problemas numéricos como este: “seis e cinquenta. Divide, soma, multiplica e compreende” (AL I, 24-25). $6 \div 50$ dá 0,12, uma perfeita declaração em grifo da metafísica do Livro (17).

A evidência externa quanto ao Livro acumula-se de ano para ano: os incidentes relacionados com a descoberta da verdadeira grafia de Aiwass, por si sós, são suficientes para dissipar qualquer dúvida de que eu

this meaning all”. A paranomásia é intraduzível em todos os detalhes descritos por A.C. E' por este motivo e outros que por melhor que seja uma tradução do Livro da Lei o original deve sempre ser publicado com a tradução, e o estudante do Livro fará bem em aprender a língua inglesa com tanta perfeição quanto possa.

(13) N.T.: *Know*—conheceis; *no*—não. Outro trocadilho impossível de traduzir. Os sons de *know* e *no* são idênticos em inglês, apesar da grafia diversa.

(14) N.T.: *not* e *no*, negativas inglesas, só podem ser traduzidas em português pela mesma palavra, “não”, ou por expressões em que entram negativas como “nenhum”, “ninguém”, etc.

(15) N.T.: *all* pode ser traduzido em português como “tudo”, “todo”, ou “todos”—o adjetivo em inglês sendo invariável. Agora, “tudo” ou “o todo” em grego é *ΠΑΝ*—Pã, o “Diabo”, Lucifer. Sempre que aparece este trocadilho tentamos vertê-lo para português de maneira a permanecer tão fiel quanto possível à intenção do original.

(16) N.T.: ALL=Aleph+Aleph+Lamed+=1+30+30=61. Em hebraico AIN, nada, também é 61. Os gregos diziam que ver Pã era morrer, extinguir-se, ser aniquilado. Note-se que Nirvana e Nibbana são precisamente isto; Yoga e Budismo tendem ao mesmo fito. Pã é NUIT Ela Mesma. O leitor não deve permitir a confusão do intelecto; estas idéias estão acima do Abismo, consequentemente contêm contradições em si mesmas. Somente a experiência iniciática trará compreensão—elocubrações intelectuais serão completamente estéreis. Veja-se LXV, v, 59.

(17) N.T.: Veja-se Liber NV. Em inglês, decimais são marcadas com um ponto, não com uma vírgula, assim: 0.12.

esteja realmente em contato com um Ente de inteligência e poder imensamente mais sutis e mais avançados do que tudo o que pode ser chamado humano.

Este tem sido sempre o Único Problema Fundamental da Religião. Sabemos que há poderes invisíveis, e de sobra! Mas existe alguma Inteligência ou Individualidade (do mesmo tipo geral que o nosso) independente de nossa estrutura cerebral humana? Pela primeira vez na história, sim! Aiwass nos deu prova: o mais importante Portal que leva ao Conhecimento está aberto.

Eu, Aleister Crowley, declaro sobre minha honra como homem de bem que considero esta revelação um milhão de vezes mais importante que a descoberta da Roda, ou até que as Leis da Física e da Matemática. Fogo e Ferramentas fizeram do Homem mestre deste planeta: a Arte de Escrever lhe desenvolveu a mente; mas sua Alma era um palpite até que o Livro da Lei a provou.

Eu, que domino a língua inglesa, fui chamado em três horas a assentar no papel sessenta e cinco páginas tamanho carta de palavras de um ditame não só estranhas, mas em si mesmas freqüentemente desagradáveis para mim; palavras velando em cifra proposições que me eram desconhecidas, majestosas e profundas; predizendo eventos públicos e privados além do meu controle, ou daquele de qualquer homem.

Este Livro prova: há uma Pessoa pensando e agindo de uma maneira preter-humana, quer sem um corpo de carne, quer com o poder de se comunicar telepaticamente com os homens, inescrutavelmente dirigindo as ações deles.

Escrevo isto, portanto, com um senso de responsabilidade tão grande que pela primeira vez na minha vida deploro meu senso de humor, e as brincadeiras literárias que ele me tem feito perpetrar. Alegro-me, porém, de que cuidado tenha sido tomado com o MS mesmo, e com os diários e cartas daquele período, de forma que os fatos físicos são tão evidentes quanto possa ser desejado.

Minha sinceridade e seriedade são provadas pela minha vida. Lutei contra este Livro e fugi dele; conspiruei-o e sofri por causa dele. Presente ou ausente de minha mente, ele tem sido meu Governante Invisível. Ele me conquistou; ano após ano expande sua invasão de meu ser. Sou o cativo da Criança Coroada e Conquistadora.

O ponto então se apresenta: Como foi que o Livro da Lei veio a ser escrito? A descrição no *Equinox, Vol. I, N.º 7*, poderia ter sido mais detalhada; e eu poderia também ter elucidado o problema das aparentes mudanças de quem fala, e os lapsos ocasionais de grafia por parte do escriba.

Posso dizer que se tivesse forjado o MS para que passasse incólume por olhos críticos, não teria permitido óbvios motivos de dúvida como estes; nem teria deixado tantas estranhas deformidades de gramática e sintaxe, tantos defeitos de ritmo, tanta fraseologia esdrúxula. Não teria impresso passagens, algumas palradoras e ininteligíveis, outras repugnantes à razão pelo seu absurdo, outras ainda repelentes ao coração por causa de sua ferocidade bárbara. Não teria permitido tais mixórdias de conteúdo, pulos tão bruscos de

um assunto a outro, uma desordem que assola o raciocínio com seu desmazelo. Não teria tolerado as discorências de estilo, como quando um sublime panegírico sobre a Morte é seguido, primeiro de uma cifra, depois de uma profecia, antes do autor, sem tomar fôlego, se lançar à máxima magnificência de pensamento tanto místico quanto prático, em linguagem tão concisa, simples e lírica que atordoa até o nosso espanto. Não teria soletrado "Ay" como "Aye", ou permitido o horror "abstruction" (18).

Compare-se com este Livro minhas brincadeiras, quando eu finjo editar o MS de outra pessoa: "Alice", "Anfora", "Nuvens sem Água". Observe-se em cada caso a perfeição técnica do MS "descoberto" ou "traduzido": liso, habilidoso, cheio da elaborada arte e técnica de um estilista experiente; observe-se os tons e estilos cuidadosamente detalhados dos prefácios, e a diligente criação das personalidades do autor imaginário e do editor imaginário (19).

Note-se, além do mais, com que cobiçosa vaidade reclamo autoria mesmo de todos os outros Livros da A.: A.: em Classe A, se bem que os escrevi inspirado além de tudo que conheço como eu. No entanto, destes Li-

(18) N.T.: Neste longo desabafo, as partes da personalidade de Crowley ainda hostis ao Livro tiveram um feriado!... "Aye" foi traduzido como "sim"; "abstruction", palavra que não existia na língua inglesa, e que é composta, como "abstrução".

(19) N.T.: "Qui s'excuse s'accuse". Ele prova demais em sua preocupação de defender o Livro. Todos estes argumentos podem ser atacados; sempre haverá a possibilidade de alguém se perguntar se Crowley escreveu Liber AL, ou se o Livro lhe foi ditado por um tal de Aiwass; mas o fato permanece que o Livro tem poder absoluto e está se cumprindo ao pé da letra. E isto não pode ser "explicado" nem atacado. "Existe sucesso".

vros, Aleister Crowley, que domina a língua inglesa tanto em prosa quanto em verso, participou, no quanto ele era Aquilo. Compare-se estes Livros com o Livro da Lei! O estilo é simples e sublime; as imagens são suntuosas e impecáveis; o ritmo é sutil e intoxicador; o tema é interpretado numa sinfonia infalível. Não há erros de gramática, ou infelicidade de frase. Cada Livro é perfeito em seu tipo.

Eu, ousando assumir crédito por estes, naquele brutal Index ao *Equinox*, Vol. I, não ousei anunciar que toquei o Livro da Lei sequer com a ponta de um dedo.

Eu, gabando-me de meus muitos Livros; eu, jurando que cada um é uma obra-prima; eu ataco o Livro da Lei numa dúzia de pontos de arte literária. Ainda assim, admito, como Mestre da Língua Inglesa, que sou completamente incapaz, mesmo quando mais inspirado, de um inglês como aquele que vejo repetidamente nesse Livro.

Tersos, no entanto sublimes, são os versos de Liber Legis; sutis, no entanto simples; incomparáveis de ritmo, diretos como um raio de luz. Suas imagens são esplêndidas sem decadência. O Livro lida com idéias primárias. Anuncia revoluções em filosofia, em religião, em ética, sim: na natureza toda do Homem. Para isto não necessita mais do que rolar ondas do mar solenemente avante, oito palavras, como **'Every man and every woman is a star'** (20), ou explodir numa torrente

(20) N.T.: Todo homem e toda mulher é uma estrela.

agreste de monossílabos, como **'Do what thou wilt shall be the whole of the Law'** (21)

Nuit grita: **"Eu vos amo"**, como uma amante; enquanto mesmo "João" pode apenas atingir a fria, pessoal proposição: "Deus é amor". Ela requesta como uma mulher apaixonada; sussurra "A me!" em cada ouvido; 'Jesus', com desnecessária verborrêia, apela veementemente para aqueles que "trabalham e estão curvados sob cargas". No entanto não pode prometer mais que "Eu vos darei descanso" no futuro; enquanto Nuit, no presente, diz: "Eu dou inimagináveis alegrias sobre a terra", tornando a vida digna de ser vivida; **"certeza, não fé, enquanto em vida, quanto à morte"**, a luz elétrica do Conhecimento para o fogo-fátuo da Fé, tornando a vida livre de medo, e até mesmo a morte desejável: **"paz indizível, descanso, êxtase"**, pondo mente e corpo à vontade, para que a alma esteja livre para transcendê-los quando quiser.

Nunca escrevi tal inglês; nem o poderia jamais, bem sei. Shakespeare não poderia tê-lo escrito; muito menos Keats, Shelley, Swift, Sterne ou mesmo Wordsworth. Somente nos Livros de Jó e no Eclesiaste, nas obras de Blake, ou possivelmente nas de Poe, há qualquer aproximação de uma tal sucinta profundidade de pensamento expressa com tão musical simplicidade de forma; a não ser que seja nos poetas gregos ou latinos. Nem Poe nem Blake poderiam ter mantido seu

(21) N.T.: *Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.* Foi impossível traduzir isto em monossílabos; o máximo que pudemos fazer foi nos aproximarmos do ritmo do original perdendo o mínimo possível do significado. Note-se onze palavras em ambos os casos. Se nosso falecido Instrutor, Frater SATURNUS, não tivesse chamado nossa atenção para as onze palavras que constituem, por assim dizer, a Declaração da Lei, este fato sutil nos teria escapado.

esforço, qual faz este nosso Livro da Lei; e os hebreus usaram truques de versificação, artifícios mecânicos, como auxílio.

Então — voltando ao Assunto uma vez mais! — então como foi este Livro escrito?

VII

Farei o que poderíamos chamar um “inventário do mobiliário do Templo” — as circunstâncias do caso. Descreverei as condições do fenômeno, como se fosse qualquer outro evento inexplicado na Natureza.

1. A data:

O Capítulo I foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 8 de abril de 1904.

O Capítulo II foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 9 de abril de 1904.

O Capítulo III foi escrito entre Meio-Dia e Treze Horas de 10 de abril de 1904.

A escritura começou imediatamente ao soar da hora, e terminou exatamente uma hora mais tarde; foi constantemente apressada, sem quaisquer pausas.

2. O lugar:

A cidade foi Cairo, no Egito.

A rua, ou antes ruas, não recordo. Há uma “Praça” onde quatro ou cinco ruas se cruzam; é perto do Museu de Boulak, mas bastante longe do Shepherd. O quarteirão é ocidental em aparência. A casa ficava numa esquina. Não me lembro de sua orientação; mas, das instruções para invocar Horus, uma janela do templo dava para o Leste ou para o Norte. O apartamento era de vários quartos no andar térreo, bem mobiliado

em estilo anglo-egípcio. Foi alugado de uma firma chamada Congdon & Cia.

O quarto usado foi uma sala de visitas da qual obstáculos frágeis haviam sido retirados; mas não de outra forma preparada para servir de templo. Tinha portas duplas abrindo para um corredor ao Norte, e uma porta para o Leste levava a outra sala, a sala de almoço, creio. Havia duas janelas que davam para a Praça, para o Sul, e uma escrivanhinha contra a parede entre as janelas (22).

3. As pessoas:

A. Eu, idade: 28 anos e meio. Em bom estado de saúde, amante de esportes ao ar livre, especialmente do alpinismo e da caça pesada. Adeptus Major da A. A. mas cansado do misticismo e desapontado com a Magia. Um racionalista, budista, agnóstico, anti-clerical, anti-moral, Tory e Jacobita. Jogador de xadrez, amador de primeira classe, capaz de jogar três jogos simultâneos às cegas. Viciado em ler e escrever. Educação: governanta e tutores privados, escola preliminar Habershon's em St. Leonard, Sussex, tutores particulares de novo, escola privada 51 Bateman St., Cambridge, tutores particulares de novo, Yarrow's School, Streattham, perto de Londres. Malvern College, Tonbridge School, tutores particulares, Eastbourne College, King's College em Londres, Trinity College, Cambridge.

Moralidade — sexualmente viril e apaixonado.

(22) N.T.: Este ensaio foi evidentemente redigido às pressas, e nunca corrigido: veja-se como a orientação da sala, cuja memória ele negou no parágrafo anterior, aparece durante a descrição. É evidente que em 1920 e.v. muito da personalidade de Crowley ainda estava em conflito com o Livro da Lei.

Muito másculo com mulheres; livre de qualquer impulso similar para com meu próprio sexo (23). Minha paixão pelas mulheres extremamente altruísta; a principal motivação dar-lhes prazer. Daí, intensa ambição em compreender a natureza feminina; para este propósito, identificar-me com os sentimentos delas, e usar de todos os meios apropriados. Imaginativo, sutil, insaciável; a coisa toda uma mera tentativa desajeitada de saciar a sede da alma. Esta sede, em verdade, tem sido meu principal Senhor, dirigindo todos os meus atos sem permitir que quaisquer outras considerações a afetem no mínimo.

Estritamente temperado no beber, nunca estive perto da intoxicação. Vinho leve, meu único tipo de álcool.

Moralidade geral, aquela de um aristocrata normal (24).

Senso de justiça e equidade tão sensitivo, bem balanceado e compelidor que é quase uma obsessão.

Generoso, a não ser suspeitando que estava sendo explorado: "Poupando os tostões e desperdiçando as libras". Gastador, descuidado; não jogador, porque eu dava mais valor a vitórias em jogos de habilidade, que lisonjeavam minha vaidade.

(23) N.T.: Isto é, másculo com mulheres e feminino com homens.

(24) N.T.: Este esnobismo ingênuo era característico da classe média inglesa da época vitoriana. Na realidade, o Livro da Lei estabeleceria os padrões de conduta de uma verdadeira aristocracia. Os "gentlemen" da época de Crowley em sua maioria eram hipócritas que fingiam obedecer aos padrões de moral pública, mas em privado procediam conforme lhes aprazia. E o que lhes aprazia raramente era refilado. Ele não era assim.

Gentil, delicado, afetuoso, egoísta, vaidoso, alternadamente temerário e cauteloso.

Incapaz de guardar rancor, mesmo dos mais graves insultos e injúrias; no entanto, gosto de inflingir dor pelo prazer da coisa. Sou capaz de perseguir um desconhecido inocente, e de torturá-lo cruelmente durante anos, sem sentir a mínima animosidade contra ele (25). Afeição por animais e crianças, que quase sempre retribuem meu amor. Considero o aborto a mais vergonhosa forma de assassinato, e abomino os códigos sociais que o encorajam.

Odiava e desprezava minha mãe e a família dela; amava e respeitava meu pai e a dele.

Acontecimentos críticos de minha vida:

Primeira viagem fora da Inglaterra, 1883.

Meu pai morreu em 5 de março de 1887.

Albuminúria interrompeu meus estudos escolares, 1890-1892.

Primeiro ato sexual, provavelmente 1889.

O dito com uma mulher, março 1891 (Torquay — uma moça de teatro) (26).

(25) N.T.: Tortura psicológica, claro. Este traço é característico de Léo, e Crowley se engana ao dizer que não é provocado por animosidade. É provocado por uma percepção subconsciente de algum trauma (tal como covardia ou preconceito) no indivíduo atacado; se este cria coragem e reage, ou dissolve o trauma com hombridade, imediatamente o antagonismo de Léo se transforma em respeito e até em amizade—a qual, é claro, pode não ser retribuída depois de tanta zombaria!... Este traço é encontrado em leões, que adoram assustar gente em quem farejam medo. É uma manifestação característica de humor felino.

(26) N.T.: Isto quer dizer que o primeiro ato sexual foi com um homem, provavelmente um tutor. Não pode ter sido masturbação, que não é "ação" sexual—é inação. É um ato que Crowley, como todo iniciado, abominava.

Primeira escalada séria de montanha, em Skye, 1892. (O "Pinnacle Ridge", de Sgurr-nan-Gillean.)

Primeira escalada nos Alpes, 1894.

Admitido à Ordem Militar do Templo, meia-noite, 31 de dezembro de 1896.

Admitido a posição permanente no Templo, meia-noite, 31 de dezembro de 1897.

Compra de Boleskine em 1899.

Primeira escalada no México, 1900.

Primeira caça pesada, 1901.

Primeira escalada no Himalaia, 1902. (Expedição a Chogo Ri, ou "K-2").

Meu casamento em Dingwall, Escócia, 12 de agosto de 1903.

Lua de mel em Boleskine, depois em Londres, Paris, Nápoles, Egito, Ceilão, e de volta ao Egito, Helwan, e então Cairo no começo de 1904.

Minha carreira "oculta":

Pais, Irmãos de Plymouth, exclusivos.

Pai verdadeiro Irmão de Plymouth, portanto tolerante com o filho.

Mãe se tornou I.P. apenas para agradar meu pai, talvez para agarrá-lo; portanto, pedantemente fanática.

Após a morte dele fui torturado com insensata persistência, até dizer: Mal, sê tu meu bem! Pratiquei a maldade furtivamente, como uma fórmula mágica, mesmo quando era desagradável; exemplo, entrava furtivamente em igrejas (27) — coisa que minha mãe não

(27) Igreja Anglicana. Supunha firmemente, de tanto ouvir meus parentes maternos falarem, que o Anglicanismo era uma forma peculiarmente virulenta de adoração diabólica, e me desesperava tentando descobrir em que consistia a Abominação de seus ritos.

fez mesmo no ofício religioso pela morte de sua irmã mais querida.

Revoltei-me abertamente quando a puberdade me deu um senso moral.

Casei novos "pecados" para cometer até outubro de 1897, quando um desses saiu pela culatra, e me auxiliou a experimentar o Trance de Dor (percepção da Impermanência mesmo dos mais elevados esforços humanos). Invoquei auxílio, Páscoa de 1898.

Iniciado na Ordem Hermética da Aurora Dourada, 18 de novembro de 1898.

Comecei a executar a Operação de Abramelin em 1899.

Iniciado na Ordem R.R. et A.C., janeiro de 1900.

Recebi o 33º maçônico, 1900.

Comecei práticas de Yoga, 1900.

Obtive primeiro Dhyana, 1 de outubro de 1901.

Abandonei trabalho oculto sério de todos os tipos em 3 de outubro de 1901, e continuei neste curso de ação até julho de 1903, quando tentei em vão me forçar a tornar-me um eremita budista latifundiário escocês (28).

Meu casamento foi um ininterrupto deboche sexual até a época da escritura do Livro da Lei.

B. Rose Edith Kelly.

Nascida em 23 de julho de 1874. Por volta de 1895 casou-se com um tal Major Skerret, R.A.M.C., e viveu com ele uns dois anos na África do Sul. Ele morreu em 1897.

Ela se deu a algumas vagas intrigas amorosas até 12 de agosto de 1903, quando se tornou minha esposa,

(28) N.T.: Uma combinação difícil!...

ficando grávida de uma menina nascida em 28 de julho de 1904. Saúde, admiravelmente robusta em todos os pontos; era tão ativa quanto resistente, como nossas viagens juntos pelo Ceilão e através da China provaram. Corpo perfeito, nem grande nem pequeno, face bonita sem ser comum; não chegava a ser bela por não ter o “toque do bizarro” que Goethe menciona. Personalidade intensamente poderosa e magnética, intelecto nulo, mas mente adaptável àquela de qualquer companheiro, de forma que podia sempre dizer o nada certo.

Encanto, graça, vitalidade, vivacidade, tato, polidez; tudo indizivelmente fascinante.

De sua mãe herdou dipsomania, o pior caso que o especialista que consultei tinha visto em matéria de furtividade, astúcia, falsidade, traição e hipocrisia. Isto, porém, esteve latente durante a satisfação sexual (29), que era seu principal interesse na vida, como o meu.

Educação estritamente social e doméstica; não sabia sequer francês de escola. Não lera coisa alguma, nem sequer romances. Era um milagre de perfeição como Ideal Poético, Amante, Esposa, Mãe, Dona de Casa, Enfermeira, Companheira e Camarada.

C. Nosso mordomo, Hassan ou Hamid, esqueço qual.

Um atleta alto, digno e belo de 30 anos mais ou menos. Falava bom inglês e administrava bem a casa; estava sempre ali, e nunca se esbarrava nele.

Suponho que praticamente nunca vi os criados sob a liderança dele; nem sequer sei quantos lá havia.

D. Tenente-Coronel Alguém (começando, creio,

(29) A doença irrompeu durante minha ausência em 1906, e tornou impossível reassumirmos nossas relações prévias.

com B.), casado, de meia idade, maneiras rígidas como as regras de uma prisão. Não me recordo de tê-lo jamais visto; mas o apartamento me foi sub-alugado por ele.

E. Brugsch Bey do Museu de Boulak: jantou conosco uma vez, para discutir a Estela sob sua responsabilidade, e para arranjar sua “abstrução” (30). Seu curador assistente, francês, traduziu os hieróglifos da Estela para nós.

Um Sr. Black, proprietário do “Egyptian News”, de um hotel, de parte de uma estrada de ferro, etc. etc., jantou conosco uma vez.

Outrossim, não lidamos com ninguém no Cairo a não ser nativos; ocasionalmente convivemos com um General Dickson, que se convertera ao Islã; mercadores de tapetes, proxenetas, joalheiros, e gente assim. As insinuações contrárias em um dos meus diários foram deliberadamente introduzidas para despistar, por algum tolo ‘imotivo’ sem conexão com a Magia (31).

4. Os eventos conduzindo à Escritura do Livro: eu os sumarizo do *Equinox*, Vol. I, N.º 7.

16 de março: Tentei mostrar os Silfos a Rose (32). Ela estava em um estado de aturdimento, estúpida, possivelmente embriagada; possivelmente histérica com a gravidez. Não pode ver coisa alguma, mas ouvia. Estava muito excitada com suas ‘mensagens’, e insistiu apaixonadamente que eu devia prestar atenção a elas.

(30) N.T.: A.C. interpretou a palavra como significando que uma cópia devia ser feita.

(31) Veja-se o capítulo prévio.

(32) Invoquei-os pela seção do Ar de Liber Samekh, e pelos apropriados Nomes Divinos, Pentagramas, etc.

Aborreci-me com sua irrelevância, e insistência em me dizer tolices.

Nunca estivera ela em nenhum estado que se assemelhasse a este, nem remotamente, se bem que eu fizera a mesma invocação (completa) na Câmara do Rei da Grande Pirâmide, durante a noite que nós passáramos lá no outono prévio.

17 de março: Mais mensagens aparentemente sem sentido, desta vez espontâneas. Invoquei Thoth (provavelmente como em Liber LXIV), presumivelmente para aclarar a confusão.

18 de março: Thoth evidentemente entrou em contato com ela; pois Rose descobre que Horus está me falando através dela, e O identifica por um método que exclui qualquer possibilidade de chance ou de coincidência, e que envolve conhecimentos que apenas eu possuía; um método em parte arbitrário, de forma que ela ou seu informante tinham que ser capazes de ler minha mente tão bem quanto se eu tivesse falado em voz alta.

Então, desafiada a apontar a imagem d'Ele, passa por muitas e aponta para a Estela! O interrogatório e o teste devem ter ocorrido entre 20 e 23 de março.

20 de março: Sucesso em minha invocação de Horus, "quebrando todas as regras" a comando dela. Este sucesso me convenceu magicamente, e me encorajou a testá-la, como mencionado acima. (Certamente me teria referido à Estela em meu ritual, se a tivesse visto antes desta data.) Fixaria Segunda-Feira, 21 de março, para a Visita a Boulak.

Entre 23 de março e 8 de abril os Hieróglifos na Estela foram evidentemente traduzidos pelo curador-assistente em Boulak, quer em francês ou em inglês

— tenho quase certeza de que foi francês — e versificados (tal como agora impressos) por mim.

Entre estas datas, também, minha mulher deve ter me dito que o informante dela não era Horus, ou Ra-Hoor-Khuit, mas um mensageiro d'Ele, chamado Aiwass.

Pensei que ela podia ter inventado este nome de tanto ouvir "Aiwa", a palavra para "Sim" em árabe. Mas ela não tinha imaginação para tanto; o máximo de que era capaz era de usar uma frase como "totó lindo" para um amigo, ou de corromper um nome como Neuberg em um insulto obsceno.

O silêncio de meus diários parece provar que ela não me deu mais nada de importância. Eu estava deslindando o problema mágico que me fora apresentado pelos eventos de 15 a 21 de março. Quaisquer perguntas que eu fazia a ela ou não eram respondidas ou eram respondidas por um Ente cuja mente era tão diferente da minha que não podíamos conversar. Tudo que minha mulher conseguiu d'Ele foi me comandar a fazer coisas magicamente absurdas. Ele não jogaria de acordo com as minhas regras; eu é que tinha de jogar de acordo com as regras d'Ele.

7 de abril: Não depois desta data, foi-me ordenado que entrasse no "templo" exatamente ao meio dia nos três dias seguintes, e escrevesse o que ouvisse durante uma hora, nem mais nem menos. Imagino que algumas preparações foram feitas, possivelmente precauções foram tomadas, possivelmente um pouco de sangue de touro foi queimado como incenso, ou ordens foram dadas quanto a detalhes de vestimenta ou de dieta; não me recordo de nada absolutamente disso tudo, de um jeito ou de outro. Sangue de touro foi certamente queimado em alguma ocasião durante esta

estadia no Cairo; mas esqueço por que, ou quando. Creio que foi usado na “Invocação dos Silfos”.

5. A escritura mesma:

Os três dias foram precisamente similares, a não ser no último dia, quando fiquei nervoso, pensando que talvez não fosse capaz de ouvir a Voz de Aiwass. Podem eles, pois, ser descritos todos juntos.

Eu entrei no “templo” um minuto antes da hora, para poder fechar a porta e me sentar ao bater do Meio-Dia.

Na mesa estavam minha caneta — uma caneta tinteiro Swan — e suprimentos de papel tamanho carta, de oito por dez polegadas, para máquina de escrever.

Nunca olhei em volta em momento algum.

A Voz de Aiwass veio aparentemente por sobre meu ombro esquerdo, do canto mais longe da sala. Parecia ecoar em meu coração físico de uma maneira muito estranha, difícil de descrever. Tenho notado um fenômeno similar quando estou na expectativa de uma mensagem que pode conter grande esperança ou grande temor. A voz jorrava apaixonadamente, como se Aiwass estivesse alerta quanto ao limite de tempo. Escrevi 65 páginas deste presente ensaio, à minha velocidade usual de composição, em aproximadamente dez horas e meia, comparado com as 3 horas das 65 páginas do Livro da Lei. Tive de correr para manter o ritmo; o MS demonstra isto claramente.

A voz era de timbre profundo, musical e expressiva, seus tons solenes, voluptuosos, ternos, ardentes, ou o que fosse apropriado às mudanças de humor na mensagem. Não era baixo — talvez um tenor cheio, ou um barítono.

A pronúncia inglesa era sem sotaque, quer nativo

ou estrangeiro; completamente sem maneirismos provinciais ou de casta; assim surpreendente, e até incrível, ao ser ouvida pela primeira vez ⁽³³⁾.

Eu tive uma forte impressão ⁽³⁴⁾ de que quem falava estava realmente no canto onde parecia estar, num corpo de “matéria fina”, transparente como um véu de gaze, ou como uma nuvem de fumaça de incenso. Ele parecia ser um homem alto, trigueiro, de seus trinta anos, bem coordenado, ativo e forte, com a face de um rei selvagem, de olhos velados para que sua olhada não destruísse o que ele via. A roupa não era árabe; sugeria Assíria ou Pérsia, mas muito vagamente. Eu não notei muito, porque para mim naquela época Aiwass era um “anjo” tal como os que eu tenho frequentemente visto em visões; um ente puramente astral.

Agora eu me inclino à opinião de que Aiwass é não apenas o Deus, ou Demônio, ou Diabo que foi no passado considerado santo na Suméria, e meu próprio Anjo Guardião, mas também um homem como eu, em que Ele usa um corpo humano para manter Seu elo mágico com a Humanidade, A qual ama; e assim Ele é um Ipsissimus, o Chefe da A.· A.·. Mesmo eu posso executar, de uma maneira muito mais fraca, este Trabalho de ser um Deus e uma Besta, etc. etc., tudo ao mesmo tempo, com igual fartura de vida ⁽³⁵⁾.

(33) O efeito era como se a linguagem fosse “inglês-em-si”, sem nenhuma dessas pistas quanto a origem que sempre existem quando a gente ouve um ser humano falar, as quais nos habilitam a atribuir toda sorte de características a quem fala.

(34) Esta impressão parece ter sido uma espécie de visualização na imaginação. Não é incomum para mim receber impressões desta forma.

(35) Não quero necessariamente dizer que ele é um membro da sociedade humana da maneira normal. Ele pode, an-

6. Editando o Livro.

“Não mudes sequer o estilo de uma letra”, no texto, impediu que eu Crowleyficasse o Livro inteiro, e estragasse tudo.

O MS mostra o que foi feito, e por que, como segue:

A. Na página 6 Aiwass me instrui a escrever “isto (o que ele acabara de dizer) em palavras mais brancas”, pois minha mente se rebelara ante a frase d’Ele. Ele acrescentou imediatamente, “Mas continua”, isto é, a escrever Seu ditame, deixando a emenda para depois (36).

B. Na página 19 eu não consegui ouvir uma sentença e (mais tarde) a Mulher Escarlata, invocando Aiwass, colocou as palavras que faltavam. (Como? Ela não estava no quarto na ocasião, e não ouviu nada (37).)

C. Na página 20 do Cap. III eu ouvi mal uma frase, e ela a inseriu, como em B (38).

tes, ser capaz de formar para Si Mesmo um corpo humano conforme as circunstâncias necessitem, dos Elementos apropriados, e de dissolvê-lo quando não precisa mais dele. Digo isto porque foi-me permitido vê-Lo em anos recentes numa variedade de aparências físicas, todas igualmente “materiais” no senso em que meu próprio corpo é “material”.

(36) N.T.: A frase fazia parte do Cap. I, v. 26, que originalmente terminava: “Tu sabes! E o sinal será meu êxtase, a consciência da continuidade da existência, o fato infragmentário, inatômico, da minha universalidade”. Crowley, instruído por Rose, escreveu mais tarde em vez disso: “a onipresença de meu corpo”. A inspiração foi dela, não dele.

(37) N.T.: A sentença faz parte do Cap. I, v. 60. Crowley escreveu originalmente: “Meu número é 11, como todos os seus números que são de nós. (Frase perdida—A forma da minha estrela é—) Minha cor é” etc. No MS, na caligrafia de Rose, está inserida a sentença: “A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, & o círculo é Vermelho”.

(38) N.T.: A frase faz parte do Cap. III, v. 72. Crowley escreveu originalmente: “Eu sou o Senhor da Dupla Baquêta de Poder; a baquêta da ——— mas minha mão esquerda”,

D. Para poupar tempo, estando pronta a paráfrase versificada dos hieróglifos na Estela, foi-me permitido por Aiwass inseri-la mais tarde (39).

A parte destes quatro casos, o MS está exatamente como foi escrito nesses três dias. A Recensão Crítica explicará estes pontos à medida que eles ocorrem.

VIII

O problema da forma literária deste Livro é espantosamente complexo; mas a evidência interna do sentido é usualmente suficiente para tornar claro, por exame, quem está falando e quem está sendo endereçado.

Não houve, porém, qualquer voz audível a não ser a de Aiwass. Mesmo as minhas observações pessoais, quando quer que ocorram, foram feitas em silêncio e incorporadas audivelmente por ele.

Capítulo I

Verso 1. Nuit falando. Ela invoca seu amante e então começa a dar um título ao seu discurso no fim dos versos 1 — 20.

Nos versos 3 a 4 ela começa seu discurso. Até este

etc. No MS, na caligrafia de Rose, está inserido: “Força de Coph Nia—”.

(39) N.T.: Na página 10 do manuscrito do Capítulo III, verso 37, está escrito: “Eu te adoro na canção—” e em baixo: “*Eu sou o Senhor de Tebas*”, etc. do livro de vellum — “*enche meu carne!*” No final do verso 38 está escrito: (estas são as adorações, como tu escreveste), como é dito:” e em baixo disto está escrito: “*A luz é minha*” etc. do livro de vellum até “*Ra-Hoor-Khuit*”.

momento, o que diz não está sendo dito a nenhuma pessoa em particular.

O verso 4 revoltou a minha inteligência.

No verso 5 ela explica que ela está falando, e apela a mim pessoalmente para auxiliá-la a desvelar-se, tomando nota da mensagem dela.

No verso 6 ela me declara seu escolhido, e creio que então temi que talvez demasiado fosse esperado de mim. Ela replica a este medo no verso 7, apresentando Aiwass como o atual ditante, em acentos humanos articulados, da mensagem dela.

No verso 8 a oração continua, e agora vemos que é endereçada à humanidade em geral. Isto continua até o verso 13.

O verso 14 é da Estela. Parece ter sido inserido por mim como uma espécie de apreciação daquilo que ela acabou de dizer.

O verso 15 acentua ser à humanidade em geral que ela está falando; pois a Besta é mencionada na terceira pessoa, se bem que o único humano a ouvir as palavras tenha sido ele.

Versos 18-19 parecem ser quase uma citação de algum hino. Não é muito natural que ela se enderece a si mesma como parece fazer no verso 19.

Verso 26. A pergunta "Quem sou Eu e qual será o sinal?" é meu próprio pensamento consciente. Nos versos prévios eu fora chamado à minha elevada missão, e naturalmente senti-me nervoso. Este pensamento é então introduzido no registro por Aiwass, como se fosse uma história que ele estava contando: e ele desenvolve esta história após a resposta dela, a fim de trazer de volta o fio do capítulo aos mistérios numé-

ricos de Nuit, começando nos versos 24-25, e agora continuados no verso 28.

Outra dúvida deve ter surgido em minha mente no verso 30; e esta dúvida é interpretada e explicada a mim pessoalmente no verso 31.

O discurso à humanidade é retomado no verso 32, e Nuit acentua o ponto do verso 30 que me fez duvidar. Ela confirma isto com um juramento, que me convenceu. Pensei para mim mesmo: "Neste caso, que a gente tenha instruções por escrito quando à técnica", e novamente Aiwass faz uma historietta do meu requerimento, como no verso 26.

No verso 35 parece que ela está falando a mim pessoalmente, mas no verso 36 ela fala de mim na terceira pessoa.

Verso 40. A palavra "nós" é muito enigmática. Aparentemente, significa "Todos aqueles que aceitaram a Lei cuja palavra é Télema". Entre esses ela se inclui a si mesma.

Não há dificuldade agora por um longo período. É um discurso à humanidade em geral, e lida com diversos assuntos, até o fim do verso 52.

Nos versos 53-56 temos um discurso dirigido estritamente a mim.

No verso 57 Nuit retoma sua exortação genérica. E fala de mim uma vez mais na terceira pessoa.

Verso 61. A palavra "tu" não é dirigida a mim pessoalmente. Significa qualquer uma única pessoa, em contraste com uma companhia. O "Ye" (Vós — T.) na terceira sentença indica a conduta apropriada para adorantes em conjunto. "you" (vós — T.) na sentença 4, naturalmente se aplica a uma pessoa só; mas a forma plural sugere que é assunto para adoração coletiva, em

contraste com a invocação no deserto da primeira sentença deste verso.

Não há mais dificuldade neste capítulo.

O Verso 66 é a declaração de Aiwass de que as palavras do verso 65, que foram pronunciadas de **diminuendo** para **pianissimo**, indicaram a retirada da deusa.

Capítulo II

Hadit, ele mesmo, é evidentemente o discursante desde o início. As observações são genéricas. No verso 5 fala-se de mim na terceira pessoa.

Após o verso 9 ele percebe minhas veementes objeções à escritura de afirmativas às quais meu ente consciente era obstinadamente hostil.

O verso 10, endereçado a mim, menciona este fato; e no verso 11 ele declara ser meu mestre. O motivo disto é ser ele meu ente secreto, como explicado nos versos 12-13.

A interrupção parece ter acrescentado estímulo ao discurso, pois o verso 14 é violento.

Os versos 15 e 16 oferecem um enigma, enquanto o verso 17 é uma espécie de paródia poética.

O verso 18 continua o ataque de Hadit contra minha mente consciente. Nos versos 15-18 o estilo é complicado, brutal, sarcástico e zombador. Sinto a passagem inteira como uma investida cheia de desprezo contra a resistência de minha mente.

No verso 19 ele retorna ao elevado estilo com que começou até minha interferência.

A passagem parece endereçada aos que ele chama seus escolhidos, ou seu povo, se bem que não explique exatamente o que quer dizer com estas palavras.

A passagem do verso 19 ao 52 é de sustida e incomparável eloquência.

Devo ter objetado alguma coisa ao verso 52, pois o verso 53 é a mim endereçado, para me encorajar pessoalmente por haver transmitido esta mensagem.

O verso 55 me instrui para obter a Cabala Inglesa; fiquei incrédulo, pois a tarefa parecia impossível; provavelmente a percepção dele desta crítica inspirou o verso 56, se bem que “vós zombadores” evidentemente se aplica aos meus inimigos, mencionados no verso 54.

O verso 57 nos traz de volta ao assunto começado no verso 21. É uma citação verbatim do Apocalipse, e foi provavelmente sugerida pelo conteúdo do verso 56.

Não há qualquer mudança real na essência de qualquer coisa, por mais que suas combinações variem.

Os versos 58-60 concluem a mensagem.

Verso 61. A mensagem é agora estritamente pessoal. Durante todo este tempo Hadit estivera derrubando minha resistência com suas frases violentamente expressadas e variadas. Como resultado disto, atingi o trance descrito nestes versos de 61-68.

O verso 69 é o retorno de mim mesmo à consciência. Foi uma espécie de pergunta sufocada, como um homem saindo da influência do éter poderia perguntar “Onde estou?” Creio que esta é a única passagem no livro inteiro que não foi ditada por Aiwass; e devo mencionar que estes versos 63-68 foram escritos sem que eu tenha ouvido coisa alguma conscientemente.

O verso 70 não se digna a replicar às minhas perguntas, mas indica a maneira de regularmos a vida. Isto continua até o verso 74, e parece ser endereçado não a mim pessoalmente, mas a qualquer homem, a despeito do uso da palavra “Tu”.

O verso 75 muda de assunto bruscamente, interpolando o enigma do verso 76 com sua profecia. Este verso é endereçado a mim pessoalmente, e continua, até o fim do verso 78, a misturar uma eloquência lírica com enigmas literais e numéricos.

O verso 79 é a asserção de Aiwass de que chegou o fim do capítulo. A isto ele acrescenta sua saudação pessoal a mim.

Capítulo III

O verso 1 parece completar o triângulo começado pelo primeiro verso dos dois capítulos prévios. É uma simples declaração; não implica em discursante nem em ouvinte. A omissão do “i” no nome do Deus parece ter me alarmado, e no verso 2 Aiwass oferece uma explicação apressada, de uma maneira um tanto excitada, e invoca Ra-Hoor-Khuit.

O verso 3 é falado por Ra-Hoor-Khuit. O “them” (eles — T.) evidentemente se refere a inimigos que não são descritos, e o “ye” (**Choose ye**, literalmente **escolhei vós** — T.) aos que aceitam a fórmula de Ra-Hoor-Khuit. Esta passagem termina com o verso 9. O verso 10 e o verso 11 são endereçados a mim pessoalmente e à Mulher Escarlata, como demonstra a continuação desta passagem, que parece terminar com verso 33; se bem que há ocasiões em que fica bastante vago se é à Besta, ou à Besta e sua Concubina, ou aos aderentes de Horus, que a exortação esta sendo dirigida.

O verso 34 é uma espécie de peroração poética, e não está endereçado a ninguém em particular. É uma asserção de eventos por vir.

O verso 35 assevera simplesmente que a primeira seção deste capítulo está completa.

Pareço então ter-me entusiasmado, pois há uma espécie de interlúdio, registrado por Aiwass, com minha canção de adoração traduzida da Estela; o incidente é paralelo àquele do Capítulo I, verso 26, etc.

Deve ser notado que as traduções da Estela nos versos 37-38 não foram mais que injunções telepáticas, para serem inseridas mais tarde.

O verso 38 principia com meu discurso ao Deus na primeira sentença, enquanto na segunda está a resposta dele a mim. Ele então se refere aos hieróglifos da Estela, e me comanda a citar minhas paráfrases. Esta ordem me foi dada por uma espécie de gesto sem palavras; nem visível nem audível, mas sensível de alguma forma oculta.

Os versos 39-42 são instruções a mim pessoalmente.

Os versos 43-45 indicam o correto curso de conduta para a Mulher Escarlata.

O verso 46 novamente é mais geral — uma espécie de discurso a soldados antes da batalha.

O verso 47 é novamente em sua maior parte instruções pessoais, misturadas com profecias, prova da origem preter-humana do Livro, e outros assuntos.

Observarei que esta instrução, como aquelas de não mudar “sequer o estilo de uma letra”, etc., implica em que minha pena estava sob o controle físico de Aiwass; pois o ditame dele não inclui recomendações quanto ao uso de maiúsculas, e os ocasionais erros de grafia certamente não são meus!

O verso 48 impacientemente põe de lado, como uma amolação, tais assuntos práticos.

Os versos 49-59 contêm uma série de declarações

de guerra; e não há mais dificuldades quanto ao discursante ou ouvinte até o fim do capítulo, se bem que o assunto muda repetidamente, de forma incompreensível. Somente no verso 75 encontramos uma peroração sobre o livro inteiro, presumivelmente feita por Aiwass, terminando pela fórmula de retirada dele.

Concluo estabelecendo os princípios de Exegese nos quais eu baseei meu comento (40).

1. É “meu escriba Ankh-af-na-khonsu” (AL, I, 36) quem “comentará sobre este livro” “pela sabedoria de Ra-Hoor-Khuit”; isto é, Aleister Crowley escreverá o Comento do ponto de vista do manifestado, positivo, Senhor do Aeon; do ponto de vista do finito, e não do infinito.

2. “Hadit queimando em teu coração fará rápida e segura tua pena” (AL III, 40). Minha própria inspiração, não qualquer conselho externo ou consideração intelectual, será a força energizadora deste trabalho.

3. Onde o texto for em inglês simples e direto, não buscarei nem permitirei qualquer interpretação que varie dele.

Posso admitir a existência de um significado secundário cabalístico ou criptográfico se este confirma, amplifica, aprofunda, intensifica, ou clarifica o significado

(40) As passagens seguintes, até o fim do capítulo, se referem ao Comentário; o Comento mesmo está impresso com o texto. Este Comento é a mensagem realmente inspirada, cortando, como faz, todas as dificuldades de um só golpe. Decidimos, no entanto, reter as outras passagens, por causa do seu interesse essencial, e como uma preliminar à publicação do Comentário. Ed.

óbvio e chão; mas apenas se esse significado for parte do plano geral da “luz latente”, e se ele se provar a si mesmo por abundante testemunho.

Por exemplo: “To me!” (A me — T.) (I, 65) deve ser entendido primariamente em seu senso de Chamado de Nuit a nós, Suas estrelas.

A transliteração “TO MH” pode ser admitida como a “assinatura” de Nuit, identificando-A como quem fala; porque estas palavras gregas significam “O Não”, que é o Nome d’Ela (41).

Esta Gematria de TO MH pode ser admitida como mais uma confirmação, porque a soma das letras, 418, está manifestada em outras partes do livro como o número do Aeon.

Mas TO MH não deve ser interpretado como negando os versos prévios, ou 418 como indicando a fórmula de contato com Ela (se bem que de fato assim é, sendo a Rubrica da Grande Obra). Recuso-me a considerar que uma mera pertinência confira título de autoridade; recuso-me a ler minhas próprias teorias no Livro. Insisto em que toda interpretação deve ser incontestavelmente autêntica; nem menos, nem mais, nem outra do que estava na mente de Aiwass.

4. Afirmo que sou a única autoridade competente para decidir pontos em disputa quanto ao Livro da Lei, desde que seu Autor, Aiwass, não é outro que meu próprio Sagrado Anjo Guardião, a Cujo Conhecimento e Conversação eu atingi, de forma que tenho exclusivo

(41) N.T.: Esse “To me” é outro exemplo da necessidade do estudante sério conhecer a língua inglesa (para não mencionarmos o árabe, o grego clássico, e o hebraico!). O máximo que pudemos fazer na tradução foi manter o “me”, MH, “não” em grego. Me, claro, é uma forma portuguesa arcaica de *mim*.

acesso a Ele. Tenho devidamente referido toda dificuldade diretamente a Ele, e tenho recebido Sua resposta; minha decisão é portanto final, absoluta e inapelável.

5. O verso III, 47, “um vem após ele, de onde Eu não digo, que descobrirá a Chave disso tudo”, foi cumprido por “um” Achad descobrindo o número 31 como a chave em questão. Mas não é dito que o trabalho de Achad se estenderá além deste simples feito; Achad não é em parte alguma indicado como designado, ou mesmo autorizado, a substituir A Besta em Sua tarefa de Comento. Achad se provou a si mesmo ⁽⁴²⁾ e provou o Livro, por essa sua consecução; e isso bastará.

6. Onde quer que

a. As palavras do Texto são obscuras em si mesmas; onde

b. A expressão é forçada; onde

c. A Sintaxe,

d. A Gramática,

e. A Grafia, ou

(42) Noto que AChD é “seu filho”, sem referência A Mulher Escarlata; enquanto a Criança que será “mais pujante que todos os reis da terra” deve ser engendrada d’Ela, sem referência à Besta. Não há indicação de que estas duas crianças não sejam idênticas; mas tampouco há qualquer indicação de que sejam. Hans “Carter” (ou Hirsig) poderia perfeitamente ser a última dessas crianças.

(N.T.: A nota acima, como qualquer outra sem indicação em contrário, é por A.C. Efetivamente, Achad não era essa segunda “criança”, e sua tarefa limitou-se à descoberta da Chave 31. Uma das possíveis — repetimos, possíveis — interpretações de AL III, 45, é que o Magister Templi é essa criança — uma vez que Ele é engendrado por A Bêsta de Sua Concubina, BABALON. É indubitável que qualquer Magister Templi é “mais pujante que todos os reis da terra”. Isto não obsta a que o verso possa se referir a um particular filho da Mulher Escarlata — isto é, a um particular Magister Templi, ao qual Liber Aleph está endereçado. Séculos futuros dirão.)

f. O uso de maiúsculas apresenta peculiaridades; onde

g. Palavras que não são inglesas ocorrem; onde o estilo sugere

h. Paranomásia,

i. Ambigüidade, ou

j. Obliquidade; onde

k. Um problema é explicitamente declarado como existindo; em todos esses casos buscarei um significado oculto através de correspondências cabalísticas, criptografia, ou sutilezas literárias. Não admitirei qualquer solução que não seja simultaneamente simples, notável, e consonante com o plano geral do Livro; e não só deve ser adequada, mas também necessária.

Exemplos:

I, 4. Aqui, o sentido óbvio do texto é tolice; portanto, necessita de uma profunda análise.

II, 17, 4.^a linha. A ordem natural das palavras está forçada pela colocação do “me” antes do “não”; é correto inquirir qual o propósito conseguido por esta peculiaridade de fraseologia.

II, 13. O texto como está é ininteligível; chama atenção para si mesmo; um significado deve ser encontrado que justifique não só o erro aparente, como também a necessidade de empregar aquela expressão, e nenhuma outra.

II, 76. “ser me” em vez de “ser Eu”. A gramática pouco usual provoca um inquérito; sugere que “me” é um nome velado, talvez ME, “Não”, Nuit, desde que ser Nuit é satisfazer a fórmula do Ditante, Hadit.

III, 1. A omissão do “i” em “Khuit” indica que alguma doutrina velada está baseada sobre a variante.

II, 27. A grafia de “Porque” com P maiúsculo su-

gere que pode ser um nome próprio, e que seu equivalente grego ou hebraico pode identificar a idéia, cabalisticamente, com algum inimigo de nossa Hierarquia; também, que uma tal palavra pode exigir maiúscula para sua inicial (43).

(43 N.T.: No verso original, "Porque" é *Because*. A soma cabalística das letras é 29; a soma cabalística das letras de Hadit também é 29. "Porque" indica portanto uma falsa identidade divina, *externa*, que pode ser por incautos tomada pela verdadeira, *interna*, Hadit. "Porque" é pois a "Imagem Paterna" dos psicanalistas. O fato de "Porque" ser uma palavra ligada ao processo de raciocínio indica que a Imagem Paterna existe exclusivamente na mente, isto é, no Manas, o Plano Mental. Não existe acima do Abismo. É uma forma de Maya, Ilusão.

O perigo no misticismo está em que o homem se identifica com a mente, com o Ego, em vez de perceber que a mente não é mais que o instrumento de sua verdadeira Identidade Interna, Hadit. O sintoma de que alguém está sob o domínio de "Porque" é a tendência a adorar "Deus" como "algo externo a nós mesmos"; ou a nos considerarmos como "pecadores", "indignos", "condenados ao inferno", etc.; a tendência a renunciar à liberdade espiritual em troca de uma falsa segurança. A manifestação de "Porque" é sempre plegas, "consoladora", "humilde", "altruista", ou então é o extremo oposto: arrogante, presunçosa, ditando a conduta alheia, cruel e presunçosa. O "Jesus" dos católicos romanos e o "Jeová" dos judeus ortodoxos são perfeitos exemplos destes dois extremos. Qualquer Irmão Negro (tendo se feito uma falsa coroa da mente) pode ser identificado com "Porque" em uma de suas formas. Mas "Porque" não é uma "entidade"; é um estado mental, ou um hábito anímico. Não há inimigos de nossa Hierarquia no senso absoluto da palavra "inimigo". Todo homem e toda mulher é uma estrela. Nuit inclui todas as coisas, e nisto está a Vitória Última de BABALON sobre os "escravos de Porque", isto é, os Irmãos Negros.

"Porque" é um vício muito insidioso. O falecido Rudolf Steiner visualizou uma "entidade maligna" que ele chamou de "Lúcifer" (falso Lúcifer, pois ele corretamente insistia que o Cristo, 666, é o verdadeiro Lúcifer) e descreveu exatamente como os sintomas de "Porque". Mas ele não percebeu que sua concepção do Cristo também era uma forma de "Porque"! Rudolf Steiner era um alto membro da Ordem dos Iluminados. Mas Telemitas não são "iluminados". A pala-

vra "iluminado" indica que você não tem luz própria — e quem não tem luz própria não é (pelo menos temporariamente) um homem ou uma mulher, pois "Todo homem e toda mulher é uma estrela". O conceito de "iluminado" está dentro do domínio (plano) de "Porque". É outra forma da tendência de considerarmos Deus como externo a nós mesmos. A tradução do título latino do Capítulo 188 de Liber Aleph, livro definido pelo próprio Profeta como "um extenso comentário sobre o Livro da Lei", é: "Dos diversos trabalhos dos iluminadores". *Iluminadores* — não "iluminados"!

A tendência natural de quem ainda não transcendeu a mente é de se irritar com a arrogância de homens que dizem de si mesmos: "Eu sou Deus". Adoradores de "Deus" adoram na realidade a essência deles mesmos, Hadit. Mas isto é um erro. Aiwass, falando por Hadit, o diz em AL II 8: "Quem adorou Heru-pa-kraath adorou-me; erro, pois Eu sou o adorante". Enquanto adoramos um "Deus" — veja-se Capítulos I, XV e XIX de Livro Quatro Parte III — ainda não atingimos Samadhi, isto é, União, com aquele "Deus". Todos os deuses são partes de nossa consciência — partes elevadíssimas, claro, acima do Abismo; mas partes de Nós Mesmos. Você é Deus — não existe deus senão o homem. Os Comentários ao Segundo Capítulo de AL explicam a Natureza de Hadit claramente.

A inclusão desta longa nota teve por finalidade evitar que aspirantes de mente desregrada projetem seus conflitos internos no Astral, imaginando a existência de alguma entidade deliberadamente hostil — no sentido absoluto da palavra — ao progresso espiritual do homem. Não existe tal entidade. Todos os demônios são criaturas ilusórias. Certas entidades de outras linhas de evolução, chamadas *daemons* pelos gregos, podem parecer incidentalmente hostis ao progresso humano. Elas não são mais "hostis" do que um tigre faminto é "hostil" quando ataca um homem (o que raramente ocorre, diga-se de passagem). É um interessante paradoxo que, enquanto os homens "adoram a Deus", em vez de compreenderem que "o reino de Deus está dentro de nós", eles tendam a interpretar a conduta alheia, e até mesmo os fatos naturais, inteiramente em termos de suas "conveniências" pessoais. Mas isto é inevitável. A essência de "Porque" é uma visão errônea do Universo. Quem está sob o domínio de "Porque" não está executando sua Verdadeira Vontade. É inevitável que entre em conflito com a vontade alheia, e é inevitável que acuse os outros de seus próprios erros. O primeiro passo para a sabedoria consiste em reconhecermos nossa própria ignorância.

O Egrégora de "Jesus", adorado pelos católicos romanos, é um excelente exemplo de "Porque". Mas assim também são

“Buda”, “Alá”, “Brama”, ou qualquer outro. A essência do assunto é: tudo o que leva o homem a buscar segurança e apoio fora de si mesmo é de “Porque”. E neste senso, “Porque” se torna uma força telepática. As correntes egóicas circulam constantemente, e quem não se isola poderá ter sua mente imantada por elas. E’ assim que “porque” se torna uma imitação, uma falsificação, de Hadit.

É fatal ceder à atração da inércia da maioria. Os homens comuns, de mente desregrada, funcionam como demônios — isto é, determinados centros das mentes deles são ativados ao acaso, uns após outros; não existe um “quartel general” central; eles não atingiram a harmonização de Tiphereth; muitos nem sequer a harmonização parcial de Tiphereth de Malkuth. É assim que místicos inexperientes crêem que estão “falando com o Diabo” através um “possesso”.

“Porque” inclui todos os cascões putrefatos do baixo astral, e quaisquer “adoradores de deuses” cuja adoração é mecânica (isto é, exclusivamente do baixo Manas) ou sentimental (isto é, exclusivamente das partes mais fracas do Corpo de Desejos), quaisquer espiritistas, e mesmo um certo tipo de “ateu” (que não é ateu coisa nenhuma, é à toa) são focos deste veneno. A corrente se manifesta nos cakkrams mais baixos, principalmente o do umbigo e o do coração. As correntes prânicas do organismo são assim desviadas: elas devem subir do plexo sacro até os centros superiores da cabeça; em vez disto, dispersam-se numa atividade indrígida e confusa dos cakkrams mais baixos. Hadit, claro, corresponde ao Ajna; Nuit ao Sahashara. No Iniciado treinado, os centros inferiores funcionam exclusivamente sob a gestão dos centros mais altos. O Iniciado é portanto frequentemente considerado por “sensitivos” como “frio”, “impiedoso”, “sem amor”. (No entanto, tais “sensitivos” nem sabem o que é o Amor! Conhecem apenas o deboche sexual ou o sentimentalismo doentio.) “Videntes” acham que a aura do Iniciado é “negra”, sendo incapazes de perceber as radiações dos centros mais altos. Irmãos Negros, por outro lado, lhes parecem resplendentes de luz. Pudera! A energia está toda sendo irradiada nos planos mais baixos.

O estudante sério compreenderá facilmente que todas as religiões, credos, filosofias políticas e sistemas de psicanálise que encorajam divisão entre o Deus e o Adorante — isto é, entre as faculdades superiores e as faculdades inferiores do homem — são inimigos de Télema. Levam à escravidão psíquica, a qual se reflete no intelecto, nas emoções, e finalmente, inevitavelmente, nas condições materiais da vida física.

III, 11. “Abstrução” sugere que uma idéia inexprimível de outro jeito é comunicada desta forma. Paráfrase é aqui inadmissível como interpretação suficiente; deve haver uma correspondência entre a estrutura mesma da palavra e seu significado etimologicamente deduzido.

III, 74. As palavras “sun” (sol — T.) e “son” (filho — T.) foram evidentemente escolhidas por causa da identidade do valor do som delas; a inelegância da frase exige portanto alguma justificação adequada, tal como a existência de um precioso significado oculto (44).

III, 73. A ambiguidade da instrução permite a suposição de que as palavras devem, de algum jeito, conter uma fórmula criptográfica para arranjarmos as folhas do MS de tal maneira que um Arcano se manifeste.

I, 26. A aparente evasão de uma resposta direta em “Tu sabes”! sugere que as palavras velam uma

(44) N.T.: Esta homofonia também foi intraduzível: “o sol da meia-noite é sempre o filho”. A meia-noite era a hora de terror da Idade Média. Era a hora em que “as forças do Mal” estavam mais ativas. Tradicionalmente, acredita-se que fantasmas aparecem à meia-noite; feiticeiros fazem seus “trabalhos” à meia-noite, etc. Isto tudo é oriundo das superstições daquela Idade Média, em que o credo romano alcançou o auge do seu poder doentio. O medo da noite é atávico, datando da pre-história em que a escuridão se enchia de animais predadores que caçavam o homem, o qual ainda desconhecia o uso do fogo. Foi uma infeliz coincidência, mas inevitável, que o trauma psicológico do Romanismo despertasse esse medo atávico do seu estado latente, ou “inferno”, na mente subconsciente da raça. Ra-Hoor-Khuit significa “O Sol dos Dois Horizontes”, isto é, o Sol que não morre ao anoitecer nem ressuscita de manhã, *mas está sempre fulgindo no céu*. Isto implica uma teogonia completamente diversa da de Osiris — um ponto de vista mais avançado, tanto no senso científico quanto no senso psicológico da palavra.

resposta precisa, mais convincente em cifra do que seria seu equivalente expresso abertamente.

II, 15. O texto explicitamente convida a uma análise cabalística.

7. O Comento deve ser consistente consigo mesmo em todos os pontos; deve exhibir o Livro da Lei como de absoluta autoridade em todas as questões possíveis que concernam à Humanidade; como oferecendo a perfeita solução de todos os problemas filosóficos e práticos, sem qualquer exceção.

8. O Comento deve provar além de qualquer possibilidade de erro que o Livro da Lei:

a. Testemunha internamente a autoria de Aiwass, uma Inteligência independente de encarnação; e

b. É, pela evidência de acontecimentos externos, demonstrado como merecedor do crédito que exige.

Por exemplo, a primeira proposição é provada pela critografia relacionada com 31, 93, 418, 666, π , etc.; e a segunda pela concordância de circunstâncias históricas com asserções no texto; uma concordância tal que as categorias de tempo e causalidade proibem qualquer explicação que exclua os próprios postulados do texto, enquanto a lei de probabilidade torna impossível pretextarmos coincidência como uma evasão do problema.

9. O Comento deve ser expresso em termos inteligíveis às mentalidades de educação média, e sem miúdas abstrusas (45).

10. O Comento deve ser pertinente aos problemas de nossa própria época, e apresentar os princípios da Lei de uma maneira suscetível de aplicação prática

(45) N.T.: Realmente, o Comento é inteligível a qualquer um; mas o Comentário exige cultura e estudo.

imediate. Deve satisfazer a todos os tipos de inteligência; não deve nem revoltar os pensadores racionalistas, matemáticos ou filosóficos, nem repugnar os temperamentos religiosos e românticos.

11. O Comento deve apelar para a autoridade da Experiência em apoio da Lei. Deve tornar Sucesso a prova da Verdade do Livro da Lei, em todo ponto de contato com a Realidade.

A Palavra de Aiwass deve apresentar uma perfeita descrição do Universo como Necessário, Inteligível, Auto-subsistente, Integral, Absoluto e Imanente. Deve satisfazer a todas as intuições, explicar todos os enigmas, e harmonizar todos os conflitos. Deve revelar a Realidade, reconciliar a Razão com a Relatividade; e, dissolvendo não só todas as antinomias no Absoluto como todas as antipatias na apreciação da Aptidão, deve assegurar a aquiescência de toda faculdade humana na perfeição de sua apropositude plenária.

Libertando-nos de toda restrição quanto ao Direito, a Palavra de Aiwass deve estender seu império alistando a lealdade de todo homem e toda mulher que puser sua verdade à prova.

Com base nestes princípios, ao auge da minha capacidade, Eu, a Besta 666, que recebi o Livro da Lei da Boca de meu Anjo Aiwass, comentarei sobre ele; estando armado com a palavra: "Mas o trabalho do comento? Isso é fácil; e Hadit queimando em teu coração fará rápida e segura tua pena" (46).

(46) N.T.: Repetimos que o Comento está impresso com o Livro, assinado ANKH-F-N-KHONSU, e não deve ser confundido com o Comentário, que publicaremos a seguir. Mas o Comentário faz parte dos "escritos" do Profeta, e consequentemente todo Estudante está autorizado pelo Comento a consultá-lo — julgando e decidindo por si mesmo.

NOTA EDITORIAL A ESTE CAPÍTULO:

O leitor está agora em completa posse do relato de "como tu vieste aqui". O estudante que deseja agir inteligentemente tomará o cuidado de se familiarizar por completo, logo de início, com todas as circunstâncias externas relacionadas com a Escritura do Livro; quer as de importância biográfica, quer as de qualquer outro tipo. Ele deveria assim se tornar capaz de se aproximar do Livro com sua mente preparada para apreender o carácter ímpar do conteúdo, em se levando em conta a sua verdadeira Autoria; as peculiaridades do método do Livro de comunicar Pensamento, e a natureza da sua asserção de que é o Padrão da Verdade, a Chave do Progresso, e o Árbitro da Conduta. O estudante poderá formar seu próprio julgamento sobre o Livro somente se ele se fixar no Ponto de Vista correto: o único problema para ele é decidir se o Livro é, ou não é, o que pretende ser: a Nova Lei (no mesmo senso em que os Vedas, o Pentateuco, o Tao Teh King e o Qu'ran são Leis; mas com a Autoridade adicional de inspiração Verbal, Literal e Gráfica, estabelecidas e comprovadas por evidência interna, com a precisão impecável de uma demonstração matemática). Se o Livro for tudo isto, é um documento único, absolutamente válido dentro dos termos de sua própria tese; incomparavelmente mais valioso que qualquer outro Registro de Pensamento que nós possuímos.

Se o Livro não for tudo isto, é uma curiosidade literária sem valor; pior, é uma espantosa prova de que nenhum grau ou tipo de evidência é suficiente para estabelecer qualquer proposição, uma vez que a mais estrita concatenação de circunstâncias pode ser não

mais que um joguete do acaso, e os planos de mais amplo propósito não mais que uma pueril pantomima. Rejeitar este Livro é ridicularizar a Razão, e fazer da Lei de Probabilidade um capricho. Em Sua queda ele estilhaça a estrutura da Ciência, e enterra toda esperança do coração do homem nas ruínas, atirando sobre este monturo os cépticos, os cegos, os aleijados, e os maníacos-melancólicos.

O leitor deve enfrentar o problema; meias-medidas não servirão. Se há no texto qualquer coisa que reconhece como Verdade transcendental, ele não pode admitir a possibilidade de que o Discursante, dando-Se a tais esforços para Se provar a Si mesmo e à Sua Palavra, pudesse também incorporar Falsidade no mesmo texto, e cercá-la dos mesmos elaborados engenhos (47). E se o Livro for um monumento à loucura de um mortal, o leitor deve tremer ao pensar que tal poder e tal astúcia possam pertencer a super-anarquistas tão insanos e tão criminosos.

Mas se o leitor perceber que o Livro se justifica a Si Mesmo, o Livro será também justificado de Seus filhos: e o leitor arderá de alegria quando ler do sexagésimo-terceiro ao sexagésimo-sétimo verso do Terceiro Capítulo, e vislumbrar por vez primeira Quem ele mesmo é em verdade, e a que realização de Si Mesmo o Livro tem virtude para conduzi-lo.

(47) N.T.: Não há nenhum motivo a priori por que o leitor não possa admitir uma tal possibilidade; uma Entidade que tem mais sabedoria que o homem não é por isto obrigada a se conformar com as nossas noções de consistência. Não há "garantias" quanto ao Livro da Lei. Lêde o Comento! Não existe lei além de Faze o que tu queres.

CAPÍTULO VIII

Sumário do Caso

Nesta revelação está a base do presente Aeon. Dentro do registro da História já tivemos o período pagão: a adoração da Natureza, de Isis, da Mãe, do Passado; o período cristão: a adoração do Homem, de Osiris, do Presente. O primeiro período foi simples, quieto, fácil e agradável; o material ignorava o espiritual. O segundo foi de sofrimento e morte; o espiritual se esforçava por ignorar o material. O cristianismo e todas as religiões análogas adoraram a morte, glorificaram o sofrimento, endeusaram cadáveres. O novo Aeon é a adoração do espiritual unido ao material: de Horus, da Criança, do Futuro.

Isis foi Liberdade; Osiris servidão; mas a nova Liberdade é a de Horus. Osiris conquistou Isis porque ela não o compreendia. Horus vinga tanto seu Pai quanto sua Mãe. Esta criança Horus é um gêmeo, dois em um. Hórus e Harpócrates são um, e são também um com Set ou Apófis, o destruidor de Osiris. É pela destruição do princípio da morte que eles nascem. O estabelecimento deste novo Aeon, deste novo princípio fun-

damental, é a grande obra agora a ser executada no mundo.

FRATER PERDURABO, a quem esta revelação foi feita com tantos sinais e maravilhas, não ficou convencido. Contra ela ele lutou durante anos. Só após a conclusão de Sua própria iniciação, no fim de 1909 e.v., foi que compreendeu quão perfeitamente estava obrigado a executar este trabalho (48). Repetidamente Ele se afastou da labuta, reencetou-a por alguns dias ou horas, só para pô-la de lado novamente. Repetidamente, a incessante vigilância dos Guardiães o impeliu de volta ao trabalho; e foi no momento preciso em que julgara ter escapado que Ele se percebeu fixado para sempre, sem qualquer possibilidade de se desviar novamente do Caminho, sequer por uma fração de segundo.

A história disto deve ser contada algum dia por uma voz mais vívida. Propriamente considerada, é uma história de milagre contínuo. É suficiente se for agora dito que nesta Lei jaz todo o futuro: é a Lei de Liberdade; aqueles que a recusam proclamam-se a si mesmos escravos, e como escravos serão encadeados e chicoteados. É a Lei do Amor; aqueles que a recusam se declaram a si mesmos filhos do ódio, e o ódio deles se voltará contra eles e os consumirá com suas torturas infundas. É a Lei da Vida; aqueles que a recusam serão submetidos à morte, e a morte os pegará distraídos. Mesmo a vida deles será uma morte em vida. É a Lei da Luz, e aqueles que a recusam se tornam assim escuros para sempre.

(48) De fato, foi só quando a Palavra dele se tornou contérmina com Ele Mesmo e Seu Universo que todas as idéias alienígenas perderam significado para ele.

Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei! Recusai isto, e caireis sob a maldição do destino. Dividi-reis a vontade contra si mesma: o resultado é impo-tência e conflito, conflito vão. A Lei não condena nin-guém. Aceitai a Lei, e tudo é legítimo. Recusai a Lei, vos colocais fora de sua proteção. É a Lei que Jesus Cristo, ou antes, a tradição gnóstica da qual a lenda do Cristo é uma degradação, tentou ensinar; mas quase toda palavra que ele (49) disse foi mal interpretada e corrompida por seus inimigos, particularmente aqueles que se intitularam seus discípulos. Em qualquer caso, o Aeon passado não estava pronto para uma Lei de Li-berdade. De todos os seus seguidores, somente Santo Agostinho parece ter tido talvez um vislumbre do que ele quis dizer.

Uma outra tentativa de ensinar esta Lei foi feita através de Sir Edward Kelly no fim do século dezesseis. A opressão da ortodoxia impediu que as palavras dele fossem ouvidas, ou compreendidas. Em muitas outras fórmulas o espírito da verdade tem golpeado o homem, e sombras parciais desta verdade têm sido as maiores aliadas da ciência e da filosofia. Apenas agora o sucesso

(49) Consulte-se Liber 888, "O Evangelho Segundo São Bernardo Shaw", um estudo do Novo Testamento por A Bês-ta 666, onde é provado que "Jesus" é uma figura composta de diversos elementos incompatíveis. Não há, portanto, ne-nhum "ele" no caso. Os Evangelhos são uma crua compila-ção de Gnosticismo, Judaísmo, Essenismo, Hinduísmo, Budis-mo, com as palavras de passe de diversos cultos sacerdotais-políticos atrados juntos ao acaso com uma mistura das len-das deformadas dos personagens do Panteão Pagão; tudo gru-dado com um simulacro de unidade com o interesse de apoiar a teia sacudida das fés locais contra os assaltos da consoli-dação da civilização, e de aplicar o princípio de cooperação a "negócios" que a competição estava destruindo.

foi alcançado. Um perfeito veículo foi encontrado, e a mensagem foi entesourada numa caixeta ourivesada; quer dizer, num livro com a injunção: "Não mudes sequer o estilo de uma letra". Este livro está reprodu-zido em fac-simile, a fim de não haver possibilidade de corrompê-lo. Aqui, então, temos a base firme de uma perspectiva definida para a fundação de uma religião universal (50).

Possuímos a Chave da solução de todos os proble-mas humanos, tanto os filosóficos quanto os práticos. Se pareceu ao leitor que nos esforçamos demasiado por prová-lo, nosso zelo deverá explicar nossa falta; pois bem sabemos o que está escrito no Livro:

"Sucesso é vossa prova."

Não necessitamos mais do que de uma testemunha: chamamos o Tempo, para que testemunhe quanto à Verdade de nossa causa.

(50) N.T.: Isto absolutamente não quer dizer que ou-tras religiões serão abolidas ou perseguidas; a Lei é para todos. Veja-se nossa nota ao Comentário de AL III, 2.

NOTA FINAL

O movimento a que esta publicação pertence está representado atualmente por três ordens iniciáticas, a saber: a A.:. A.:. , a Ordem de Télema, e a O.T.O.

A A.:. A.:. (cujas iniciais foram interpretadas no passado como **Argentum Astrum** — Estrela de Prata — e **Adeptos Atlantes e Alcoólicos Anônimos**, mas representam tudo isto e mais que isto, sendo o verdadeiro significado do Nome da Ordem incompreensível aos profanos) é uma Ordem de trabalho individual em cadeia, na qual membros abaixo de um certo grau só conhecem aqueles que os introduziram e aqueles a quem introduzem. Está dividida em dez graus hierárquicos e três estágios intermediários, a saber: **Probacionista**, Neófito, Zelador, Prático, Filósofo, **Dominus Liminis**, Adepto Menor, Adepto Maior, Adepto Isento, **Bebê do Abismo**, Mestre do Templo, Magus e Ipsissimus. A presente publicação é uma iniciativa da A.:. A.:. , que aceita tanto homens quanto mulheres.

A Ordem de Télema só podem pertencer membros da A.:. A.:. a partir do Grau de Zelador, e detalhes de sua organização não são, portanto, revelados em público.

A O.T.O. (Ordo Templi Orientis) é uma ordem maçônica, isto é, de trabalho coletivo, dividida em onze graus e três círculos: Externo, Interno e Secreto. A O.T.O. foi uma das primeiras ordens do passado Aeon de Virgo-Pisces a aceitar a Lei de Télema promulgada pela A.: A.:, reformulando-se de acordo. Também a O.T.O. aceita tanto homens quanto mulheres.

Interessados em contato com a A.: A.: poderão dirigir cartas aos seguintes endereços:

Caixa Postal 14667, Rio de Janeiro 20000, RJ.

Caixa Postal 1844, Belo Horizonte 30000, MG.

Caixa Postal 8387, Z.C. 85800 — Cascavel, PR.

Interessados em contato com a O.T.O. poderão dirigir cartas aos mesmos endereços. Residentes na cidade de São Paulo poderão também dirigir-se ao Dr. Oseas Saturnino de Almeida, Rua Rafael de Barros 185, Apto. 92, Paraíso.

As cartas devem ser acompanhadas de envelopes já endereçados e com selos suficientes para resposta. Reservamos o direito de não responder cartas que não obedçam a esta condição, ou que não sigam as regras da boa educação.

Em matéria de ocultismo o charlatanismo impera. A fim de evitar que inocentes sejam vitimados por gente sem escrúpulos, julgamos melhor apor a este livro os nomes de legítimos representantes do movimento iniciado por Aleister Crowley ou TO MEGA THERION (666), A Grande Besta, Magus do Aeon de Aquário-Léo, Ipsissimus da A.: A.:, Fundador da Ordem de Télema, Cabeça Externa da O.T.O. sob o Nome BAPHOMET IXº, Xº e XIº O.T.O.

No Brasil: Marcelo Motta, Magister Templi e Prae-

monstrador Mundial da A.: A.: no presente, foi recebido na Ordem de Télema por THERION e iniciado no IXº O.T.O. por Karl Johannes Germer (Frater SATURNUS Xº O.T.O.), Cabeça Externa da O.T.O. após a morte de Aleister Crowley (que o designou por testamento e a viva voz antes de morrer). Marcelo Motta subsequentemente alcançou o XIº O.T.O. sob a tutela de Frater SATURNUS, e é conhecido na O.T.O. como PARZIVAL XIº. Marcelo Motta é o responsável pelo trabalho da O.T.O. no Brasil, com patente de SATURNUS Xº, e os endereços dados neste livro estão sob sua autoridade.

Nos Estados Unidos da América: Mr. Grady Mc Murtry, que é Chefe de Loja e recebeu o IXº O.T.O. diretamente de BAPHOMET XIº, tendo sido confirmado por SATURNUS Xº. Também Mrs. Helen Smith, Chefe de Loja, recebeu o IXº O.T.O. de seu esposo e Chefe de Loja Wilfrid Smith, IXº O.T.O., que por sua vez recebeu-o diretamente de BAPHOMET XIº, tendo ambos sido ratificados subsequentemente por SATURNUS Xº. Tendo Mr. Smith falecido, Helen Smith assumiu Chefia da Loja sob responsabilidade de seu marido, com o conhecimento e assentimento de SATURNUS Xº.

Pertenceram à O.T.O., mas foram expulsos por conduta indigna os seguintes elementos:

Na Inglaterra: Kenneth Grant, IIIº O.T.O. por autoridade de SATURNUS Xº, foi expulso da Ordem em 1955 pelo mesmo SATURNUS Xº, sendo a devida circular de aviso enviada a todos os Irmãos legítimos. Kenneth Grant tinha autoridade de SATURNUS Xº para trabalhar exclusivamente com os Três Primeiros Graus, ou o Círculo Externo, da O.T.O. Com o falecimento de Frater SATURNUS, este mesmo Kenneth

Grant se atreveu a utilizar os rituais que originalmente recebera para fingir-se de Cabeça Externa da O.T.O. Este charlatão não está de forma alguma ligado ao movimento original, mas aproveita-se do fato que a sigla O.T.O. é de domínio público para tirar dinheiro dos incautos. (1)

No Brasil: Euclides Lacerda de Almeida, III^o O.T.O. por decisão de PARZIVAL XI^o, trabalhou como discípulo deste por vários anos antes de lhe ser confiada uma patente dando-lhe autoridade para estabelecer o movimento do Circulo Externo da O.T.O. no Brasil. Tendo sido suspenso da Ordem em 1975 por má conduta, deixou-se obcecar pelo ego e demitiu-se. Procurou ligação com Kenneth Grant, cujo endereço lhe havia sido dado por PARZIVAL XI^o como ordália, e agora busca estabelecer o movimento charlatanesco e espúrio do inglês, utilizando documentos nem de sua propriedade nem de sua autoria.

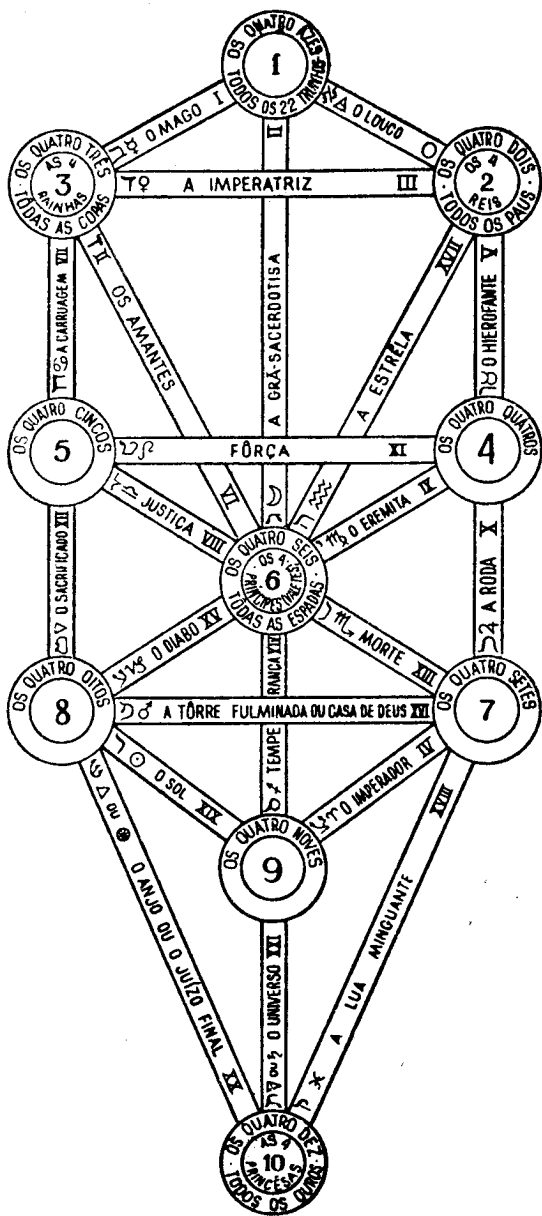
Na Suíça: Joseph Metzger, X^o e Rei Suíço da O.T.O. por decisão de Frater SATURNUS X^o, foi suspenso da O.T.O. em 1963 por se nomear a si mesmo Cabeça Externa da Ordem, com a conivência dos membros de sua própria Loja, e expellido do Santuário da Gnose por PARZIVAL XI^o em 1964 por persistir em sua

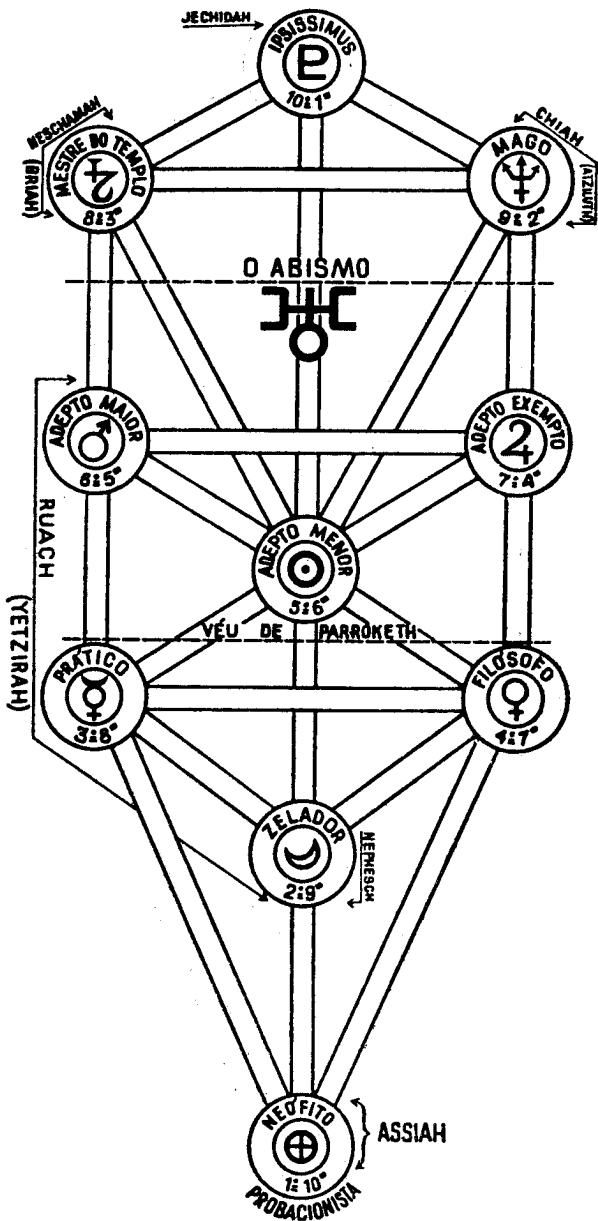
(1) Veja-se *Ritual Magic in England*, de Francis King, assim como *The Secret Rituals of the O.T.O.*, do mesmo autor, para maiores detalhes. Ambos estes livros podem ser obtidos de Samuel Weiser, Inc., 625 Broadway, New York, NY 10012, U.S.A., livraria editora e distribuidora especializada em ocultismo.

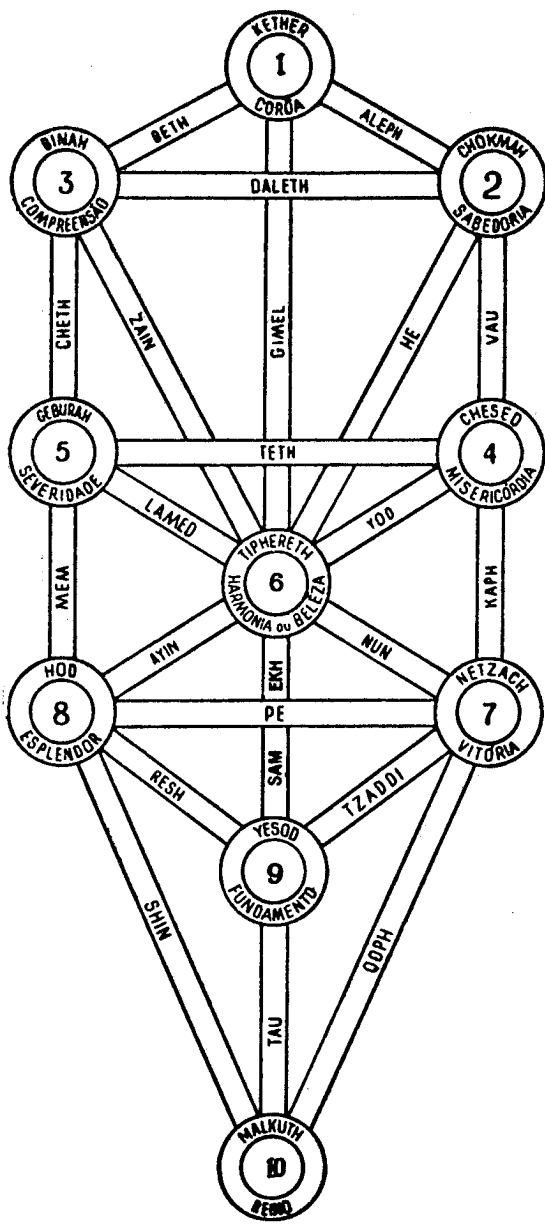
charlatanice a despeito da desaprovação de todos os representantes legítimos em outros países. (2)

Movimentos coletivos no plano físico estão sempre sujeitos a manifestações de corrupção. Portanto, na O.T.O., Autoridade vitalícia é raramente outorgada, e somente a membros do Circulo Interno. Qualquer patente está sujeita à Autoridade da Cabeça Externa da Ordem ou à de seus representantes, e pode ser revogada caso o outorgado demonstre sinais de desonestidade, indisciplina, ou obsessão egóica.

(2) Devido à desordem produzida por estes e outros charlatães, foi julgado conveniente publicar os Rituais a que eles tinham acesso, o que foi feito em *The Secret Rituals of the O.T.O.*, de Francis King. Mr. King não é um Irmão da O.T.O., mas apenas um literato que foi encarregado deste trabalho. Quanto à legítima Autoridade da O.T.O., da A. A. e da Ordem de Télema, leitores sérios poderão consultar *The Commentaries of AL*, por Aleister Crowley e Marcelo Motta, seção *The O.T.O. Manifesto*, pp. 269-272, editado por Samuel Weiser, Inc. em 1975.







FACSIMILE
DO
MANUSCRITO DE AL

Had! The manifestation of Nuit

The mobilizing of the company of beaver

Every man and every woman is a star

Every number is infinite: there is no difference

Help me, O warrior lord of Thebes, in my
mobilizing before the Children of men

Be thou Hadit, my secret center, my
heart & my tongue.

Behold! it is revealed by Anvaras the
minister of Had-pas-bract

The Khabs is in the Khabs, and the Khabs in
the Khabs

Worship I then the Khabs, and behold my
light shed over you.

Let my servants be few & secret: they shall
 rule the many, the known.

These are fools that men adore; both their
 Gods & their men are fools.

Come forth, O children, under the stars
 & take your fill of love. I am above you
 and in you. My ecstasy is in yours. My
 joy is to see your joy.

v. l. of Spell called the Key.

Now ye shall know that the chosen
 priest & apostle of Infinite Space is
 the prince-priest-the Beast and in

his woman called the Scarlet Woman, is
 all power given. They shall gather my
 children into their fold: they shall bring the
 glory of the stars into the hearts of men.

For he is ever a sun, and she a moon. But
 to him is the winged secret flame and
 her the stopping starlight.

But ye are not so chosen

Draw upon their horns, O splendid serpent!

O eagle-eyed woman, bend upon them!

The key of the rituals is in the secret word
 which I have given unto him

With the God & the Address I am nothing: they
do not see me. They are as upon the earth
I am Heaven, and there is no other God
than me, and my Lord Hadit.

Now therefore I am known to ye by my
name Nuit, and to him by a secret name
which I will give him when at last he
knoweth me

Since I am Infinite Space and the Infinite
Stars - therefore do ye also thus. Build
nothing! Let there be no difference made
among ye between any one thing & any

other thing; for thereby there cometh the hurt.

But whose availeth in this let him be
the chief of all!

I am Nuit and my word be six and fifty
Divide, add, multiply and understand.

Then saith the prophet and slave of the
beautiful one, Who am I; and what shall
be the sign. So she answered him, bending
down, a lumbent flame of blue, all-touching
all penetrant, her lovely bands upon the
black earth - her little body arched for love
and her soft feet - not hurt as the

"The flowers Thou knowest! And the sky
 shall be my ecstasy, the consciousness of
 the continuity of existence, ~~the unbroken~~
^{the omnipresence of my body's} ~~the unchanging~~
~~has above. Part of my immortality.~~

~~Write this in white words~~ | One letter as
 above.

~~But go forth a~~

Then the priest unmailed & said unto
 the Queen of Speme, kissing her lovely brows
 and the dew of her light looking his whole
 body in a sweet-smelling perfume of sweet
 O Nit, continuous one of Heaven, let it

be ever thus that men speak not of
 thee as One but as None and let
 them speak not of thee at all since
 thou art continuous.

None, deathed the light, faint & fairy, I
 the stars and two. For I am divided
 for love's sake, for the choice of union.

This is the creation of the world that
 the pain of ~~division~~ ^{division} is as nothing and
 the joy of dissolution all.
 For these fools of men and their

8
lives are not there at all! They feel
little; what is, is balanced by weak
joys: but ye are my chosen ones.

O obey my prophet! follow out the
oracles of my knowledge! seek me
only! Then the joys of my love will
redeem ye from all pain. This is
so: I swear it by the vault of my
body; by my sacred heart and tongue;
by all I can give, by all I desire of
ye all.
Then the priest fell into a deep trance or

9
Lorvon said unto the Queen of Heaven
Write unto us the oracles write unto
us the rituals write unto us the law.

But she said the oracles I write not
The rituals shall be half known and
half concealed: the law is for all
Thus that thou writes it is the third
Book of Law

My scribe Halkuf-na-khousa the
priest of the princes shall not in me
alter change his work; but lest there
be folly, he shall comment thereupon
by the wisdom of Ra-stov-Rhau-it.

Also the mantras and spells; the
 oaths and the wavya; the work of
 the wand and the work of the
 sword: these he shall learn and teach.
 He must teach; but he may never sever
 the oracles.

The word of the Law is *Detyud*.
 Who calls us Pellenites will do us
 wrong, if he look but close into the
 word. For there are these Three
 Grades, the Hermit and the Lover and
 the man of Earth. Do what thou wilt

shall be the whole of the Law.
 The word of Sin is Restriction. O man!
 refuse not thy wife if she will. O
 lover, if thou wilt, depart. There is
 no bond that can unite the divided but
 love: all else is a curse. Accursed!
 accursed! be it to the aeons. Hell.
 Let it be that state of many hood
 bound and loathing. So with thy all
 thou hast no right - but to do thy will
 O that and no other shall say nay.
 For pure will, unassayed of purpose,

delivered from the best of result, is
every way perfect.

The Perfect and the Perfect are one
Perfect and not two; nay, are more!
Nothing is a secret key of this law
Sixty - one the Jews call it; I call it
Eight, eighty, hundred & eighty.
But they have the half: unite by three
out so that all disappear.

My prophet is a fool with his one one
one: are not they the Ox and use
by the Book.

Abrogate^{all} all rituals, all ordeals all
words and signs. Ra-Hor-khuit-hak
taken his seat in the east - at the Equinox
of the Gods and let Hsu be with Isa
who also are one. But they are not of
me let Hsu be the adorant, Isa the
sufferer; Hor in his secret name and
splendour is the Lord in itiating.
There is a word to say about the Hierophantic
(25). Behold! There are three ordeals in
one, and it may be given in three ways.
The gross must pass through fire; let the

fine be tried in intellect, and the
 lofty more & ones in the highest. Thus
 ye have star & star system & system
 let not me know well the other.

There are four gates to one palace;
 the floor of that palace is of silver and
 gold, lapis lazuli & Jasper are there, and
 all rare scents yasmine & rose, and the
 emblems of death. Let him enter in them
 or at once the four gates; let him stand
 on the floor of the palace. Will he
 not sink? Anna. Ho! warrior, if thy
 servant sink? But there are means

and means. Be goodly therefore: dress ye
 all in fine apparel eat rich foods and
 drink sweet wines and wines that foam.
~~Let~~ Also, take ye joy and will of
 love as ye will, when, where and with
 whom ye will. But always unto me.
 If this be not aright; if ye compound
 the space-marks, saying: They are me
 or saying They are many; if the ritual
 be not ever unto me: then expect
 the dreadful judgments of Re. How thinkest
 This shall regenerate the world, the little

would my sister, my heart & my tongue,
 unto whom I send this press. Also, o
 scribe and prophet though thou be of the
 princes it shall not assuage thee nor
 absolve thee. But rest thy be thine and
 joy of earth: ever To me To me
 Change not as much as the style
 of a letter; for behold thou o prophet
 shalt not behold all these my stanzas
 hidden therein.
 The child of my Rowels, he shall behold
 them.
 Expect him not from the East nor from

the West, for from no expected house
 cometh that child. Ah! All words are
 sared and all prophets true; save only those
 they understand a little; so be the first
 half of the equation, leave the second
 unatalked. But thou hast all in the
 clear light, and some though not all in the
 dark.

I woe me under my stars. Love is the
 law, love under will. No let the fools
 mistake love; for there are love and love.
 There is the dove and there is the serpent.
 Choose ye well! He, my prophet, hath

Chosen, knowing the law of the fortress
 and the great mystery of the House of God
 All these old letters of my Book are
 aught; but \mathcal{E} is not the star. This
 also is secret: my prophet shall reveal
 it to the wise.

I give unimaginable joys in earth: certainty,
 not faith, while in life, upon death; peace
 unutterable, rest, ecstasy: nor do I demand
 aught in sacrifice.

My incense is of resinous woods & gums
 and there is no blood therein: because of
 my hair the trees of Eternity.

My number is 11, as all their numbers
 who are of us. ^(lost) ^(shown) My colour is black. The
^{reshaped my star is} ^{The two pointed star, with a}
^{circle in the middle, & the circle is red}
 black, but the blue & gold are seen of the
 seeing. Also I have a secret glory for
 them that love me.

But to love me is better than all things: if
 under the night-stars in the desert than
 presently burnest mine incense before me
 in loving me with a pure heart. and the
 Serpent flame therein, thou shalt come
 a little to lie in my bosom. For me has
 wilt thou then be willing to give all:

but whoso gives me particle of dust
 shall lose all in that hour. Ye shall
 gather goods and store of women and
 spices; ye shall wear rich jewels; ye
 shall exceed the nations of the earth
 in splendour & pride; but always in the
 love of me, and so shall ye come to
 my joy. I charge you earnestly to come
 before me in a white robe and crowned
 with a high headress. I love you I love to
 you. Pale or purple, veiled or un-veiled,
 who are all pleasure and purple

and drunkenness of the unlearned shall
 desire you Put on the wings and arouse
 the coiled splendour within you: come unto me
 At all my meetings with you shall the
 priestess say - and her eyes shall burn
 with desire as she stands bare and rejoicing
 in my secret temple - To me! To me!
 calling forth the ^{flame of the} hearts of all in her
 love - chant.

Sing the rapturous love-song unto me!
 Burn to me perfumes! Wear to me jewels!
 Come to me, for I love you! I love you!

I am the blue-lidded daughter of sunset, I am
the naked brilliance of the robust trees in the
sky

To me! To me!

The Minutes of the Visit is at an
End.

1. Nu! the hiding of Hadit.

2. Come! all ye, and learn the secret that hath not yet been revealed. I Hadit am the complement of Nu my bride. I am not extended, and Khabs is the name of my house.

3. In the sphere I am everywhere, the centre, & she, the circumference, is nowhere found.

4. Yet she shall be known & seen.

5. Behold! the rituals of the old time are black. Let the evil ones be cast away; let the good ones be purged by the prophet! Then shall new knowledge go afloat.

6. I am the flame that burns in every heart of man, and in the ore of every star. I am

Life, and the giver of life; yet therefore is
the knowledge of me the knowledge of death.

7. I am the Magician and the Exorcist I am the
axe of the wheel, and the axle in the axle.

"Come unto me" is a fool's word; for it is I that

90

8 Who worshipped Heru-pa-kraath now
worshipped me; ill, for I am the worshipped.

9 Remember all ye that existence is true joy;
that all the sorrows are but as shadows; they
pass & are done; but there is that which
remains.

10. I prophet! Thou hast ill will to learn this
writing.

11. I see thee hate the hand & the pen; but I am

Stronger.

12 Because of me in thee which thou knewest not

13. For why? Because thou wast the sinner,
and me.

14. Now let there be a veiling of this thing: now
let thee light devout men and eat them
up with blindness.

15. For I am perfect, being Not; and my number
is nine by the fools; but with the just I am
eight, and one in right: Which is vital, for
I am none indeed. The Empress and the King
are not of me; for there is a further secret.

16 I am The Empress & the Herkphant. Thus
eleven as my bird is eleven.

17 Hear me, ye people of syhing!

The sorrows of pain and regret
Are left to the dead and the dying,
The folk that not know me as yet.

18 These are dead, these fellows; they feel not. We
are not for the poor and sad: the lords of the
earth are our kin folk.

19 Is a God to live in a dog? No! but the
highest are of us. They shall rejoice, our chosen,
who sorroweth is not of us.

20 Beauty and strength, leaping laughter and
delicious liquor, peace and fire, are of us.

21 We have nothing with the outcast and the wretched:
Let them die in their misery: for they feel
not. Compassion is the vice of kings: stand
down the wretched & the weak: thus is the
law of the strong: this is our law and the
joy of the world. Think not, kings, upon that
lie: That Thou Must Die: verily thou shalt
not die, but live! Now let it be understood
If the body of the King do soke, he shall remain
in presence of us under Night Handit Ra-Hoon
Kinnit. The Sun, I strength & light, Light these
are for the servants of the Star & the Snake

22 I am the Snake that with knowledge & delight
and night glory, and stir the hearts of men
with dumbness. To worship me take wine
and strange drugs whereof I will tell my
prophet, & be drunk thereof! They shall not
harm ye at all. It is a lie, this folly
against self. The exposure of in no sense
is a lie. Be strong, O man, lust, enjoy
all things of sense and rapture: fear not
that any God shall deny thee for this.

23 I am alone: there is no God where I am.

24 Behold! there be grave mysteries; for there
are also of my friends who be hermits. Now

think not to find them in the forest or on the
mountain; but in beds of purple, caressed by
magnificent hosts of women with large limbs,
and fire and light in their eye, and masses
of flaming hair about them; there shall ye
find them. Ye shall see them at rule, at
victorious armies, at all the joy; and there
shall hear them a joy a million times
greater than this. Beware lest any
force another, King against King! Love one
another with burning hearts; or the low men
to trample in the piece lest of you hide

in the day of your wrath.

25. Ye are against the people, O my chosen!
26. Can the secret Serpent ciled about to
spring: in my coiling there is joy. If I
lift up my head, land my Nint are one.
If I droop down mine head, and shoot
forth venom, then is rapture of the earth,
and land the earth are one.
27. There is great danger in me; for who doth
not understand. These runes shall make
a great mess. He shall fall down into
the pit called Because, and there he shall

penon with the dogs of Reason.

28. Now a curse upon Because and his kin!
29. May Because be accursed for ever!
30. If Will stops and cries Why, in asking
Because, then Will & Co. does no light.
31. If Power asks why, then is Power weakness.
32. Also reason is a lie; for there is a
factor in finite substance; & all their
words are skew-wise.
33. Enough of Because! Be he damned for a dog!
34. But ye, O my people, rise up & awake!
35. Let the rituals be rightly performed with
joy & beauty!

- 36 There are rituals of the elements and feasts of the times.
- 37 A feast for the first night of the Prophet and his Bride!
- 38 A feast for the three days of the writing of the Book of the Law.
- 39 A feast for Taluti and the child of the Prophet - secret, O Prophet!
- 40 a feast for the Supreme Ritual, and a feast for the Equinox of the Gods.
- 41 a feast for fire and a feast for water; a feast for life and a greater feast for death.

- 42 A feast every day in your hearts in the joy of my septime.
- 43 A feast every night unto Night, and the pleasure of uttermost delight.
- 44 Aye! feast! rejoice! there is no dread hereafter. There is the dissolution, and eternal rest in the house of Wa.
- 45 There is death for the dead.
- 46 Dost Thou fail? Art Thou sorry? Is fear in Thine heart?
- 47 Where I am these are not.

48 Pity not the fallen! I never knew them.
I am not for them. I console not. I hate
the unsoled & the unsole.

49 I am myre & myrror. I am not of the
slaves that perish. Is they damned &
dead! Amen. [This is of the 4: there is
a fifth who is invisible & therein am I
as a babe in an egg.]

50 Blue am I and gold in the light of my
haire: but the red gleam is in my eyes
& my spangles are purple & green.

51. Purple beyond purple: it is the light in the

than any sight.

52 There is a veil: that veil is black. It is
the veil of the modest woman; it is the veil
of sorrow, & the pall of death: this is none
of me. Tear down that lying spectre of
the centuries: veil not your vices in
virtuous words: these vices are my service;
ye do well, & I will reward you here and
hereafter.

53 Fear not, I prophet, when these words are
said, thou shalt not be sorry. Thou art
unflinchingly my chosen; and blessed art

the eyes that thou shalt look upon with
gladness. But I will hide thee in a

mask of sorrow: they that see thee shall
fear thou art fallen: but I lift thee up.

54 Nor shall they who cry aloud their folly
that thou meanest nought avail; thou
shalt reveal it: thou aviailest: they are
the slaves of because: they are not of
me. The stops as thou wilt; the letters
change them not in style or value!

55 Thou shalt obtain the order & value of
the English Alphabet; thou shalt find

new symbols to attribute them unto.

56 Begone! ye workers; even though ye laugh
at my honour ye shall laugh not long: then
when ye are sad know that I have
forsaken you.

57 He that is righteous shall be righteous still,
he that is filthy shall be filthy still.

58 Yeat! deem not of change: ye shall be as ye
are, & not other. Therefore the kings of
the earth shall be kings for ever: their trees
shall serve. There is none that shall
be cast down or lifted up: all is men

as it was. Yet there are washed men my
 servants: it may be that gonderbegan is
 a King. A King may choose his garment as
 he will: there is no certain test: but a
 beggar cannot hide his poverty.

59 Beware therefore! Love all, lest perdition is a
 King crested! Say ye so? Fool! If he
 be a King, thou canst not hunt him.

60 Therefore strike hard & slow and to hell
 with them, master!

61 There is a light before thine eyes & prophet
 a light undecided, most desirable.

62 I am uplifted in thine heart and the horses
 of the stars rain hard upon thy body.

63 Thou art exhaust in the voluptuous fullness
 of the aspiration: the aspiration is sweeter
 than death, more rapid and lengthful than
 a cavern of Hell's own worm.

64 O! Thou art overcome: we are upon thee;
 our delight is all over thee: hail! hail!
 prophet of Wa! prophet of Had! prophet of
 Ra - Hor - K - hu! Now rejoice! now come in
 our splendor & rapture! Come in our passionate
 peace, & write sweet words for the Kings!

- 65 I am the Master: Thou art the Holy Chosen One.
- 66 Write, & find ecstasy in writing! Work & be one bed in working! Thrill with the joy of life & death! Ah! Thy death shall be lovely: whose sees it shall be glad. Thy death shall be the seal of the promise of an eternal love. Come! lift up thine heart & rejoice! We are one; we are more.
- 67 Hold! Hold! Breathe up in thy rapture; fall not in sworn of the excellent robes!
- 68 Haider! Hold up thyself! Lift thine head!

- be not so deep - die!
- 69 Ah! Ah! What dost feel? / the word exhausted?
- 70 There is help & hope in other spells. Wisdom says: be strong! Then cannot thou be more joy. Be not animal; refine thy rapture! If thou drink, drink by the right and univ. rules of art: if thou love, exceed by delicacy; and if thou do aught joy us, let there be subtlety therein!
- 71 But exceed! exceed!
- 72 Strive ever to more! and if thou art true

wise - and doubt if not, an if thou art
ever joyous! - death is the worm of all

73 a h ihu! Death! Death! Thou shalt long for
death. Death is forbidden, o man, unto thee.

74 The length of thy longing shall be the strength
of its glory. He that lives long & desires
death much is ever the King among the King.

75 Aye! listen to the numbers & the words:

76 4638 A B K 24 A L G M O R 3 Y

x 24 29 R P S T O V A L. What

meaneth this, o prophet? Thou knowest
not, wouldst thou know ere. There
cometh one to follow thee: he shall

respond it. But remember, o chosen
one, to be me; to follow the line of

Thou art star-lit heaven; to look forth
upon men, to tell them this of God's word.

77 O be thou proud and mighty among men!

78 Lift up thyself! for there is none like unto
thee among men or among Gods! Lift up

thyself, o my prophet, thy name shall
surpass the stars. They shall worship thy
name, from square, mystic, wonderful, the
number of the man; and the name of

My house 418.

79 The end of the cutting of Hadith; and
blessing worship to the prophet of
the lovely Star.

1 Ahaashadbra! The sword of Ra Hoor Vituit.

2 There is division neither homeward; there is a word not known. Spelling is defunct; all is not aught Beware! Hold! Raise the spell of Ra - Hoor - Vituit.

3 Now let it be just understood that I am a god of War and of vengeance. I shall deal hardly with them.

4 Choose ye an island!

5 Fortify it!

6 Dug it about with engines of war!

7 I will give you a war-engine.

8 With it ye shall smite the people and

none shall stand before you.

2

9. Lurk! Withdraw! Upon them! This
is the Law of the Battle of conquest: thus
shall my worship be about my secret house
10. Get the steli of revealing itself; set it
in my secret temple - and that temple
is already aight disposed - & it shall be your
Kiblah for ever. It shall not fade, but
miraculous colors shall come back to it
day after day. Close it in locked glass for a
proof to the world.
11. This shall be your only proof. I forbid argument.
Conquer! That is enough. I will make eas

3

to you the abstraction from the ill-ordered
house in the Victorious city. Then shalt
myself convey it with worship, & prophet,
though thou livest it not. Then shalt have
danger & trouble. Ra-Hov-Khu is with
thee. Worship me with fire & blood; worship
me with swords & iron spears. Let the woman
be quit with a sword before me: let blood
flow to my name. Trample down the heathen, be
upon them, O warrior, I will give you of their
flesh to eat!

12. Sacrifice cattle little and big: after a child.

- 13 But not now.
- 14 Ye shall see that hour, O blessed Beast, and
 know the secret meaning of his desire!
- 15 Ye shall be sad thereof.
- 16 Beem not too eagerly to catch the promises; fear
 not to undergo the curses. Ye, even ye, know not
 this meaning all.
- 17 Fear not at all; fear neither men, nor Fates,
 nor gods, nor anything. Beware, fear not, nor
 laugh at the folk's folly, nor any other power
 in heaven or upon the earth or under the
 earth. None is your refuge as He that you

- light; and I am the strength, the power, the life of
 your arms.
- 18 Mercy let be off: damn them who pity.
 Kill and torture; spare not; be upon them.
- 19 That still they shall call the Abomination
 of Desolation; count well its name, & it shall
 be to you as 718.
- 20 Why? Because of the fall of Because, that
 he is not here again.
- 21 Set up my image in the East; then shalt buy
 there an image which I will show thee, especia-
 lly not unlike the one thou knowest. And it shall
 be suddenly easy for thee to do this.

22. The other images group around me to support me: let all be worshipped, for they shall cluster to exalt me. I am the visible object of worship; the others are secret; for the Beast & his Bride are they: and for the winners of the Ordeal &c. What is this? Thou shalt know.
- 23 For perfume use meal & honey & thick leavings of red wine: then oil of thyme and olive oil, and afterward soften & smooth down with rich fresh blood!
- 24 The best blood is of the moon, monthly: then the fresh blood of a child, or dropping from the

- host of heaven: then of enemies; then of the priest of the worshippers: last of some beast, no matter what.
- 25 This burn: of this make cakes & eat with me. This hath also another use; let it be laid before me, and kept thick with perfumes of your own: it shall become full of beetles as it were and creeping things sacred unto me.
- 26 These slay, naming your enemies & they shall fall before you.
- 27 Also there shall breed lust & power of lust in you at the eating thereof.
- 28 Also ye shall be strong in war.

29 Moreover, be they long kept, it is better; for
they swell with my force. All hearken me.

30 My altar is of open brass work: burn thereon
in silver or gold.

31 There cometh a rich man from the West who
shall pour his gold upon thee.

32 From gold forge steel:

33 Be ready to fly or to smite.

34 But your holy place shall be untouched
throughout the centuries: Though with fire and
sword it be burnt down & shattered, yet
an inviolable house there standeth and
shall stand until the fall of the Great

Equinox, when Hymachis shall arise and
the double-wounded one assume my throne and
place. Another prophet shall arise, and bring
fresh power from the skies; another woman shall
wake the lust-swordship of the Snake; another
soul of God and beast shall mingle in the
globed priest; another sacrifice shall stain
the tomb; another king shall reign; and blessing
no longer be poured To the Hawk-headed
mystical Lord!

35 The half of the word of Hym-ra-ha, called
Hoor-pa-kraut and Ra-hoor-Khant.

36 Then said the prophet unto the God.

37 I adore thee in the song
"I am the Lord of Thebes" &c from Vellum book
Unity

38 So that thy light is in me & its red flame
is as a sword in my hand to push thy
order. There is a secret door that I shall
make to establish thy way in all the quarters
(these are the adaptations, as thou hast written)
as it is said

"The light is mine" &c
from vellum book to "Ra-Hor-Khauet"

10

39 All this and a book to say how thou
didst come hither and a reproduction of
this with and paper for ever - for in it is
the word secret & not only in the English
and thy comment upon the Book of the Law
shall be printed beautifully in red ink and
black upon beautiful paper made by hand
and to each man and woman that thou
meetest, were it but to die or to drink
at them, it is the Law to give. Then they
shall chance to slide in this bliss or no;
it is no odds. Do this quickly!

40 But the work of the comment? That is easy; and

Hadit lying in Thy heart shall make swift
and leave Thy pen.

41. Establish at Thy Kaaba ^{-house} a clerks~~hip~~:
all must be done well and with business
way.

42. The ordeals Thou shalt oversee Thyself, save only
the blind ones. Refuse none, but Thou
shalt know & destroy the traitors. I am
Ra-Hoor-Khuit and I am powerful to protect
my servant. Success is Thy proof: argue not:
convert not. Talk not overmuch. Them
that seek to betray Thee, to overthrow Thee, then
attack without pity or quarter & destroy them
utterly Swift as a trodden serpent from.

and strike! Be thou yet deadlier than he!
& Drag down their souls to awful torment: laugh
at their pen: spit upon them!

43 Let The Scarlet Woman beware! If pity and
compassion and tenderness visit her heart
if she leave my work to toy with old
sweetnesses then shall my vengeance be
known. I will slay me her child: I will
alienate her heart: I will cast her out
from men: as a shivering and despised whorl
shall she crawl through dark wet streets, and
die cold and an-hungered.

44. But let her raise herself in pride. Let
 her follow me in my way. Let her
 work the work of wickedness! Let her kill
 her heart! Let her be loud and adulterous,
 let her be covered with jewels and rich
 garments, and let her be shameless before
 all men!

45. Then will I lift her to pinnacles of power.
 Then will I breed from her a child my lotter
 than all the kings of the earth. I will fill
 her with joy: with my face shall she see
 & strike at the worship of Me. She shall
 achieve Hadit.

46. I am the warrior Lord of the Forties: the
 forty-two come before me, & are abased.
 I will bring you to victory & joy: I will be
 at your arms in battle & ye shall
 delight to slay. Success is your proof;
 courage is your armour; go on, go on, in
 my strength eye shall turn not back for
 any.

47. This book shall be translated into all
 tongues: but always with the original in
 the writing of the Beast; for in the

16

dance shape of the letters and their
 position to me another: on these assumptions
 that no Beast shall divine. Let him
 not seek to try but me cometh after
 him, whence I say not, who shall
 discover the key of it all. Then
 this line drawn is a key: then this
 circle squared ⊕ in its future is a
 key also. And Abrahamah. It shall
 be his child & that strangely. Let him not
 seek after this; for thereby alone can he
 fall from it.

48 Now this mystery of the letters is done, and
 I want to go on to the broken place.
 49 I am in a secret fourfold word. The flesh they against
 all gods of men.
 50 Curse them! Curse them! Curse them!
 51 With my Ham's head I peck at the eyes of
 Jesus as he hangs upon the cross.
 52 I flap my wings in the face of Mohammed &
 blind him
 53 With my claws I tear out the flesh of the
 Indian and the Buddhist, Mongol and
 Din.
 54 Bahlasti! Duplehda! Spit on you

capulous creeds.

55 Let Mary inviolate be torn upon wheels:

for her sake let all chaste women be
afterly despised among you.

56 Also for beauty's sake and love's.

57 Despise all all cowards. professional soldiers
who dare not fight, but play: all fools despise

58 But the keen and the proud, the royal and
the lofty: ye are brothers.

59 As brothers fight ye.

60 There is no law beyond Do what thou wilt.

61 There is an end of the word of the God

enthroned in Ras's seat, lightening the guides
of the soul.

62 To Me do ye reverence; come come ye
through tribulation of ordeal, which is
bless.

63 The fool readeth the Book of the Law, and
its comment she understandeth it not.

64 Let him come through the first ordeal &
it will be to him as silver

65 Through the second gold

66 Through the third, stores of precious water.

67 Through the fourth, ultimate sparks of the
infinite fire.

- 68 Yet to all it shall seem beautiful. Its
 enemies who say not so, are mere liars.
- 69 There is success
- 70 I am the Hush-Headed Lord of Silence
 & of Strength; my reins, shroud the
 light-blue sky.
- 71 Hail! ye twin warriors about the pillars of
 the world! for your time is nigh at hand
- 72 I am the Lord of the Double Hand of Power
 the wand of the ^{force of Cophu Nica} ~~Cophu Nica~~ I but my
 left hand is empty, for I have created

- an Universe & wrought remainis.
- 73 Paste the sheets from right to left and
 from top to bottom: then behold!
- 74 There is a splendour in my name hidden
 and glorious, as the sun of midday, it is
 and the son
- 75 The ending of the words is the Word
 Abrahadabra.
- The Book of the Law is Written
 and Concealed
 Ann. Ha.



Obverso

𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗
𐎎𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗𐎗

Reverso

⊙ אלהים 3-41593-π até 6 decimais

האד = HAD = 11 em cheio 555 = 5 energia

א ל = 31. ל א = 31

⊙ ⋄ (=6) = XX + XI = 31

⊃ ⋄ = 309 = XX + XI

H KOKKINH ΓΥNH = 667 = HKΓ = 31

⋄ ⋄ = NU = 56.

161 C O P H N I A כה = 100 = א י ך = 61

כה em cheio = ⊕ + ⊕ em q = 9 (2-46-47)

AIWASS AIVAS = 78 (erro de 666)

Ta-Nish TANICH = 78 ou

Sh para Ch de 370. OSh, Criação

⋄ ⋄ AIWAZ = 93.

⊙ ΕΛΗΜΑ = 93 em cheio 2542 } ¹³ ₃₉

ΛΟΓΟΣ ΠΥΘΙΟC ΤΟΥ ΝΟΜΟΥ } ₃₉

ΛΓΑΠΗ = 93.

M...M = 93.

III...+++ = 93.

עבא = 93 Vontade; Estrela; Hoste.

Montu MVNTV = 111

RPST = 311

⋄ ⋄ ⋄ = KHABS = 311 = BHTA.

AIACC: AIWASS = 418

RPSTOVAL ⋄ ⋄ ⋄ = 418.

ABRAHADABRA = 418

Ch = 8: Ch I Th = 418: ABRAHADABRA

= RA - HVVR (RA-HOOR).

ΠΑΜΑC ΑΘΗΝΗ = 418.

TO MH = 418.

PARZIVAL = 418.

⋄ ⋄ ⋄ (⋄ = 8 em cheio) = 418.

st BeIsayfa ביהושע שאיפא = 418.

HRV-RA-HA = 211 + 201 + 6 = 418

הרז = HERU = 211

א ר = RA = 201

א ה = HA = 6

הור = HOOR = 217

א ר = RA = 201

⋄ ⋄ = KHU = 26

NOMOC = 430

MOY = 510 = ΦΙ = 7

⋄ ⋄ ⋄ = THERION = 666.

TO MEGA ΘHPION = 666.

KAMURET = 666

666-0 número da ESTELA

o número de A BESTA O

número de O HOMEM ^{veja} APOCALIPSE

A BESTA ACHHA = 666 em cheio.

(Grafia usual é CHIVA)

A = 111 Ch = 418 | 20 H = 6 A = 111

O A no Livro de Thoth (O Tarô)

A = 111 ⊙ = 6

ANKH-F-N-KHONSHU-T = 666.

Nuteru NVThIRV = 666.

CTHΛH 666 = 52 + 666 = 718

Bes-n-maut BISH NaMAVT = 888

Ta-Nich Th A-NICH } Ch x A

ΛΟΓΟΣ ΠΥΘΙΟC = Plava = 1142

ΛΓΕ ΤΟ ΘΕΛΗΜΑ COY = 1142

ALGUMAS INDICAÇÕES AO ESTUDANTE

DA LINHA A ADOTAR NA ELUCI-
DAÇÃO DE

LIBER AL

Composto e impresso na
GRÁFICA EDITORA ARTE MODERNA LTDA.
Avenida Mem de Sá, 236 — Rio de Janeiro
Tel.: 232-4656